

A Defeza Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Redactores: BERTHOLDO KLINGER, E. DE LIMA E SILVA e POMPEU CAVALCANTI

N.º 25

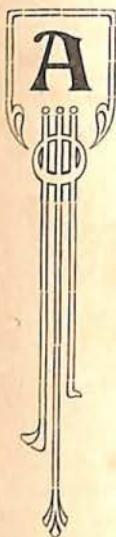
Rio de Janeiro, 10 de Outubro de 1915

Anno III

Para attender em parte á forte
affluencia de collaboração sae este nu-
mero augmentado de 16 paginas.

EDITORIAL

Nosso segundo anniversario.
E nós proseguiremos...



DEFESA NACIONAL enceta com o
presente numero o seu terceiro
anno de existencia.

Si é possivel aquilatar, pela
affluencia de collaboradores e pelo
numero sempre crescente de assin-
turas, a aceitação que a nossa
Revista encontrou, nada mais ani-
mador para os nossos ideaes do
que essas provas concretas que
se avolumam e que, desde o seu
inicio até hoje, vem a *Defeza*
ininterruptamente recebendo.

Mas uma revista que surgiu
do arrojo de um pequeno grupo
de officiaes e se firmou logo aos primeiros
passos pelo decidido apoio de quasi mil,
não se manteve, incontestavelmente, em uma
época que tanto se distancia da dos Me-
dicis, pelo valor intrinseco que por ven-
tura pudesse ter esse nucleo.

Para o Exercito, mais do que para os
"mantenedores" desta Revista, que se im-
personalisam e desapparecem, este aconte-
cimento é verdadeiramente um bom aus-
picio.

Afigura-se-nos demasiadamente cedo
para pretendermos, num exame retrospec-
tivo desses dois annos de trabalhos, en-
carecer o que a Revista tenha realizado,
quer pelo lado puramente profissional, di-
vulgando valiosos conhecimentos no domi-
nio militar, quer pelo lado politico e social,
no que se liga á efficiencia da instituição
a que nos orgulhamos de pertencer.

Para uma corporação que tem ainda
hesitantes os seus passos nessa technica
complicadissima que caracteriza os exerci-
tos modernos e que exige um estudo de-
talhado e difficultoso, desde o elemento *homem*
até o manejo em conjunto dos mais aper-
feiçoados engenhos e a concepção das
mais previdentes organizações, a grande
copia de conhecimentos com que contribuiram
os nossos collaboradores não será
de modo algum para se desdenhar. To-
davia, muito é de esperar ainda do estudo
desenvolvido, da assiduidade e convergen-
cia de seus esforços.

Sob o outro aspecto, que poderá ter
realizado a *Defeza* em prol de um empre-
hendimento de tanta magnitude e que, no
seu completo exito, significa harmonia de
vistas, devotamento ao trabalho, espirito
de classe, unidade de doutrina?

A despeito da sensivel transformação
de nossos habitos, hoje mais apurados e
methodicos; não obstante a incontestavel
influencia que as classes armadas exercem
na vida politica do paiz, onde ainda se
não definiu bem o vocabulo *militarismo*,
forçoso é reconhecer que os militares não
ocupam no conceito e hierarchia sociaes

o logar que por dever e por função lhes compete preencher.

Não procuremos, alvos, entretanto, para as nossas censuras nem victimas para o nosso desafogo. Balbuciemos de preferencia um contricto *Mea culpa!*

Pois que é preciso fazer que os nossos dirigentes conheçam o estado, as necessidades do Exercito e se interessem pela resolução dos problemas de nossa defesa; e, por outro lado, é imprescindivel que nos imponhamos ao conceito nacional como uma escola de trabalho e de civismo, encaremos com serenidade e decisão, o que é necessário emprehender.

Sobretudo, não nos entreguemos ao desalento que avassala nove decimos de brasileiros. Representantes da força material, sejamos tambem o exemplo da energia moral que se torna mistér para os grandes commettimentos.

Si ha um superior interesse em comprovar que não fazemos "phrases retumbantes" mas um trabalho animado, perseverante, posto que obscuro, concitemos a que venham ás nossas casernas, em horas diferentes, aquelles que contra nós e contra a Patria conspiram em projectos de leis iniquos, criminosos, como por exemplo, esse da reducção de nossos já reduzidissimos effectivos.

No momento, aliás, em que as grandes nações da Europa empenham os seus exercitos — o proprio povo, em uma lucta de gigantes, onde o heroísmo, o desprendimento pela vida se tornou um facto banal sob a metralha inexoravel e a crueza de um terreno revolto, eriçado de obstaculos e minado de perfidias, um semelhante desalento tirar-nos-ia a razão de viver.

Em que pese aos scepticos e aos fracos de animo que immobilisam o paiz num exhalar de queixumes, não é nas invectivas, nos apodos que está a "salvação do Brasil". Tampouco nas insurreições, — a mésinha infallivel dos aventureiros e de alguns nobres e bellicosos visionarios.

Não pregamos daqui evangelhos nem

nos arvoramos siquer em psychologos communs.

Quer nos parecer, porém, que si muita cousa de máo e de criminoso se ha feito em nosso paiz com a acquiescencia tacita de toda a nação, é indubitavelmente porque o meio o comporta.

Cuidemos com sinceridade da instrução e da educação de nosso povo assim como as grandes nacionalidades nos dão magnificos exemplos.

Não o aviltemos mais com essa campanha realista que já se incorpora aos nossos habitos e que, visando abater individualidades, deprimiu a propria nação!

Espalhemos idéas e não improperios.

Si queremos ser um povo forte, consciente e digno, e não um paiz humilhado sob uma alarmante perspectiva, começemos por impôr o ensino primario por toda a parte e implantemos, como nol-o suggestiona a Inglaterra penitenciada, o serviço militar obrigatorio.

Foi assim, fiel ao nosso programa de vida, "raciocinando e não contundindo" sentindo com o Exercito, pelo Exercito e para a Patria, que chegamos até aqui.

Não vogamos á mercê de idéas dispersas e por isso chamaram-nos "dogmáticos." Pugnavamos pelo cumprimento honesto e consciente de nossos regulamentos, sem preocupações de ataque ou de lisonja.

Aquelles que com indiscutivel cultura e ponderado criterio nos poderiam esmagar pela desaprovação á nossa conducta ou á velleidade de nossos anhelos e pretenções, acharam-nos sinceros e coerentes. Delles temos o apoio.

E nós proseguiremos.

Uma velha verdade á luz

da guerra européa

A garantia unica da integridade, da honra e dos interesses de uma nação consiste nas forças armadas que ella pode pôr em pão de guerra e quanto melhor aparelhadas e preparadas estiverem essas

forças para a luta, tanto mais effcaz será essa garantia.

Eis ahí uma velha verdade apontada pela historia e que ainda não chegou até nós, apezar de estar sendo escripta com letras de sangue no solo da Europa.

A Belgica, escudada num tratado, não se preparou como podia e devia, nem quiz ouvir os conselhos que lhe foram dados. Desse modo, ella que poderia ter jogado contra o invasor de 1914 cerca de 600.000 soldados, não teve para secundar a acção de suas praças fortes sinão cerca de 200.000, cuja acção deixou bem patente que si seu numero fosse triplicado, outro teria sido o resultado dessa invasão: a Alemanha teria que atacal-a com efectivos pelo menos duplos daquelles com que o fez, o que exigiria mais tempo, tornando possível o socorro franco-inglez em condições muito superiores ao que lhe foi prestado.

Quanto teria custado á Belgica o preparo e apparelhamento de mais esses 400.000 homens? Muito menos do que os milhões que pagou em contribuições de guerra, muito menos do que os prejuizos que lhe causaram o ferro e o fogo inimigos, muito menos do que todas as angustias que está soffrendo diante desse tremendo ponto de interrogação que é a sua existencia como nação independente.

Note-se, porém, que para dispor no momento preciso desses 600.000 soldados, sem grandes sacrificios, bastava que a Belgica tivesse estabelecido em tempo entre o povo e o exercito essa osmose vivificante que se chama — serviço militar obrigatorio.

A Servia com uma população muito inferior á da Belgica, procedeu de modo diverso e diversos foram os resultados.

Tornada completamente independente em 1878 pela intervenção da Russia, já em 1886 era uma realidade a sua organisação militar.

Os seus invasores de 1914 não encontraram, como na Belgica, milhares de cidadãos inaptos para a defesa nacional ou, o que é o mesmo, fazendo parte de guardas civicas locaes que, para evitar sacrificios inuteis, eram licenciados quando o invasor se approximava: a invasão austriaca encontrou a Servia em armas, graças ao serviço militar obrigatorio.

O 6º exercito austriaco foi completamente destroçado na batalha de Rudnik e,

arrastando o 5º exercito em sua derrota, fugiram ambos do territorio sérvio deixando mais de 60.000 prisioneiros.

Que bella comparação paça nós, que não sahimos desta "pasmaceira revoltante" na phrase justa de Floriano Erito.

Meditem sobre ella os convencidos de que a guerra européa acabará com o que chamam "militarismo", enquanto não nos disserem quem garantirá o fiel cumprimento das clausulas do tratado ou tratados que puzérem fim a esse conflito sem precedentes na historia, porque ellas não podem agradar a todos...

Ninguem ignora que a França, ao rebentar a guerra, não possuia fuzis em numero sufficiente para armar todos os seus filhos que correram ás armas e que a sua esquadra, que em 1870 manteve a allemã encerrada em seus portos, descera a ocupar o 5º lugar entre as esquadras das outras potencias, ao passo que a allemã subira a occupar o 3º.

A sua artilharia pesada era reconhecidamente inferior á allemã sob diversos pontos de vista. A sua fronteira norte não se achava devidamente fortificada, apezar dos perigos dahi resultantes terem sido em tempo apontados por officiaes do exercito.

Grande numero de generaes não estavam á altura de semelhante posto, tanto que foram reformados ou afastados dos respectivos commandos durante as operações. O seu exercito não possuia um alto commando organizado desde o tempo de paz, condição indispensavel á obtenção do maior rendimento dessa machina formidável, porque esse maior rendimento só pode ser obtido por quem a conhece bem nos seus menores detalhes e tem estudado as diversas eventualidades que podem se apresentar.

A falta desse alto commando e as consequencias funestas que dahi decorreriam em caso de guerra com a Alemanha, foram judiciosamente analysadas pelo general Zurlinden no «Le Figaro», mais de tres annos antes da guerra.

Porque a França não removeu em tempo esses factores de insuccesso, sendo certo que a remoção de muitos delles era uma questão de dinheiro, elemento que absolutamente não lhe faltava, á vista da sua excellente situação financeira e do seu colossal thesouro de guerra?

Segundo as linhas e entrelinhas escriptas a tal respeito desde antes da guerra,

somos forçados a concluir que isso foi devido á politicagem e ás mal entendidas economias impostas pelo parlamento contra a opinião dos generaes. O ex-ministro de Lanessan escreveu nesse sentido verdades que estão brilhando intensamente.

A Allemanha mostrou ao mundo, de uma maneira brilhantíssima, quanto vale o completo pre�aro e apparelhamento de uma nação para a lucta e que o dinheiro empregado nisso dá excellentes resultados na paz e incalculáveis na guerra. Mostrou tambem que esse completo pre�aro e apparelhamento não é incompatível com o maximo desenvolvimento da nação em todos os ramos da actividade humana e provou á saciedade que a simples superioridade numerica não vence batalhas.

Qual é a base desse poder militar da Allemanha?

Todos nós o sabemos: é o serviço militar obrigatorio, do qual o inglez M. Schadnell disse o seguinte, em uns notáveis artigos publicados em 1904 no «Times», encarando a Allemanha sob o ponto de vista industrial:

«O resultado mais suprehendente do serviço militar é talvez a sua utilidade sob o ponto de vista do desenvolvimento phisico, em consequencia dos exercícios e da regularidade de vida. O exercito transforma um rapaz sem vigor e atrophiado em um homem robusto e bem posto, com bons pulmões e membros desenvolvidos; ensina-lhe o asseio, a disciplina, a ordem, o acatamento da autoridade, o respeito de si mesmo e dos outros. O resultado da passagem pelo exercito é bem sensivel nas fabricas.

Quasi pode dizer-se que o serviço militar faz mais em beneficio do serviço industrial da Allemanha do que todas as outras influencias indicativas.»

Aqui, bem perto, temos um exemplo frisante desses grandes benefícios que o serviço militar obrigatorio presta ao individuo e á nação: é a Republica Argentina. Esses benefícios são de tal ordem, que foram com justa ufania citados em mensagem presidencial.

Que nos importam esses brilhantes exemplos?

Que importa os nossos officiaes pregarem incessantemente a necessidade da introducção desse factor de ordem, de segurança e de progresso?

Que importa a historia e os factos nos estarem mostrando o pouco ou nenhum valor de convenções e tratados?

Não temos o voluntariado?

Pois mande-se os nossos generaes responder aos importunos parodiando as palavras do general Hamilton em relação ao exercito inglez: «Eis um manequim com um fardamento barato. Vós me confiastes tanto; veede, eis um soldado.

Pouco importa que o pobre diabo tenha sido lançado nas fileiras pela fome ou que tenha sido naturalmente atraido para uma profissão honrosa.

Elle está fardado e respira.

Rule Britannia!

E esperemos com semelhante proceder que «a covardia, seguida da conscrição, seu antídoto forçado, venham nos bater á porta».

E enquanto esperamos, que se façam «economias» e politicagem...

Amaro de Azambuja Villanova
1º tenente

Artiheiros para tudo

A artilharia é uma arma que, em matéria de encargos profissionaes, desafia meças ás suas co-irmans combatentes.

A relevancia de sua destinação estratégica algumas vezes, as diversas modalidades em que seu complexo papel tactico a individualisa quasi sempre, e a somma enorme de incumbencias technicas com que as proprias necessidades e as das outras armas a sobrecregam sempre—convertem sua aprendizagem num trabalho moroso, delicado, minucioso, multiplice e difficult.

Se a lei do serviço biennal estivesse em plena execução, sem as lamentaveis tolerancias dos engajamentos indefinidos e não mudassem com a sua vigencia real as detestaveis praticas de serviço ainda infelizmente existentes em alguns dos actuaes corpos de tropa; é certo que o nosso soldado de artilharia deixaria a fileira, sem ter siquer aprendido um quinto do muito que lhe deveriam ter ensinado de sua arma, resultando desta imperfeição do seu adestramento militar, parallela insufficiencia profissional como reservista.

Taí difficultade no fazer-se um artiheiro é ircontestavelmente uma resultante fatal de complexidade mesma da arma; e

costumam remedial-a onde ha Exercitos de verdade, com a obrigatoriedade de maior prazo de tempo sob as bandeiras, dilatando desta sorte a instrucção do sorteado para tornal-a mais completa, senão mais perfeita.

Ao official de artilharia das potencias militares, seja do velho, seja do novo mundo (excluido deste o Brazil) não succede o mesmo que ao soldado.

Profissional da guerra, operario efectivo da defesa da Patria, o longo trecho de vida que passa na actividade militar é o sufficiente para que ou se especialise em qualquer dos ramos de sua arma (quando no seu paiz elles têm fronteiras bem delimitadas) ou se inteire conscientemente, ao menos, das principaes caracteristicas de suas modalidades, por meio de uma gradual e successiva prestação de serviços em cada uma.

Esses dois processos typicos nas potencias militares que o são realmente, não têm sido praticados entre nós: o primeiro, porque a constituição official da nossa artilharia não permittio ainda, muito embora as condições geographicas do paiz o reclamem incessantemente; o segundo porque os nossos administradores não lhe tem querido comprehendêr a necessidade, mediante uma investigadora devassa profissional.

No Exercito brasileiro o official artilheiro tem de ser superiormente technico, como é eminentemente estrategista e profusamente tactico.

Sem jamais haver visto ao menos molhar uma estopilha, elle é virtualmente um fabricador insigne de armas, munições, polvoras e demais explosivos; mesmo sem haver presenciado arrear um cargueiro, está apto a ser encarado como inexcedivel artilheiro de montanha. Os detalhes da formação de um garfo, o desconhecimento do manejo do corrector ou da especie de tiro applicavel a um objectivo instantaneo são, por igual, desnecessarios ao seu presuposto saber como artilheiro de campanha, montado ou a cavallo.

O facto de não saber calcular uma distancia no mar ou preparar a carga correspondente a determinado angulo de tiro, não o inhibirá jamais do merecido conceito de optimo artilheiro de costa ou de esplendido official de obuzeiros.

Somos todos nós assim — encyclopedicos à força.

Seja ou não da nossa vontade essa competencia, temos que aceitá-la oficialmente ou então fazer publica declaração de ignorancia, o que no Brazil seria realmente a mais insolita originalidade. Mas o que é facto, o que toda gente vê sem dificuldade, seja leigo ou profissional, é que não tendo um dia de permanencia numa fabrica, num forte marítimo, num regimento montado ou num grupo de obuzeiros, genios que fossemos, não poderíamos adquirir prepero mediocre siquer nas especialidades que taes serviços representam.

O prepero theorico em que nos bachelamos nas escolas — e quão péco e desordenado elle nos sahia ás vezes! — não é sufficiente para exigir competencias; o que se faz preciso é largo tirocinio pratico, incessante labor nos serviços technicos, manejo effectivo dos diversos materiaes estudando *in loco* sua utilisação efficaz e seus processos tacticos, um longo estagio emfim em cada uma das complexas subdivisões da arma.

Essas são as condições para formatar capacidades, para aferir merito profissional; infelizmente, é preciso confessar, nós não as satisfazemos ainda, posto que não seja por nossa culpa.

Alguns dos nossos sabem mais isto ou mais aquillo, porque proporcionou-lhe o destino servir nesta ou naquelle especialidade; mas tambem com raras e honrosissimas excepções confina-se seu saber nessa especialidade em que o deixaram envelhecer.

Officiaes ha por ahí que tendo emigrado para o magisterio militar; acantonado definitivamente nos arsenaes e fabricas; mergulhado nas complicações burocraticas; concretado definitivamente nos serviços de ajudantura, incrustado pelas obras de costa e por outros rumos além, tanto tempo nelles têm demorado que incapazes se julgam hoje para o desempenho de especialidade differente daquelle em que uma vez enveredaram.

Si fosse possivel entre nós o regimen das especialisações, nada mais natural que a situação desses officiaes e até seria quasi ideal que a nação podesse sempre dispor de uma numerosa theoria de officiaes assim competentes para cada um dos ramos da arma de artilharia. Mas — o regimen da especialização, — não o tolera a nossa actual organisação da arma que vê em cada official um omnisciente versado com igual



capacidade em todos os dominios technicos e tacticos da artilharia. No Brasil essa arma não tem divisas interiores bem nitidas; quem hoje é artilheiro de costa ou de posição, poderá ser o amanhã de campanha, a cavalo, montado ou de obuzes; de igual modo, quem agora tem apenas o mister de fazer ofícios poderá immediatamente ver-se obrigado a fazer canhões, se tal for a vontade do Governo. Se ainda um qualquer official, que, há dois meses apenas começou a fazer polvoras, tem a infelicidade de sofrer uma mudança de director no seu estabelecimento fabril, coisa não é de admirar que para empregar um "especialista" se veja obrigado a ceder o lugar... para ir praticar, por exemplo, no estudo da tracção ou na constituição de uma tabella de tiro para qualquer fuzil metralhadora.

De tão viciosa e anomala situação derivam males que attingem toda a officialidade, mas não ha negar que quem mais perde é o proprio Exercito na sua tão ambicionada efficiencia, e consequentemente a defesa do paiz, prejudicada pela systematica sotoposição de seus interesses aos interesses particulares de alguns de seus servidores.

Por mais arraigadas que estejam estas normas — e ellas realmente o estão muito — não as julgamos indestructiveis ou apenas inderrogaveis.

Um pouco de energia, uma desusada inflexibilidade em determinações claras e insophismaveis, e ainda haveria tempo para dos quadros actuaes de officiaes mais antigos seleccionar sofríveis officiaes superiores e da geração que agora surge e impluma, trabalhadora e cheia de ardor, constituir os chefes capazes de amanhã.

O expediente a empregar não é inedito nem infallivel, mas ainda assim tem sido o praticado com o melhor exito nos demais exercitos, quer dentro das especialidades das armas combatentes, quer no estudo minucioso e pratico da ligação dessas armas.

Um estagio por prazo determinado e improrrogavel em cada uma das modalidades da arma, seja de natureza tactica ou de caracter technico; real execução de um programma pratico de estudos essenciais a cada ramo de artilharia, absoluta intransigencia em tolerar interrupções nesses estagijs que não sejam impostas por causas ponderosas, constituiriam louvaveis tentativas a ensaiar pelos nossos governantes.

Responsaveis que são e os maiores pela efficiencia do nosso apparelhamento militar, a culpa de nossa incompetencia cabe-lhes inteira e indivisivel; e quando amanhã os resultados dessa incompetencia se affirmarem porventura no campo da lucta acarretando danos á defesa da Patria — cujo amor só cultivamos em transportes lyricos de eternos poetas — caber-lhes-á com justiça, e não a nós outros, prestar contas á nação de culpas já infelizmente irresgataveis.

*Capitão Luiz Lobo.
Do 2º Grupo de Obuzes*

ASEGURAR LA PAZ!

Com este titulo o Snr. Tte. Coronel Jauregui, do Exercito Argentino, acaba de publicar (Junho de 1915) um livro muito interessante, cujo resumo nos propomos fazer nestas columnas e cuja leitura tomamos a liberdade de recommendar com insistencia. Aos pacifistas theoricos, porém, que se comprazem em esperar sempre pelo sonhado estabelecimento da paz universal, e que nos rubros clarões de incendios e batalhas da actual conflagração teimam em ver os rubores de aurora de uma nova e definitiva era de fraternidade, avisamos desde já que o livro tem o subtítulo: *Nuestra defensa nacional ante su misión de mañana*.

Escripto sob a influencia dos recentes acontecimentos da guerra européa, largamente documentado com os factos da historia contemporanea, nas suas paginas animadas de um calor de convicção e de patriotismo, que se manifesta na eloquencia da linguagem, o seu autor visa demonstrar a inadiável necessidade de ser incorporada annualmente ao exercito do seu paiz toda a respectiva classe de conscriptos, o que acarretaria a elevação do efectivo permanente a 28.000 homens, no minimo. Esse augmento, porém, não implica a criação de novas unidades, pois que a composição do exercito continuaria a mesma já existente desde 1º de Fevereiro de 1907. Apenas, essas unidades teriam desde o tempo de paz a terça parte do efectivo que lhes compete quando completas, em vez de um setimo como acontece actualmente.

Assim apparelhada e conservando a organisação actual, a Argentina poderia

manter 10.000 homens na Mesopotamia (Entre Ríos, Corrientes, etc.), 10.000 no oeste, como tropas de cobertura ou de primeira protecção, e 5.000 no centro do paiz, promptos a serem encaminhados para zonas secundarias, contra inimigos menos poderosos, ou para reforço de qualquer dos dous citados theatros principaes de operações.

Sob a protecção dessas tropas, mantidas permanentemente, a mobilisação geral se effectuaria tranquila e methodicamente, sem o risco de terem os corpos de marchar apressadamente, dispondo apenas da terça ou quarta parte dos seus efectivos de guerra, semi-fardados, sem as suficientes columnas de viveres e de munição, para "mitigar el lamento de los pueblos arrasados o bombardeados, debido a la falta de protección eficaz y sobre todo rapida."

O autor muito cautelosamente adverte que os recursos de que se dispuzer então não devem ser ficticios; seria inadmissivel augmentar os efectivos das unidades sem augmentar correlativamente as despezas, ter mais soldados sem contar com os correspondentes equipamentos, viaturas, cavallos, quarteis, fuzis, etc. Sem isso, tudo estará por fazer; o problema deverá ser resolvido paulatina e progressivamente e, sobretudo, de uma forma completa.

Segundo todas as probabilidades, o augmento das despezas montaria a vinte e cinco milhões de pesos despendidos de uma só vez e quinze milhões mais, annualmente, no orçamento ordinario da defesa nacional. Em cinco annos esse augmento orçaria por *cem milhões* de pesos e, calculada em *nove mil milhões* a producção da Republica no mesmo periodo, cumpre ao povo decidir si convem ou não fazer o sacrificio para assegurar o progresso do paiz e o seu labor tranquilo.

O augmento do exercito, porém, deve acompanhar proporcionalmente o crescimento da população, consequencia logica do maior numero de conscriptos a incorporar, e assim, dentro de alguns annos, a Argentina chegaria a ter o que actualmente, e desde muitos annos, já tem um dos paizes vizinhos. E o autor conclue: "Bien se ve cuan modesto es lo propuesto; igualar tan solo a un país, cuando tal vez y casi lo más seguro, es que tengamos que luchar contra varios al mismo tiempo."

Conforme faz notar o Snr. Tte. Coro-

nel Jauregui, não resta a menor duvida que, depois da guerra actual, virá um periodo de intensa preparação militar para os paizes da Europa e da America, abandonadas definitivamente as theoricas e irrealisaveis doutrinas pacifistas, e o livro vem assim marcar o inicio desse periodo no seu paiz. Mais feliz do que nós, a situação da Argentina permitte que a attenção dos seus governantes se volte para esse assumpto de magna importancia. O intenso aperfeiçoamento da preparação defensiva da Argentina, que recebera tão efficaz impulso nos annos de 1894, 5, 6 e em 1904, 5, 7, 8, e 9, e que tinha vindo de progresso em progresso, firme e tranquilamente, soffreu em 1910 as consequencias da crise financeira que se manifestou nessa epoca. Começaram as economias a *outrance* e os orçamentos da defeza nacional sofreram logo grandes cortes. Resignaram se todos a essas medidas, tão nocivas ao incessante progresso da capacidade bellica argentina, tão admirada pelos estrangeiros durante as festas do centenario.

A fecundidade do solo e o incessante trabalho dos habitantes, culpados dos maiores desperdicios nas epochas de prosperidade, mas dotados da rara virtude de se resignarem ás privações e a uma economia forçada nos periodos de penuria, vão produzindo o resurgimento economico do paiz, que pôde agora voltar suas vistas para as desoladas planicies da França, da Belgica, da Servia e da Galicia e aproveitar-se das lições da experientia, preparando-se para que no futuro não lhe venha a acontecer o mesmo ou peior ainda.

Qual é, porém, a situação especial da Argentina, que motivos tem para se aproveitar da dura experientia dos outros povos e armar-se de forma a poder fazer a guerra em duas frentes, contra o Brazil e Uruguay a leste, contra o Chile e porventura outro paiz a oeste? Veremos em outro artigo essa parte interessantissima do livro do Snr. Tte. Coronel Jauregui, cuja opinião sobre a probabilidade desses acontecimentos futuros deixo aqui textualmente citada:

"En realidad y por poco pesimistas que seamos y por menos alarmistas también, la más razonable y mínima previsión, nos aconseja considerar la situación defensiva de nuestro país, no desde el punto de vista parcial como lo hemos hecho, analizando isoladamente, primero con respecto



a Chile y después con relación al Brasil, sino con um criterio de conjunto; pues lo más seguro es que en esa forma se nos presente y en esa la tendremos que resolver también, más tarde o más temprano."

Maciel da Costa.

Occupação das posições (*)

(Continuação)

Expressão do espaço morto em função do angulo de sitio da massa cobridora

O espaço morto, como vimos, pode ser considerado igual ao alcance correspondente ao angulo de sitio da massa cobridora $x = a \pm s$. Uma vez conhecido x e tendo-se uma tabella tudo estará resolvido, mas mesmo sem a tabella pode-se chegar a um resultado approximado. Com effeito, compulsando-se a tabella de tiro do nosso canhão (modelo 1908), verifica-se que entre 1500 e 2500 metros o angulo de tiro pouco excede a duas vezes e meia o numero de hectometros do alcance correspondente. Teríamos então:

$$x = 2,5 \cdot \frac{E}{100}.$$

Para as distancias inferiores a essas esse coefficiente é forte, mas para as superiores é fraco; podemos, pois, escolher com segurança, dois para as primeiras e tres para as segundas:

$$x = 2 \cdot \frac{E}{100}$$

$$x = 3 \cdot \frac{E}{100}.$$

Estas tres formulas podem ser transformadas nas seguintes:

(*) Este trabalho jamais teve a pretenção de ser original, predicado essencial das obras de imaginação e difícil de conservar em trabalhos didacticos; é apenas um resumo do que existe de melhor sobre o assunto. Em alguns pontos é tão fiel ao texto de suas fontes, que até os titulos, subtítulos e parágraphos foram conservados, o que devia afastar, desde logo, toda a suspeição de dishonestade, a qual não costuma ser tão pouco habilidosa. Do que nesse existe, o que me pertence é a adaptação ao nosso material, a synthese e o adoçamento das escarpas para facilitar o acesso aos indolentes e pouco esforçados. A minha inculta probidade litteraria jamais teve a preocupação malsã de ornamentar-se com as pennas do pavão. — J. P.

$$E = 40 x. \quad (1)$$

$$\frac{E}{100} = \frac{x}{2} \quad (2)$$

$$\frac{E}{100} = \frac{x}{3} \quad (3)$$

que dão um limite superior para o espaço morto e podem ser expressas nas regras abaixo, faceis de reter e applicar:

1º Nas distancias de 1500 a 2500 metros, o espaço morto é igual a 40 vezes o angulo de sitio da massa cobridora avaliado em millesimos.

2º O numero de hectometros do espaço morto é igual á metade do angulo de sitio da massa cobridora, expresso em millesimos, nas distancias inferiores a 1500 metros; nas superiores a 2500 metros é igual a um terço.

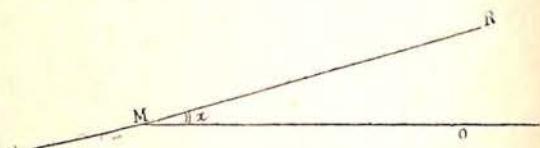


Fig. 3

Entretanto, de 3500 metros em diante convém calcular pela tabella, porque essa regra conduz a valores muito superiores aos do espaço morto verdadeiro.

Do que precede resalta a necessidade de conhecer o valor do angulo de sitio da massa cobridora, formado pela linha de sitio do vertice da mascara com a linha de sitio do ponto do qual se deseja desenfiar, ponto que pode estar no mesmo plano de sitio do objectivo, ou acima delle.

Já vimos como esse angulo $x = a \pm s$, medido do local da bateria, pode ser substituído pelo medido do alto ou do pé da mascara $x = a \pm S$. Tendo-se sempre referido os vertices desses angulos ao ponto P boca do canhão (fig. 2), convém medi-los

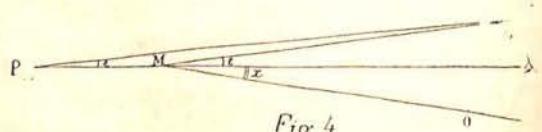


Fig. 4

sempre dessa altura, que corresponde á do olho de um homem ajoelhado, isto é, mais ou menos um metro acima do solo.

Medida de x — Pode-se proceder de dois modos.

a) Pela formula $x = a \pm s$.

Mede-se do local da bateria (na posição de um homem ajoelhado) o angulo a , e, do alto ou do pé da mascara, s ou S que lhe é equivalente.

$x = a + s$ quando s for negativo

$x = a - s$ quando s for positivo.

b) Directamente.

Do local da bateria, e na posição de um homem ajoelhado, visa-se o vertice da mascara e procura-se ao longe, mesmo em uma nuvem, um ponto de referencia R ; da crista ou do pé da mascara mede-se o afastamento angular entre R e O , e tem-se o valor de x .

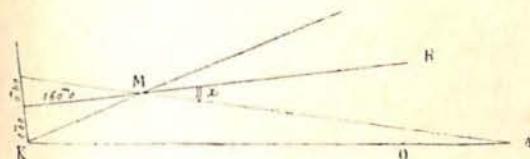


Fig. 5

Se não houver um ponto de referencia no prolongamento do raio visual, procura-se outro um pouco acima e mede-se quanto elle excede o vertice da mascara; seja t esse excesso. Do ponto M mede-se o afastamento entre R e O e delle subtrae-se t , que é sensivelmente igual a RMX , em virtude do afastamento de R .

Expressão do espaço morto em função da inclinação do terreno e do desenfiamento (Caso de uma crista)

Consideremos o caso de uma crista e com uma inclinação uniforme no terreno a ocupar.

Dois casos.

a) O objectivo O e a posição A de que nos queremos desenfiar estão no mesmo plano de sitio KA .

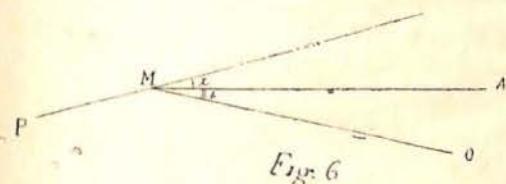


Fig. 6

Se a inclinação do terreno é de 1% sobre o plano de sitio do objectivo, o canhão deverá collocar-se a 160 metros da crista para ter o desenfiamento do homem a pé, isto é, para ficar 1,60 abaixo do plano de desenfiamento MA .

Estando P , a boca do canhão, 1 metro acima do sólo, o angulo x será dado pela relação $\frac{0,60}{160}$, proximamente $4/1000$,

o que dá para limite superior do espaço morto, conforme a formula (2), 200 metros.

Se a inclinação do terreno fosse 2, 3... por cento, a distancia do canhão á crista seria duas, tres... vezes menor, o angulo x e o espaço morto seriam duas, tres... vezes maiores. Dende para o desenfiamento do homem a pé, sobre um terreno inclinado de n por cento em relação ao plano de sitio do objectivo, o espaço morto contado sobre esse plano é sempre inferior a $200 n$.

Para o desenfiamento do homem a cavallo, ainda sobre um terreno de 1 por

cento, x seria $\frac{2,40 - 1}{240}$, proximamente

$6/1000$, o que daria para limite superior do espaço morto 300 metros, e para um terreno de n por cento, $300 n$.

Do mesmo modo para o desenfia-

mento dos clarões (4 m.) ter-se-ha: $\frac{4 - 1}{400}$

proximamente $8/1000$ e, portanto, respectivamente 400 e $400 n$, para os terrenos de 1 e n por cento.

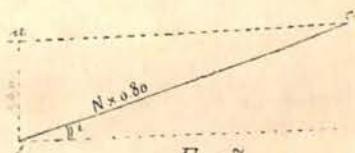


Fig. 7

De um modo geral, o valor de x em millesimos para um desenfiamento qualquer y seria:

$$\frac{x}{1000} = \frac{y - 1}{100 y} \text{ donde } x = \frac{10(y - 1)}{y}$$

$$\text{on } x = 10 - \frac{10}{y}$$

Quando y cresce indefinidamente x tende para 10 e, portanto, o espaço morto para 500 metros; donde se conclue que qualquer que seja o desenfiamento e o terreno, o espaço morto é sempre inferior a 500 m.

Assim para uma inclinação do terreno de n por cento em relação ao plano de sitio do objectivo, o espaço morto é sempre inferior a

Para o des- enfiamento	do homem a pé	200 n
	do homem a cavalo	300 n
	dos clarões	400 n
	tão grande quanto se queira	500 n

Comparando os valores do espaço morto obtidos por estas formulas, com os calculados sobre a tabella de tiro do nosso canhão actual, verifica-se que algumas dão valores insuficientes nos terrenos de fraca

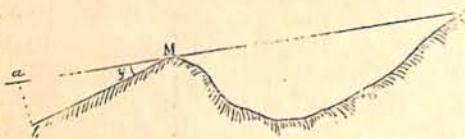


Fig. 8

porcentagem, ao passo que outras os dão exagerados nos de porcentagem alta. Esses inconvenientes aconselham a transformação desse grupo de formulas em outras, também seriadas e de tão fácil aplicação como as primeiras, porém mais rigorosas. (*)

Espaço morto para $n \approx 1$, de 1 a 5

Para o des- enfiamento	do homem a pé (1 ^m ,60) . . .	250 n
	do cavalleiro (2 ^m ,40) . . .	300 n
	dos clarões (4 m.)	350 n
	de 6 m.	400 n
	alem de 6 m.	450 n

Espaço morto para $n \approx 6$, de 6 a 10

Para o des- enfiamento	do homem a pé	200 n
	do cavalleiro	250 n
	dos clarões	300 n
	de 6 metros	350 n
	alem de 6 metros	400 n

Da comparação dos resultados obtidos por estas formulas com o espaço morto verdadeiro chega-se à conclusão de que elas dão valores muito mais aproximados que as outras, porém, algumas se ressentem ainda dos mesmos inconvenientes apontados naquelas, se bem que attenuados.

Como os valores insuficientes do espaço morto obtidos por estas formulas só aparecem nos casos de n igual a 1 ou 2, e como os valores mais exagerados só surgem quando n é igual a 9 ou 10, aconselhamos aumentar os dois primeiros de $\frac{1}{2}$ % e diminuir os dois últimos de 1 %, antes de entrar com elles nas formulas. Essas ligeiras modificações dão resultados que

(*) Veja-se na *Defeza Nacional*, n. 21, o interessante artigo do Sr. 1º tenente Taborda, a quem peço permissão para acrescentar ás suas formulas os dois últimos termos, concernentes aos desenfiamamentos de 6 metros e superiores a 6, sem lhes alterar a harmonia mnemonica.

muito pouco se afastam do valor real do espaço morto, permittendo no entanto, maior segurança e melhor aproveitamento.

b) Consideremos agora o objectivo *O* abaixo da posição *A* de que nos queremos desenfiar.

Supponhamos que a altura angular de *A* sobre *O* seja b millesimos. Sendo n por cento a inclinação do terreno sobre o plano de sitio de *A*, o espaço morto E_a será dado pelas formulas anteriores, nas quaes entraremos com o valor de n e o desenfiamento que se deseja. Mas como precisamos do espaço morto E_o , contado sobre

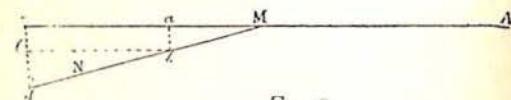


Fig. 9

o plano de sitio do objectivo, é necessário acrescentar ao espaço morto assim achado o alcance correspondente ao angulo b millesimos, diferença angular de sitio entre os pontos *O* e *A*, pois o angulo de sitio da massa cobridora em relação ao objectivo acha-se acrescido daquella quantidade.

$$E_o = E_a + 40 b$$

tomando, para cada millesimo de aumento do angulo de tiro, 40 metros de alcance,

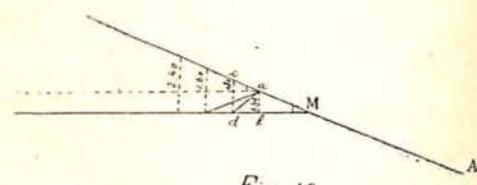


Fig. 10

nas distâncias 1500 a 2500 metros. Convém, pois, tomar em vez de 40 metros, 50 para as inferiores e 33 para as superiores. (Vide formulas (1, 2 e 3).

Regra — Mede-se a inclinação do terreno em relação ao plano de sitio da posição de que se quer desenfiar e determina-se o espaço morto em relação a esse plano. Da crista mede-se a altura angular b da posição sobre o objectivo e aumenta-se o espaço morto achado de (40, 50 ou 33) b conforme a distância está entre os limites 1500 a 2500, lhe é inferior ou superior.

A formula pode ser

$$E_o = E_a + (50, 40 \text{ ou } 33) b \quad (4)$$

(Continua)

Capitão Jorge Pinheiro.

Escola de Cavallaria

"Só um instructor capaz de demonstrar na sella a exequibilidade das suas exigencias possuirá a confiança incondicional de seus discípulos."

(Do R. de Eq. Allemão)

O "Regulamento para instrução e serviço interno dos corpos do Exercito", de 1909, produziu uma profunda modificação da vida nos nossos quartéis. Com a sua prática começou-se a estabelecer a perfeita distinção entre a verdadeira missão do oficial arregimentado e o papel que até então desempenhavamos nos regimentos. Não é avançar demais dizer-se que este regulamento assinala a transição do Exercito antigo para o Exercito moderno. Os princípios estabelecidos nos artigos 21 e 23 firmaram a base de toda a evolução a que vimos assistindo. A instrução continua e gradativa; a divisão do anno de instrução em períodos, estabelecendo a progressão no ensino; a repartição da responsabilidade na preparação da tropa por todos os officiaes, num crescendo dos subalternos aos postos mais elevados; a noção explícita de que na profissão militar todos somos discípulos e devemos cada dia procurar aprender coisas novas; são idéas do Regulamento que têm um valor inestimável.

Foi com o desenvolvimento que se ia cada anno dando ao ensino da tropa que começou a despertar nos officiaes o gosto pelos estudos práticos da profissão, surgindo os modernos regulamentos de instrução. Procurando satisfazer as exigências do Regulamento, com o fim de se colocarem á altura da missão que lhes define, os officiaes sentiram a necessidade de se dedicarem ás coisas da profissão, firmando os conhecimentos trazidos das escolas e adquirindo paralelamente noções novas, que só a prática ensina.

Desenvolveu-se então nos quartéis uma actividade nova. Todos queriam saber instruir, preparar soldados. Formaram-se então grupos que se ajudaram no aprendizado.

Nasceu assim a convicção da insuficiência dos conhecimentos práticos que fornecem as escolas de formação de officiaes, mostrando que elas não preparam instructores. Não vae nisto crítica ás nossas escolas militares, porque seu fim é per-

feitamente satisfeito quando elas enviam aos regimentos aspirantes com os conhecimentos teóricos necessários aos primeiros passos na vida prática. Na vida da caserna, em contacto com os officiaes antigos e experimentados, comandando soldados, guiados pelo critério dos capitães é que o novo oficial começa a ter intuição das coisas militares. E' ahí que os moços saídos das escolas aprendem a desempenhar a sua missão. Esta é a verdadeira Escola de Aplicação para os aspirantes.

Mas, a preparação final do oficial como instructor não se consegue nos regimentos pelo acumulo de serviços que o sobre-carregam. Entregues aos múltiplos afazeres da vida arregimentada, que exige uma grande actividade física, os officiaes não podem se especializar em todos os ramos da instrução. Além dos recursos indispensáveis, falta-lhes o tempo.

E' preciso então a criação de escolas especiais para a formação de instructores, escolas práticas que sirvam ao estabelecimento da unidade de doutrina nos métodos de instrução. Para a cavalaria esta falta é bem notória. Quem quer que visite qualquer dos regimentos de cavalaria desta guarnição nas horas de trabalho, verá que os officiaes estão compenetrados desta falta e lutam contra ella. A equitação é ainda um problema para nós. Todos procuram aprender, todos se aplicam, mas essas vontades não conduzem á solução desejada, porque não depende de esforços individuais. Falta-nos a escola prática de cavalaria, a escola de instructores de equitação.

Pensamos por isso prestar util serviço á nossa arma lançando a idéa de sua fundação e apresentando á crítica dos nossos camaradas o regulamento a seguir.

Projecto de Regulamento para a Escola de Cavallaria

Art. 1.—A escola de cavalaria destina-se a disseminar entre os officiaes subalternos das armas montadas a prática dos exercícios indispensáveis ao bom desempenho de sua missão de instructores.

§ 1.—O curso da escola será de 11 meses.

§ 2.—A escola comportará um efectivo máximo de 40 alunos.

Art. 2.—Para os efeitos disciplinares e administrativos a escola de cavalaria ficará subordinada ao Departamento da Guerra.

Art. 3.—Os officiaes alumnos terão alojamento no edificio da escola, sendolhes fornecido cama, sem roupa.

Paragrapho unico — Não é, porém, obrigatoria a moradia na Escola.

DO ENSINO

Art. 4.—O ensino será ministrado nos cinco grupos seguintes:

- I, Equitação.
- II, Esgrima.
- III, Gymnastica e natação.
- IV, Tiro.
- V, Hippologia e veterinaria.

Art. 5.—As lições de equitação serão diárias e de preferencia pela manhã; as dos grupos II, III, IV terão logar tres vezes por semana em dias alternados; e as do V grupo duas vezes por semana.

Art. 6.—Para os exercícios de equitação os alumnos serão repartidos por tres secções mais ou menos iguaes, entregue cada uma a um instructor que lhe dará por dia tres lições correspondentes a tres cavallos que cada alumno deve trabalhar.

Paragrapho unico — No começo cada lição não durará mais de 1 hora.

Art. 7.—As lições terão lugar em pica-deiro fechado e no exterior.

§ 1.—Os seis primeiros meses serão mais precisamente para os trabalhos de pica-deiro (1º periodo) e os cinco restantes para os exercícios no exterior (2º periodo).

§ 2.—Durante o 1º periodo haverá sómente uma caçada por semana e isto unicamente nos meses de Abril, Maio e Junho: no segundo periodo haverá duas caçadas por semana nos meses de Julho, Agosto e Setembro e uma no de Outubro e Novembro.

§ 3.—As caçadas serão dirigidas pelo director da escola que designará os dias da semana em que elles se devem realizar.

§ 4.—Nas caçadas tomam parte todas as secções, á frente de cada uma se collocando o instructor respectivo.

Art. 8.—Ao se apresentar na escola para a matrícula cada alumno trará 2 animaes de seu regimento para a sua montada (cavallos de serviço) e o seu ordenançia. Na escola elles receberão mais um animal, remonta da propria escola (cavallos de remonta).

§ 5.—Os animaes da remonta da escola serão chucros.

§ 2.—Ao voltarem aos regimentos os alumnos levarão seus cavallos de serviço.

Art. 9.—No fim do anno escolar os cavallos de remonta que serviram ao ensino serão postos á disposição do D. A. para serem aproveitados n'um dos regimentos da 4º brigada de cavallaria.

Art. 10.—Os cavallos de serviço não deverão ter menos de 5 annos nem mais de 9.

Art. 11.—Os cavallos de remonta serão adquiridos annualmente por compra administrativa, suas edades variando de 5 a 6 annos.

Art. 12.—Depois dos tres primeiros mezes de ensino, os instructores reconhecendo as aptidões dos cavallos de serviço de sua secção de equitação designarão um para a equitação propriamente e outro para os exercícios no exterior.

Art. 13.—Todos os animaes devem ser trabalhados diariamente, com excepção dos domingos e dos dias em que por serem feriados não houver serviço.

Paragrapho unico.—Caso um alumno não possa comparecer ás lições, o que só se dará por motivo jnstificado, seus cavallos serão montados pelo sargento auxiliar da secção.

Art. 14.—Os officiaes alumnos, depois de terminado o curso, recolher-se-ão aos seus regimentos, gozando a exclusiva propriedade de um dos seus cavallos de serviço, á sua escolha, decorridos 2 annos de vida arregimentada.

Art. 15.—O ensino da esgrima ficará a cargo de um instructor especial, que poderá ser um profissional estrangeiro de habilitação comprovada.

Art. 16.—O instructor de esgrima terá a seu cargo o ensino de todos os alumnos da escola, que serão para esse mistér divididos em tantas turmas quantas elle julgar conveniente.

Art. 17.—Cada turma de esgrima receberá lições separadamente, umas só as segundas, quartas e sextas-feiras, outras ás terças, quintas e sabbados.

Paragrapho unico. — As lições serão individuaes, todos os alumnos aprendendo directamente com o instructor.

Art. 18.—O ensino da esgrima comprehendrá o florete, a *épée* e a espada.

Art. 19.—Os grupo III e IV ficarão a cargo de um unico instructor, que ministrará o ensino a toda a escola grupando os alumnos em turmas, ou não, conforme seu criterio e methodo.

Art. 20.—A gymnastica comprehendrá sómente os methodos modernos cuja adopção para as tropas montadas seja util e necessaria ao desenvolvimento do soldado.

Paragrapho unico.—Enquanto não existir regulamento de gymnastica para as tropas montadas será adoptado para o ensino na escola o actual "Regulamento para gymnastica das tropas a pé".

Art. 21.—Os exercícios de tiro obedecerão aos preceitos do "Regulamento de tiro para a infantaria".

Art. 22.—Todos os alumnos deverão fazer por semana um exercicio de mosquetão e um de pistola regulamentar.

Paragrapho unico.—Serão tambem permitidos exercícios com armas particulares fóra das horas dos exercícios regulamentares.

Art. 23.—Um mez depois de decorrido o 1º periodo de instrução o instructor de tiro apresentará ao director da escola uma classificação dos atiradores, incluindo os instructores.

Art. 24.—A classificação será feita de acordo com o que prescreve o R. T. I., sendo considerado *bom atirador* aquele que conseguir collocar-se na classe especial, *regular* o que ficar na primeira classe e *máos atiradores* os da segunda classe.

Paragrapho unico.—Para o tiro de pistola haverá 2 classes—*bons atiradores* os que a 50 metros attingirem o alvo com 75% dos tiros e máos os que não conseguirem esta porcentagem.

Art. 25.—O V grupo tratará simplesmente dos conhecimentos de hippología e veterinaria indispensaveis a homens que lidam com cavallos.

Paragrapho unico.—Para isso o programma de ensino correspondente visará sómente o lado pratico do assumpto.

Art. 26.—Este grupo ficará a cargo do veterinario da escola que ministrará o ensino por meio de prelecções dadas aos alumnos em conjunto.

Do anno escolar e da frequencia

Art. 27.—Os trabalhos escolares começarão a 2 de Janeiro de cada anno e terminarão a 30 de Novembro.

Paragrapho unico.—A ultima quinzena de Novembro será reservada ás inspecções finaes passadas pelo Inspector Geral de Cavallaria.

Art. 28.—Nenhuma interrupção nos tra-

balhos escolares será justificada, salvo situação anormal em que será ainda necessaria uma ordem do Ministerio da Guerra,

Art. 29.—Para a bôa marcha dos trabalhos escolares e melhor aproveitamento do tempo, o corpo de instructores, reunido sob a presidencia do director da escola fará, para cada anno, um horário de serviço.

Art. 30.—Todos os alumnos são obrigados á obediencia deste horario e frequencia dos trabalhos escolares.

Paragrapho unico.—Aquelle que sem motivo justificado faltar a algum dos seus deveres escolares será passivel de castigo disciplinar imposto pelo chefe do D. G. em solução a parte do director da escola.

§ 2.—Si um alumno dér mais de tres faltas n'um mez, ou mais de sete em tres mezes consecutivos, que não sejam por doença attestada por medico, será desligado da escola e recolhido á unidade a que pertence, correndo por sua conta todas as despezas com suas passagens, de seus cavallos e ordenança.

§ 3.—O desligamento será feito por ordem do general chefe do D. G. em solução á communicação escripta do director da escola de que o official attingio o numero de faltas ácima.

Art. 31.—A justificação das faltas será feita perante o director da Escola.

Art. 32.—O comparecimento dos alumnos aos trabalhos escolares será verificado pelos instructores.

Art. 33.—Depois de cada exercicio os instructores comunicarão verbalmente ao director as occurrencias que tenham havido.

DAS MATRICULAS

Art. 34.—Os commandantes dos regimentos de cavallaria e corpos de trem, os dos regimentos de artilharia, grupos de obuzes e artilharia a cavallo, apresentarão no mez de Setembro ao general chefe do D. G. a indicação do official de sua unidade que deve fazer o curso da escola no anno seguinte.

Art. 35.—Os candidatos indicados devem satisfazer ás condições:

- a) ter o curso da arma;
- b) ter reconhecido gosto pelos exercícios physicos e dedicação pelas causas da profissão;
- c) não ter mais de 35 annos de idade;
- d) haver completado pelo menos um anno consecutivo de vida arregimentada;
- e) estar arregimentado na época da indicação;

f) não soffrer de molestia que prejudique sua actividade no desempenho de seus deveres escolares.

Art. 36.—Na falta de officiaes em condições serão indicados aspirantes.

Paragrapho unico—Os aspirantes com o curso da escola serão transferidos para a arma de cavallaria si lhes tocar promoção para a infantaria.

Art. 37.—As divisões de cavallaria e infantaria do D. G. darão ao chefe deste departamento informações sobre as condições dos candidatos.

Art. 38.—Aprovadas as indicações pelo general chefe do D. G. serão os candidatos relacionados e mandados apresentar á escola para effectuarem matrícula.

Art. 39.—Os officiaes admittidos á matrícula deverão apresentar-se á escola até o dia 20 de Dezembro, com seu ordenançia, cavallos de serviço e arreios.

Art. 40.—O official designado para fazer o curso da escola só poderá se eximir deste serviço mediante justificação.

Paragrapho unico—A justificação deve ser feita perante seu commandante antes de seu nome seguir para o D. G.

Art. 41.—As indicações dos candidatos acompanharão attestado passado pelo medico de sua unidade, relativamente ao que exige este regulamento no art. 35 letra f.

Paragrapho unico—Caso, depois de effectuada a matrícula se verifique ser gracioso o attestado medico, será o alumno desligado da escola e todas as despezas feitas com sua matrícula e consequente anulação mandadas fazer cargo ao medico que attestou.

Art. 42.—Si por conveniencia propria um alumno pede trancamento de matrícula correm por sua conta as despezas com sua volta á sua guarnição, com seus cavallos e ordenança.

(Continua)

*Euclides de O. Figueiredo
1º tenente*

UMA DISPOSIÇÃO INJUSTA

Referimo-nos ao art. 6º do projecto n. 52 B fixando as forças de terra para o exercicio vindouro, que dá 35 annos para limite de permanencia nas fileiras, das praças que tendo mais de quatro annos de serviço: a) possuirem serviços

de guerra; b) não os tendo, possuirem a graduação de cabo e a approvação em concurso para sargento; c) forem artifices, musicos ou corneteiros.

Ha nas fileiras soldados, cabos e sargentos, estes em maior numero, com mais de 10 annos de serviço á Nação, alguns com mais de 20, e que contam tambem mais de 35 annos de edade, os quaes tem permanecido nas fileiras em virtude de concessões das leis anteriores, isto é, preenchendo todos os requisitos legaes para ahí se acharem.

Esses homens serão excluidos quando terminarem o actual engajamento, se não conseguirem uma protecção que lhes obtenha a reforma, ou o azylamento, solução que os fará pezados á Nação pelo resto da vida.

Elles não são culpados da sua situação, e vendo os precedentes, nas poucas luzes que illuminava a orientação do serviço militar e ainda illuminam muitos que devem ver mais claro, julgaram poder fazer profissão de ser soldado.

Não poucos constituiram familia legal e é esta que os tem feito continuar no serviço, ao qual consagraram a melhor parte de sua vida, na paz e na guerra, para vêrem-se, depois atirados á rua, justamente na época em que o trabalho rareia em toda a parte.

Não estamos fazendo jornalismo com essa causa.

No anno findo vimos os funcionários de um ministerio ameaçados de dispensa, por excederem reconhecidamente ás necessidades do serviço, e nomeados a maioria *illegalmente*, com infracção da lei 1860, fundamental para a defesa da Nação, da qual estão auferindo o pão de seus filhos, reunirem-se, discutirem e alivitarem afinal uma medida com a qual *elles* não seriam mais dispensados: um imposto sobre *tudo* o funcionalismo, incluindo-se os militares.

E esse imposto veio; com seu produto são mantidos como addidos até funcionários que eram interinos.

No corrente anno moveram-se igualmente esses addidos á noticia de que seriam dispensados; allegaram a crise geral e demonstraram que a economia com sua dispensa era ridicula: uns seis mil contos e conseguiram ficar nessa situação.

O imposto pago pelo Exercito sóbe a mais que isto.

Os operarios da Imprensa Nacional dispensados do serviço, igualmente se reuniram, obtiveram padrinhos e propuzeram até o arrendamento desse estabelecimento.

Os attingidos pelo art. 6º do projecto em questão, avessos por profissão á leitura dos debates do Congresso, ignoram o que se lhes está preparando e mesmo que o conhecessem, a disciplina lhes impede de reunirem-se, discutirem, tomarem um padrinho e procurarem manter a sua situação.

Não tendo voto, não têm quem lhes zele os interesses senão seus superiores hierarchicos.

Esses, nem sempre acompanham essas discussões e pelos outros affazeres não dispõem de tempo para estudarem minuciosamente todas as medidas que surgem nas casas do Congresso.

É um serviço que se lhes presta, esclarecendo-os e assim julgando é que appellamos para o espirito de justiça do sr. Ministro, afim de fazer valer sua influencia no sentido de não se tornar lei essa disposição.

Estamos perfeitamente á vontade as sim procedendo por quanto não nos achando actualmente em ligação directa com a tropa, não se poderá ver na nossa acção outro intuito que não o de não deixar esses servidores, anonymos quasi, ficarem em situação inferior aos funcionários publicos e operarios da Uuião.

Basta a iniquidade que se faz em relação aos seus serviços, com a disposição do art. 180 do reg. de 8 de Março de 1908, mandando contar para aposentadoria em cargo civil, no maximo, dez annos do serviço militar em tempo de paz.

Basta o disposto no art. 34 da lei chamada Pires Ferreira, tão malsinada, pelo qual um 2º tenente que pagava 4\$ para montepio passou a pagar 10\$, tendo o direito á mesma pensão de 60\$, anterior.

Um funcionario publico qualquer com esse desconto tem 150\$ de pensão.

Os demais officiaes estão em condições analogas, sendo o prejuizo crescente.

Na propria lei em questão foram aumentados vencimentos de alguns funcionários sem se lhes fazer restrição no montepio.

Para a tropa não haverá grande vantagem com essa disposição, antes desvantaja-

gem: na substituição dos empregados, já acostumados ao serviço, por praças novas, não é preciso ressaltar os inconvenientes.

Deve-se, porém, tratar de ir pouco a pouco dando destino a esses homens, sem ser pela reforma ou pelo azylamiento, passando-os para outras funcções nas fabrícias, arsenaes e officinas, assim como nas variadas repartições que têm empregados civis, a cuja disposição irão passando os promtos no serviço, para preencherem as vagas que se derem.

Em quanto existirem tales praças os empregos fora da tropa serão por elles exercidos, de preferencia.

E assim, com a ajuda do tempo, auxiliar poderoso em toda a reforma util, suavemente, dentro em pouco não mais haverá nas fileiras praças idosas.

Setembro de 1915.

Tenente João Marcellino.

Inconvenientes do grande numero de canhões na batalha moderna

(Conferencia realizada no 1/1º R. A.)

O enorme augmento da artilharia, nos exercitos modernos teve como todas as causas, ao lado das vantagens o contrapeso de alguns inconvenientes. A regulação do tiro na artilharia, sempre apresentou difficuldades; hoje, mais do que nunca, o commandante de bateria está cheio de encargos, desde a escolha da posição e preparo do tiro até sua direcção e observação; a estes veio reunir-se o inconveniente acarretado pelo grande numero de baterias que regulando mais ou menos simultaneamente o tiro, fazem os commandantes vacillar, frequentemente, na interpretação das observações do tiro de suas proprias baterias.

Desappareceo a fumaça proveniente do emprego, da polvora negra como carga de projecção, os innumeros arrebentamentos, porem, de projectis inimigos e dos proprios na frente do objectivo continuaram, como outr'ora, a cégar os artilheiros e em certas condições de tempo e do terreno «um tiro regularmente sustentado levantará nuvens de pó tão densas quanto, no passado, as produzidas pela polvora negra». (Langlois). A multiplicidade de ti-

ros e de arrebentamentos neutralisou até certo ponto, a vantagem da polvora chimaica.

A escolha de fracções de baterias, para regulação, e fracções bem nitidamente separadas; aliada á delimitação prévia da frente a bater, attenua, sem duvida, as confusões a tenher, entretanto, com as nossas pequenas baterias de 4 peças, a multiplicação dessas frentes occasionará frequentes enganos de apreciação entre tiros de unidades contiguas, e grandes dificuldades apresentar-se-ão para locação de observatorios. Maior ainda será a balburdia empregando (como no caso geral francez), na regulação, toda a bateria, em uma especie de fogo correspondente ao nosso «por peça».

Para obviar taes inconvenientes, preconisam alguns a regulação com uma unica bateria por grupo; esta medida, parece-me, só é possivel com muitas restrições, ella exige uma quasi identidade de posições para todas as baterias de cada grupo; exige que sobre o grupo não haja inimigo atirando ou que a artilharia adversa, na sua totalidade, não contra-bata a bateria, enquanto esta regula o seu tiro. A par do desenvolvimento da artilharia deu-se a dos effectivos, a successão de esforços exigida pela victoria trouxe o augmento de profundidade restringindo as frentes; os corpos de exercito ocupando de 3 a 6 kilometros de frente, de accordo com a situação e o terreno, ver-se-ão surgir outras dificuldades: a collocação da artilharia e a repartição de seu tiro. Poucas vezes a situação tactica e o terreno alliar-se-ão: posições favoraveis a ocupar batterão frentes de valor secundario. Esse inconveniente que não é novo é agora ainda aggravado pelo numero de canhões.

O ruido das detonações da artilharia e o crepitir da fusilaria devem por seu augmento vir ainda crescer os precalços do commando á voz, diminuindo um tanto a vantagem das posições approximadas dos observatorios. Diz o tenente coronel Layrrits na sua «Artilharia de Campanha na guerra futura.» «Em St. Privat, as detonações da artilharia e o ruido da fusilaria ensurdeciam a tal ponto os artilheiros, que os commandantes de secção eram obrigados a ir ate ao posto do capitão para comprehendêrem e transmittirem os commandos que não eram ouvidos de sua posição nem mesmo sendo gritados.»

Deve-se ainda levar em conta que a superexcitação do pessoal sob a influencia do tiro inimigo attenua o valor das precauções contra os embaraços da multipli-cidade, accelerando fôgos e fazendo atirar, sem necessidade, todas as fracções. Este facto deu-se em 1870; o citado commandante Layrrits diz que «apesar das diffi-culdades provenientes da fumaça (da pol-vora negra, então) a regulação simultanea naquelle guerra parece ter sido a regra» e explica tal facto pela energia que o perigo empresta á acção sem que, diz ainda elle, tal modo de execução de tiro fosse necessario, senão raramente.

As posições aéreas vem auxiliar enor-memente as observações e parar, de certo modo alguns inconvenientes do numero; devemos não esquecer que os aviadores estarão sujeitos, tambem, a phenomenos nervosos que contrariarão a bôa visão dos factos.

Retardando ou prejudicando a regula-ção mas não sendo possível dispensar a grande massa de artilharia, consequencia logica dos effectivos actuaes, é ainda o numero de canhões o melhor e novo argumen-to que compensa todas as incertezas da lucta.

*Mario Berlink
1º tenente*

Algumas considerações medico-militares da grande Guerra

III

As sciencias medicas do Velho Mundo acham-se, no momento, voltadas para os campos ensanguentados da grande guerra, e nós, que vivemos e nos alimentamos intellectualmente á custa da producção dos grandes mestres europeus, somos tambem forçados a ter olhos fixos naquelle imensa lucta, d'onde nos vêm os ultimos ensina-mentos da arte de curar.

E' a phase do apogeu da medicina e cirurgia militares; são os feridos da guerra, os esgotados, os infectados, estropiados e mutilados pelos projectis, os factores maximos de todas as recentes pesquisas e das mais modernas observa-ções e trabalhos medicos.

Quem acompanhar simultaneamente as noti-cias allemãs e francezas, no terreno da saude militar, poderá aquilatar da somma enorme de meios de que têm lançado mão aquelles povos no sentido de melhorarem a sorte dos seus feridos. Como, de um modo geral, em todos os de-mais serviços, os allemães na sua organisação

sanitaria estavam tambem perfeitamente apparelhados para uma prompta acção em campanha.

Sobremodo aperfeiçoados em sua technica, rigorosos e caprichosos nas installações sanitarias civis, os francezes só agora, á ultima hora, se viram forçados a uma serie de medidas, todas em experiença, relativamente ao seu serviço medico-militar.

Muitos recursos lhes faltavam, a competencia dos seus medicos militares, com honrosas exceções, não era cousa muito invejável e o material sanitario para o serviço de guerra, especialmente com respeito ao transporte de feridos, era muito rudimentar.

O serviço de saude militar em França, de havido muito que se resentia de qualquer dose de estímulo e de encorajamento, incentivos que nunca foram regateados á igual corporação do exercito germanico.

Para os francezes, como ainda para outros povos, os medicos do seu exercito eram ainda modestos *médécins militaires*, enquanto que para os allemães os membros do seu corpo de saude foram sempre considerados e respeitados como os melhores cirurgiões depois dos mestres. Vem a pello trazer á recordação um facto, de testemunho pessoal entre outros, que bem caracteriza o cuidado das autoridades allemãs no desenvolvimento da competencia technica e profissional dos medicos do seu exercito.

Acompanhando a clinica do notavel operador professor Bier, em Berlim, no anno de 1909, certo dia, terminada a aula oral, vi ser evacuado o amphitheatro do Königliches Klinikum, onde trabalhava aquelle celebre cirurgião. Como os demais, fui tambem obrigado a deixar o recinto, apezar da minha insistencia em não me retirar, afim de poder assistir ás intervenções cirurgicas que deviam ser praticadas nesse mesmo dia. Ao chegar ao pateo do referido hospital, deparei com um numero approximado de cem officiaes, mais ou menos, do exercito daquelle paiz e, procurando saber de que se tratava, fui informado de que taes militares eram medicos do exercito, os quaes em determinados dias eram obrigados á assistencia das operações praticadas pelo professor Bier, em forma de aula particular, isto é, privativa para o pessoal do Corpo de Saude, não só de Berlim, como de outras garnições do Imperio. Comecei a matutar sobre o «porque» da lição privada e acabei por me convencer de que se tinha a preocupação do prestigio militar, mesmo em um amphitheatre de hospital; a presença de «civis» num recinto onde podiam ser arguidos «militares» crearia para os allemães uma situação pouco segura para a disciplina...

Afora esse pequeno escrupulo justo, aliás, em um paiz militarizado de *fond en comble*, o facto principal é que os medicos militares allemães, de todas as graduações e idades, frequentam obrigatoria e privativamente as aulas praticas dos grandes mestres, além de serem designados a um estagio de pratica, como assistentes, nas clinicas dos mais notaveis professores.

Não faço comentarios ácerca da recordação desse facto, mesmo porque, nesta desprestenciosa collaboração, não me proponho a criticar esse ou aquelle dos belligerantes, mas simplesmente a citar alguns acontecimentos da actual guerra dignos de menção, sob o ponto de vista do serviço milita. Nessas condições, pode-se afirmar

que em um anno de guerra, em países que representam a cabeça pensante do mundo, as sciencias medico-cirurgicas têm avançado mais do que em alguns decennios de vida pacifica e tranquilla.

Quem se dispuser a folhejar os jornaes de medicina do Continente Europeu, encontrará suas paginas repletas de artigos, communicações, relatorios e discussões sobre pesquisas, experiencias e provas tecnicas operatorias, exames e tratamentos, produzidos, observados e elaborados nos hospitaes de sangue, nas ambulaacias, nos enfermos e feridos de guerra. Fracturas por arma de fogo, ferimentos dos nervos por bala de fuzil, pesquisa de corpos estranhos nos feridos militares, effeitos mutilantes dos obuzes, contusões graves dos *shrapnells*, molestias dos olhos nos feridos de guerra, intervenções graves imediatas na vanguarda, curativo pelo iodo nas trincheiras, e outros tantos assumtos, em que se acham associadas a medicina e a guerra, contribuem exclusivamente para a materia que enche as columnas dessas revistas scientificas.

Tudo da guerra e para a guerra, experiencias e observações nos feridos militares e para as victimas da conflagração! D'ahi a fartura de numerosas observações e experimentos variados nos dominios da practica medico-cirurgica, dessa practica nascida em tão vasto amphitheatre de sangue e dör.

Para confirmação das palavras acima, citarei alguns desses estudos e resultados praticos.

Manda a verdade que se diga, que os francezes, apezar de retardatarios, têm sido de uma grande felicidade e de não menor competencia nos esforços empregados para minorar os sofrimentos e reduzir o obituário no numero colossal de feridos, produzindo trabalhos que grandes benefícios trarão, por certo, á humanidade soffredora.

Assim é que vimos da parte do corpo medico francez o estudo mais completo e perfeito que até hoje se tem levado a effeito para a localização exacta dos corpos estranhos no organismo; por methodos diversos, nos quaes entra sempre a acção decisiva dos raios X, esse assumpto tem sido ventilado de um modo incomparavel, resultando d'ahi que balas de fuzil, estilhaços das mais reduzidas dimensões e outros elementos estranhos não têm conseguido prolongar impunemente a sua acção malefica nos tecidos dos feridos de guerra.

Sobre essa materia os mais detalhados estudos pertencem, sem nenhuma duvida, aos Drs. G. Marion, Vergely e ao medico e physico Colardeau.

Como se sabe e é corrente, quando o projecil se acha retido no tecido osseo, as dificuldades para a sua exacta localisação nada têm de excessivas, e, com uma pequena practica no assumpto, facilmente se reconhece o verdadeiro sitio do corpo estranho. Entretanto, alojado nos tecidos molles ou mesmo nas visceras, já essa localisação «precisa» apresenta maior dificuldade que acaba de ser vencida perfeitamente pelos processos aventados por aqueles illustres autores, os quaes deixo de transcrever para não desvirtuar o carácter ligeiro e simples destas notas.

Um outro problema muito discutido, na actual guerra, pelo corpo medico é o que se refere ao transporte dos feridos. Tal assumpto tem sido o objecto dos mais variados argumentos, mormente

no começo das hostilidades, pelo facto dos trens sanitários terem que sacrificar sua rota, o seu horário e a sua marcha cedendo o «passo» aos comboios de tropas, de munições e de viveres.

Realmente nada se poderá opor a essa dura imposição das leis da guerra, mas consignados foram também os desastrados inconvenientes que desses factos advieram para um grande numero de feridos graves que, reclamando intervenções operatorias mais imediatas e mais delicadas, como as de ferimentos no crânio, no thorax e abdomen, chegaram aos hospitais agonizantes e mesmo mortos.

Foi, attendendo a todas essas circunstâncias, que o espírito emprehensor das autoridades medicas de França se propôz a experiências no sentido de conseguir levar ás linhas da frente, isto é, nos pontos onde as formações sanitárias são mais restrictas, verdadeiras salas de operações com um ambiente de segurança aseptica em nada inferior aos dos hospitais dos grandes centros. A instalação de um «ambiente» de sala de operações, para attender aos feridos imediatamente, se ainda não teve applicação definitiva, já muito bom resultado tem produzido, devido á iniciativa do medico militar Dr. Abadie.

Esse autor foi levado á iniciativa de levar á vanguarda material e accomodações de uma sala de operações relativamente perfeita, tendo á sua frente um cirurgião competente, pelo facto, que já referimos, de muitos enfermos só conseguirem ser salvos por uma intervenção completa e urgente.

Assim pensou aquelle autor que, com uma intervenção cirúrgica precoce, isto é, nas linhas da frente, praticada por cirurgião competente nessa especialidade de alta cirurgia de urgencia, e com um material cirúrgico perfeitamente aseptico, milhares de vidas poderão ser poupadadas, evitando-se a morte fatal nos carros de «evacuação» ou na chegada aos hospitais de sangue.

Para que benefícios resultados pudesse produzir a formula imaginada pelo Dr. Abadie, necessário seria que o cirurgião encarregado das operações, além de competente fosse sempre o mesmo em cada instalação, assim como que os mesmos fossem os auxiliares e enfermeiros, ou um «todo homogeneo e invariável».

Essas instalações operatorias serão transportadas em carros automóveis, ou automóveis cirúrgicos como foram denominados, os quais, com a facilidade de locomoção que lhes é peculiar, serviriam a determinadas zonas das linhas das trincheiras, verdadeiros «sectores cirúrgicos», em cuja extensão attenderiam aos chamados das respectivas formações sanitárias.

O automóvel cirúrgico, se não transportasse uma grande instalação cirúrgica, levaria entre tanto, o essencial para salvar a vida a milhares de feridos graves, conduzindo, além do cirurgião competente, o seu ambiente operatorio imediato constituído pelo auxiliar medico, e pelo enfermeiro, os instrumentos especiais para essa especie de intervenções e o material estricte e scientificamente cirúrgico. O preço do carro criado pelo Dr. Abadie, com a força de 25 cavalos, carroceria de primeira classe chassis e instalação interna comprehendendo o instrumental e material, não se elevou a mais de 20.000 francos, o que representa uma somma pouco custosa na realidade.

O encarregado da anesthesia seria um dos medicos da ambulancia que houvesse requisitado o automóvel cirúrgico; ali também seria o pessoal do automóvel abastecido de provisões de boca.

O autor, para mostrar a utilidade da sua ideia, affirma que tres categorias de feridos poderiam ser utilmente operados no automóvel cirúrgico. Sem contar os grandes traumatismos dos membros, tais feridos são justamente os de que já fallamos; os com ferimentos do crânio nos quais uma «esquilotomia» immediata quasi sempre se impõe, a sua abstenção podendo dar lugar a irrupção de uma «encephalo-meningite» mortal; e outros com ferimentos do thorax e do abdomen.

Nos dous ultimos casos, apesar das recomendações abstencionistas, muitas vidas se salvaram com a intervenção precoce.

Depois do automóvel do Dr. Abadie, uma outra instalação cirúrgica foi ensaiada sob a designação de — «Serviço de cirurgia transportável e desmontável destinado a operar e fazer curativos nos feridos da vanguarda».

Sem embargo, essa instalação que é optima sob o ponto de vista scientifico, porque pode levar bem proximo ás linhas de fogo os mais completos elementos de rigorosa cirurgia, tem o inconveniente do grande numero de carros que exige, na sua maioria caminhões, tipo de viatura pesada, do pessoal numeroso e da grande somma a que attingia o seu custo e manutenção.

A ideia dessa nova instalação cirúrgica transportável cabe ao medico militar Dr. Marcille e na experientia feita coube ao Dr. Hallopeau, cirurgião dos Hospitais de Paris, a execução da maior parte dos actos operatorios.

Por uma recommendação especial para esse serviço só eram enviados os feridos muito graves, pelo que alguns succumbiam mesmo antes de qualquer intervenção. Mas, de 70 casos operados, alguns em estado desesperador, apenas 15 faleceram, pelo que podem ser classificados de excellentes os resultados obtidos nessa primeira experientia.

Desses 70 casos gravissimos, 17 tinham fracturas da base do crânio, 4 eram de ferimentos da medulla, 5 do thorax, 9 do abdomen, 6 das articulações, 7 fracturas expostas com esmagamento, 1 ruptura da urethra, e 14, emfim, ferimentos profundos e multiplos dos membros.

Quasi todos esses ferimentos haviam sido attingidos por estilhaços de obus, tornando-se os ferimentos por bala de fusil cada vez mais escassos na presente guerra. Alguns desses ferimentos eram de uma curiosidade indiscutivel, como o de um soldado que apresentava 15 estilhaços de obus no cerebro e o de outro que, havia quatro dias, perdia substancia encephalica por um grande rombo do occipital.

Para não me estender demasiado nas modestas referencias que ora faço e para não fatigar o benevolente leitor, deixo de proseguir em outras considerações que bem demonstram a lucta e o empenho dispendidos, com o fim de dar allivio ás denodadas victimas daquella immensa conflagração.

Era natural que a confusão se estabelecesse nesse assumpto, especialmente entre os povos que não contavam com uma tão inopinada ruptura de relações e ainda mais, como muito bem diz o Dr. Faure, de Paris, porque de todos os servi-

ços de guerra, aquelle que tem mais a contar com o imprevisto e o acaso é o de saude. Porque, diz aquelle autor, o numero de combatentes a abastecer de viveres e de munições é não sómente previsto, como tambem invariavel em bloco; o numero de feridos, no entanto, pôde variar de um dia para outro em proporções formidaveis, tal qual acontece presentemente.

Alem disso, o ferido é materia eminentemente mais delicada e difícil a manejar do que o obus, o cartucho e, sobretudo, o pão, a carne e o fumo.

Em taes condições, os meios agora experimentados e que estão sendo praticados em relação aos feridos de guerra, quer com a sua "evacuação" immediata, quer com as intervenções preoces por um pessoal competente e maior facilidade de transportes regulares, são de molde a garantir o interesse que fatalmente, de futuro, despertará ás autoridades superiores o serviço sanitario militar, tendo em consideração principal a sua elevada acção humana e os imprevistos que lhe são peculiares.

Dr. Getulio dos Santos.

ESPECIALIZAÇÃO E PROFISSIONALISMO

Todos sabem quão necessaria é a divisão do trabalho nos systemas de ordem qualquer, por menos complexos que sejam; e os exercitos não são de certo as mais simples instituições.

O fundamento da organica é exactamente aquella consequencia immediata do principio geral de economia. D'ahi a diferenciação em armas, serviços e respectivos quadros. Se alguma dessas armas progride de modo a attingir um certo grao de complexidade, como agora acontece á artilharia, não poderá ella desempenhar satisfactoriamente a sua missão sem uma maior subdivisão de trabalho e de responsabilidades.

Naturalmente não se trata aqui de uma especialização estreita, incompativel com os principios geraes da arte da guerra e, mais particularmente, com o principio tactico da ligação das armas.

De um modo geral e sob o ponto de vista de sua influencia no profissionalismo, podem as especialidades dividir-se em dois grandes grupos — um que lhe é sumamente nocivo e outro sem o qual elle não existirá.

Especialidades nocivas. Este grupo comprehende um numero quasi infinito de variedades. Para que não possam ellas medrar em nosso exercito, seria de todo vantajoso combatel-as, o que não seria conseguido sem ficarem as mesmas sufficientemente conhecidas. Na impossibilidade de aqui ennumeral-as todas, vejamos apenas alguns *specimens*.

A seguinte anedota contada pelo ex-presidente Roosevelt nos mostra um primeiro genero de especialidades do grupo considerado: «Quando o Sr. Roosevelt era presidente, havia no Exercito dos E. Unidos um general de excellente apparençia, bom cidadão e melhor pae de familia: mas ... excessivamente pacato, talvez *inefficiente*.

O Sr. Roosevelt bem o conhecia, pois constantemente o via em palacio e em quasi todos os lugares a que era obrigado a comparecer em

consequencia de suas funcções de chefe de Estado. Por fim, entendeu de tirar a limpo até que ponto a realidade dos factos correspondia áquellas apparenças. Certo dia o general foi distinguido com um convite do presidente para juntos fazerem um passeio a cavalo.

Na data aprazada lá sahiram os dois pelas ruas, praças, caminhos e campos de Washington. O presidente foi impiedoso: ora a trote, ora a galope, tocava o seu ginete, distanciando-se cada vez mais do palacio, insensivel á poeira, ao sol e ao cansaço. Aquillo era peior, com certeza, do que um verdadeiro combate: o velho general, derrotado, teve que capitular: o presidente terminou o seu passeio sosinho. No dia seguinte o Exercito norte-americano contava mais um general reformado... a pedido. (*)

O heroe da anedota se convencera de que o caminho mais curto para subir era o culto exclusivo da bella apparençia, do uniforme e, sobretudo, do palacionismo.

Isto de montar a cavallo fora das avenidas, de suar, de estragar o uniforme e a saude em *raids* a que o coronel Roosevelt, eminentemente extravagante, chamava passeios, não era causa compativel sinão com officiaes de mui curta intelligencia e sem idéas. O companheiro do illustre estadista americano não foi, necessariamente, o fundador dessa escola que deve ter entusiastas em outros paizes. Se no nosso elles não existem, pede a logica que os admittamos, afim de que se possam explicar, entre outros os seguintes phenomenos: a) Um exercito cheio de experiencias e onde já muito se trabalha, não dispõe ainda de um uniforme que preencha seus fins. Uniforme, como o actual 3º, incompativel com a nossa nacionalidade e com a nossa natureza, muito caro, muito incommodo e pouco duravel, etc., não poude ainda ser eliminado. Porque?

Os collegas daquelle heroe somente o vescem rarisimas vezes, em passeio pela Avenida ou para apresentações em palacio e, como não pode o mesmo ser, com esse uso estragado, d'ahi concluem a sua durabilidade que, aliada ás glorias que representa (glorias por elles alcançadas, naturalmente em existencias anteriores, em sangrentas batalhas travadas no mesmo theatro onde agora se joga a grande partida de 1914, sob a bandeira tricolôr), fazem desse tal uniforme uma coisa sagrada; b) a oposiçao tremenda exercida contra tudo que nos possa arrancar da rotina, como sejam bons regulamentos, exercicios diferentes do celebre *general*, paradas e passeios militares fora das avenidas etc., etc.

Um outro genero não menos interessante do grupo é o *canchista*. Verdadeiro economista, emprega como ninguem a theoria do menor esforço. Tem a virtude de tudo transformar em *cancha*. Ocupa com o mesmo desembaraço todo e qualquer lugar; desempenha com a mesma noção (?) de responsabilidade todas as comissões. Quando professor de tactica, por exemplo, começa sua aula um quarto de hora mais tarde, abre o Vial na pagina marcada, procura com o indicador a linha, tambem marcada, onde havia terminado a lição anterior; continua a leitura, então interrompida, durante uns vinte e cinco minutos, findos os quaes, assignala a linha e pagina onde havia ficado para, no proximo dia, ou quinzena, continuar do mesmo modo. Infeliz

do alumno que em prova escripta se esquecesse de uma vírgula ou palavra do celebre autor! Quando instructor de topographia, por exemplo, dava aula na arrecadação onde eram guardados os instrumentos. Ahi, após haver mostrado como era complicadissima a arte topographica, tão dificil que, somente elle e um camarada ja falecido a pudermos sufficientemente comprehendere, abria a caixa do sextante. Se um alumno mais curioso se aproximava, o instructor lhe recommendava que não tocasse no instrumento que não devia sahir do estojo, porque a sua recollocação ahi era muito difficulte. Com isso terminava a aula que de novo funcionava, d'ahi a um ou dois meses. Como pode ocupar e já ocupou, mesmo, todos os lugares, o canchista pode, de cathedra, mui bem julgar. Tudo transformando em *cancha*, transforma todos em *canchistas*. Assim, para elle, os professores, os instructores, etc, nada fazem; pois essa gente dá apenas uma hora de aula e nada ha mais simples, mais facil e mais com modo do que isso . . .

Seria interessante acompanhar este heroe no desempenho de outros cargos, o que não nos permitem o tempo e o espaço. Para ainda melhor caracterizal-o, porém, vejamos-o como arregimentado. Não faz questão de arma, todas elles (consequencia de classico axioma) sendo iguaes a uma terceira — meio de vida e não de morte, são iguaes entre si. Assim, conforme o chefe, elle resolve servir na cavallaria. Mas o cavallo, como especie zoologica, é uma cousa ainda não bem conhecida; finge desagreditado e, mesmo se for preciso, medroso ou doente, algumas vezes, philosopho-religioso e não põe pé no estribo. O corpo de officiaes, para evitar vergonhas ao regimento, está sempre prompto para substituir-no no comando, na instrucção, nas formaturas, etc. Elle troca sempre essas funções pelo archaico estado maior e, enquanto a maioria dos companheiros instrue uma fraccão, salta obstaculos, estuda o regulamento ou joga espada, elle joga... gamão!

Passemos a um outro genero ainda do 1º grupo.

O burocrata. Nasceu para o papellorio, onde quer que elle exista e cuja complicação, por instinto de conservação, faz sempre crescer. Transformou, subtilmente, a arte de commandar na de verificar e assignar papeis; para elle tudo é papel e o papel é tudo. A instrucção, a disciplina, a iniciativa, o bem estar da tropa, etc, tudo sacrifica a um *visto* ou *forneça-se*, não com o interesse pela ordem mas, simplesmente por amor á especialidade. Conseguio transformar o capitão em almoxarife, o major em contador e o coronel em contador-mór, cuja missão é, então, fazer economias licitas (?) à custa da saude, commodidade, etc, dos homens e animaes, para, oportunamente recolher á contadaria enormes sommas cuja determinada applicação não soube e não quiz fazer. Incapaz para o commando, faltando-lhe para isso a primeira qualidade — a coragem das responsabilidades, não conhece a iniciativa e annulla esta preziosa qualidade com o seu caracteristico principal — a centralização. Incapaz, ainda, de comprehendere um regulamento destroe tudo que de mesmo poder-se-ia esperar: o regulamento é elle, isto é, a sua vontade. O burocrata é acerimo inimigo do official de tropa, cujas verdadeiras qualidades não tolera e, sorrateiramente, combate. Estas considerações explicam satisfactoria-

mente o facto de serem a instrucção, a disciplina, etc, nas unidades não agrupadas em regimentos, muito melhores do que nesses regimentos onde a porcentagem de especialistas deste genero é, necessariamente, maior.

Burocratas houve que ascenderam ás mais altas posições no Exercito sem jamais haverem cavalgado ou se colocado á frente de uma fraccão de tropa e conseguiram fama de bons commandantes, tendo commandado sómente papeis! O sistema de economias acima referido não tem, como aos leigos parece, por fim obter um beneficio para a nação. Os seguintes factos esclarecem melhor a questão.

Servi como 2º Tenente em um regimento de artilharia de campanha aquartelado em uma das capitais do sul. O regimento dispunha de uma bella cavallada, sendo montados, quasi exclusivamente, os cavallos de uns quatro officiaes, o do ajudante e o do instructor. Desses officiaes alguns montavam em dois cavallos. Um bello dia o major propôe e essa excellente cavallada, em pleno inverno, é quasi toda remettida para a invernada, cujos pastos achavam-se inteiramente queimados pela geada. O cofre do conselho economico encheu-se com a diaria de forragem de muitos mezes, mas os cavallos morreram quasi todos . . .

Nesse mesmo regimento assumi interinamente o commando de uma bateria e, como inspector da musica, tive que fazer, proporcionalmente ás classes, a distribuição de uma certa quantia pelos musicos. Fiz os meus calculos com approximação á unidade e apresentei-os ao major. Após, demorada inspecção elle me ordena de fazer de novo, os calculos approximando até os centesimos. Pedi permissão e observei que não tinha moeda para pagar fraccão menor de 20 réis e não poderia pagar centesimos de real, sendo talvez mais pratico distribuir os 200 e tantos réis restantes, provenientes de fraccões inferiores a vintem, a um aprendiz que houvesse trabalhado, o tocador de pratos. O major reiterou a ordem e eu a cumprí. O pagamento seria feito como eu propusei e qualquer faria, mas na folha de pagamento ficaria constando aquele zelo . . .

Conta-se o facto, não sei se verdadeiro, do pedido de uma talha de barro para a guarnição da cidade de Florianopolis, talha que ahi poderia ser facilmente adquirida por insignificante quantia. A burocracia, porém, fez encaminhar o pedido para a administração central que, após visto d'aqui, forneça-se d'ali, fez engradar uma talha e a remetteu para aquella cidade onde a talha chegou quebrada . . .

E' digno de nota o facto da creaçao do corpo de intendentes com o fim de emancipar o official combatente do papel, produzir efecto exactamente contrario e com ella os burocratas passaram a fazer uma maior concorrencia aos capitães ou coroneis, que todos o são, de contadaria. Então, ao passo que aquelles pôdem substituir estes, pôdem estes, os da contadaria, vantajosamente substituir aquelles. Com vantagem, digo, porque os de contadaria, em igualdade de condições, têm entusiasmo pelo uniforme, gostam e fazem questão de uma continencia que procuram, tambem, fazer com correccão. Os outros, quando estão fardados, fazem barretadas com os gorros e, à paizana, levam a mão á aba do chapéu. Implicam solememente com a correccão e compostura militares.

Seriauria verdadeira crueldade, para com

alguns cardiacos, neurasthenicos, etc. fazer-lhes uma continencia de acordo com o regulamento. A união energica dos calcânhares (onde o bater das esporas ou salteiras), o tlim-tlim das espadas e, sobretudo, uma culote com perneiras, em vez da bombacha com a bota de fole (genero harmonica) lhes fazem um mal horrivel. Para os adeptos desta especialidade, a espada, as botas, as esporas, o cavalo e, mesmo o sol, são verdadeiros flagellos impostos á humanidade. Todas estas cousas se lhes afiguram encarnações vivas dos seus remorsos.

Fustigado pelas *ajudas* do progresso e não vendo mais nenhuma taboa onde se possa agarrar, o burocrata se transforma em *rabula*: é-l-o mestre em *ignacia*. De posse desta *sciencia*, elle melhora e aperfeiçoa consideravelmente as suas qualidades intrinsecas. De agora em diante, os progressos na instrução e em tudo concernente á militança, não mais será entravado sómente com o papellorio, mas ainda, com as proprias leis feitas com o unico fim de assegurar esses mesmos progressos. Não tendo conseguido fazer a transição do *exercicio geral* de batalhão ou de regimento para o *exercicio tactico*; não podendo hombrear com os seus camaradas ou commandados; enquanto estes estudam os regulamentos e procuram praticar os seus ensinamentos, o nosso heroe procura excavar nos regulamentos disciplinares artigos e paragraphos que, de qualquer modo, torcidos e combinados possam na primeira oportunidade (ardentemente desejada), pregar áquelles uma boa peça. Impelidos, por circunstancias inevitaveis a tomarem parte em combates, ahí tudo comprometem pela sua absoluta incapacidade militar. Se, então correram, uma vez terminadas as operações e estribados na caridade dos companheiros por elles sacrificados, provam haverem commetido bravuras e etc, etc.

E' desta ultima classe (burocratas) que provém os celebres *bonsmoços* e os especialistas em pilherias, unico conhecimento de que dispõem para a resolução das mais sérias questões.

Mas iríamos ao inferno, eu e o leitor, se nos embrenhassemos por esse matagal a dentro. Deixemos, pois, sem analyse outros exemplares tambem importantes, como sejam os *inventores* de cousas, já ha muito, evoluidas, *descobridores* e eternos *experimentadores* de coisas recusadas pela sciencia e pela pratica e os *commemoradores impenitentes* de coisas que em nada nos dizem respeito, etc, que tempo é já de entrarmos no principal assumpto deste artigo.

Especialidades necessarias. A nossa inconstancia e falta de espirito pratico nos conduzem á incapacidade para a realização dos grandes emprehendimentos que, naturalmente, não pôdem dar resultados imediatos. Não sabemos esperar para podermos colher os fructos d'aquelle que com tanto sacrificio plantámos. Quando a planta ainda arbusto, podámos-a e enxertámos-lhe individuos com ella mais ou menos incompatíveis para, de novo, antes do completo crescimento, operarmos do mesmo modo. E', pois, muito natural que em o nosso paiz, mesmo as mais bellas e experimentadas instituições, nenhum beneficio resultado produzam. A nossa vaidade prohíbe mesmo, que tiremos partido das duras experiencias alheias. Basta, para não sahirmos do nosso meio, atendermos ao grande numero de regulamentos quo tem tido a Escola Militar e ao intervallo entre os mesmos existente. Nenhum desses regulamentos pôde

ser fielmente cumprido, influindo principalmente para isso mudanças de comando, de ministros, de governo e do proprio regulamento.

Do regulamento de 1890 sómente se deveriam esperar doutores em mathematica, em sciencias physico-natureaes e em positivismo. O de 1898 poe um paradeiro a essa historia mas fez *bachareis* em sciencias militares, os quaes saltaram da escola sabendo ninharias de infantaria, de cavallaria, de artilharia, etc. etc. Como consequencia eram os jovens officiaes, por elle formados, indiferentemente classificados em qualquer das armas e, ainda hoje, vemos officiaes de infantaria que, por gostarem da cavallaria, são autoridades nesta arma e muito pouco conhecem da sua; cavallarianos que têm verdadeiro horror ao cavalo e ao mais que com este se relacione — gostam e muito conhecem de artilharia; infantes medios na sua arma e notaveis como engenhiros etc.

O regulamento de 1905, muito melhor orientado, não obstante haver sido pessimamente cumprido, chegou a dar bons resultados: a *bacharellice* sofreu um bom golpe. O actual, de 1913, resolveria perfeitamente a questão se a Escola Militar fossem concedidos os recursos materiaes de que ella ha muito tempo precisa e ainda, se podessem ser convenientemente installadas as escolas praticas. Não obstante o trabalho ahí realizado, cujos resultados pôdem ser perfeitamente apreciados nos corpos de tropa, a missão da Escola será sempre entravada pela falta de elementos materiaes. Dois exemplos, entre muitos, elucidam o assumpto: — Desde 1905 que a administração da Escola do Realengo se empenha pela aquisição de uma bateria de campanha e ainda a não pôde conseguir; — não se pôde, ainda, obter o numero de cavallos indispensavel para os exercícios de equitação, de cavallaria e de artilharia. Algumas tentativas feitas já ha algum tempo, neste sentido, redundaram em diminuição da forragem para os existentes que trabalham cerca de cinco vezes mais do que os dos corpos montados! Em todo caso, os esforços despendidos conseguem de um modo suficiente, relativo á crise geral que atravessamos, muito do resultado almejado; isto é: que cada official conheça muito regularmente a sua arma sem desconhecer as generalidades das outras. Como se vê, a Escola Militar realiza a sua missão e não pôde excedel-a. Uma maior amplitude de solução não lhe compete mas, talvez, ao Grande Estado Maior.

Seria necessário, para esse fim, instituir-se entre nós o *regimen dos commandos* que, um pouco parecido com o nosso addido (que não come figo), delle muito differe, como vamos vér.

Até o posto de coronel, inclusive, o official sofreria, em epochas prefixadas, uma serie de *commandos* junto ás armas diferentes da sua, onde assumiria comando de fracção correspondente ao seu posto, com as mesmas responsabilidades dos officiaes da arma junto á qual foi *commandado*. Estes commandos não devem começar antes que o oficial tenha dois annos consecutivos de arregimentação na sua propria arma e no mesmo posto. O intervallo entre os commandos não deve, tambem, ser pequeno, pois, só assim poderia o oficial bem assimilar o que fôra vér em arma estranha.

A duração do tempo de comando pôde ser de tres mezes e este deve ser realizado em epocha, tambem, conveniente. Como ao official coman-

dado á outra arma compete apenas vêr realizado aquillo de que precisa para mais se aperfeiçoar na sua, não será vantajoso que um official de artilharia, por exemplo, se apresente a um corpo de cavallaria na epoca de instrução de recrutas, mas sim no inicio da escola de esquadro.

O regimen dos commandos poderia ser realizado do seguinte modo: O 2º Tenente de infantaria apôs dois annos de arregimentado na sua arma, seria commandado addido por tres mezes a um corpo de cavallaria entregando ao apresentar-se de novo a seu regimento um circumstanciado relatorio do seu serviço na cavallaria. Para que esse commando fosse proveitoso deveriam os officiaes de infantaria e de engenharia, em epoca convenientemente escolhida ser obrigados á aprendizagem da equitação, durante um mez pelo menos, diariamente, no quartel do corpo montado mais proximo, sendo para essa instrucao designado um capitão desse corpo.

Depois do estagio de, pelo menos, um anno no seu regimento, seria elle commandado junto á artilharia de campanha. De volta ao regimento, com o indispensavel relatorio, terminava os commandos relativos ao 1º posto.

Proceder-se-ia do mesmo modo, *mutatis mutandis* com os 2ºs tenentes de cavallaria e de artilharia.

Os commandos relativos ao posto de 1º Tenente seriam realizados na arma de engenharia, na artilharia impropriamente entre nós chamada de posição, nos arsenaes ou fabricas e no trem.

Do posto de capitão em diante os commandos deveriam começar apôs tres annos de efectivo serviço no posto. Poderiam então servir effectivamente durante tres mezes addidos, a um estado maior de regimento ou brigada da mesma arma, a uma escola de applicação, a uma escola de tiro, etc. A cada posto superior correspondencia sempre uma serie de *commandos* de responsabilidades crescentes, de maneira a preparar-se o official para o bom desempenho das missões actuaes e das que lhe coubessem em virtude de promoção. Elle tornar-se-ia assim especialista na sua arma com os conhecimentos praticos (aliados aos já adquiridos nas escolas, no jogo da guerra, etc.) dos principios mais importantes das armas irmãs e apto, então, para, efficientemente, com mandar unidades mixtas.

Baseado em um bom recrutamento de officiaes, o regimen dos commandos seria, bem dirigido, um optimo meio de aperfeiçoamento na militança. Elle viria pôr um termo a isso que promoção por merecimento. Não seria preferivel julgar desse merecimento pelos serviços reaes prestados pelo official, pelo estudo dos seus relatorios, pelo juizo dos chefes sob cujas ordens houvesse servido, do que lér, ou não lér fés de officio mais ou menos massudas, cheias de elogios ja incompatíveis com o actual exercito, nas quaes nada mais se pode vêr?

Como poderia com esse regimem, ser promovido a um posto superior, official que jamais se tenha collocado á frete de uma fracção de tropa, que jamais tenha montado a cavallo e que, em summa, outra cousa não tenha feito do que confectionar ou assignar papeis?

Não será este o homem que, um dia, nos conduzirá ao contacto com o adversario?

Se nas armas de infantaria, cavallaria e engenharia a especialização, segundo nosso ponto

de vista, é uma imperiosa e urgente necessidade, na arma de artilharia, a mais complexa e difficil de todas, precisamos, ainda, de uma sub-especialização. Os enormes progressos realizados nos diferentes ramos em que se divide a artilharia não mais permitem que, como pretendemos, possa um individuo, por mais intelligente, instruido e activo que seja, ser ao mesmo tempo bom official de artilharia de campanha, de artilharia de costa ou um technico. Qualquer desses complexos ramos é, por si só, bastante para ocupar a vida inteira de um official, se este quizer merecer este titulo; isto é — ser um profissional. Estes diferentes campos de actividade exigem requisitos especiaes e, na maioria dos casos incompatíveis. Assim o artilheiro de campanha deve ser bom cavalleiro, agil, de temperamento entusiasta, aventureiro, sportivo e adequado ás intempéries e ser emancipado de habitos e commodidades. Estas qualidades que lhe são essenciais, são mui secundarias nas artilharias de costa, de praça e de sitio. O artilheiro de campanha sente-se profundamente mal em uma fortaleza cuja vida monotoná, pacata, etc., não pode bem tolerar. Adapta-se a contragosto a uma organização, a um regimem e uma technica esencialmente diferentes.

Na artilharia de costa somente o telemetro o convencerá de que uma tal distancia é de 8 kilómetros e não de 3800 metros como havia estimado.

Com o outro, dá-se exactamente o contrario. Na artilharia de campanha vê logo o seu primeiro inimigo no cavallo, supporta mal a vida agitada e incomoda do novo meio. Avalia com a maior naturalidade em 3000 metros uma distancia de 1500 metros, etc.

O technico é o homem da mathematica e da sciencia applicada.

Muito ponderado e logico, elle lança olhares atravessados para esses guapos cavalleiros que, parece-lhe, esqueceram-se ja dos inconvenientes da inercia, da theoria do choque, etc. Para elle, analogamente ao canhão e seu projectil, o cavallo é uma machina e o cavalleiro a sua ferramenta sempre prestes a descrever trajectorias um pouco difficéis de estudar, tal o numero de indeterminados coefficients, e a produzir um impacto cheio em uma barreira, ou, não obstante não haver-se diminuido a força de projecção, qual projectil de morteiro, a cahir com grande angulo de queda no fundo do fosso. Não lhe fallem nas formulas simples e expeditas do artilheiro de campanha, mas em integraes, logarithmos, etc. E' questão de temperamento que, não ha negar, é tão util, quando bem aproveitado, como qualquer outro.

Estas considerações são mais que suficientes para nos convencerem da urgente e imperiosa necessidade da especialização para todos e, tambem, de uma sub-especialização para os officiaes de artilharia. A falta de uma especialização, assim concebida, aliada á da solução de problemas fundamentaes geraes, difficultam, com inefavel prazer dos especialistas do 1º grupo, a transição entre o exercito antigo e o moderno e explica, tambem, a pobreza da nossa litteratura militar. Verifica-se que, na maioria dos casos, os officiaes que têm, por longo prazo, desempenhado uma mesma função, têm sempre produzido trabalhos, não raras vezes, sepultados por esses mesmos especialistas.

Tem sido uma verdadeira loucura o processo até hoje seguido de servirem os officiaes de artilharia em qualquer ramo da arma. Não ha muito tempo a maioria dos officiaes que serviam efectivamente na artilharia de montanha, eram os maiores e os mais gordos do Exercito; na artilharia de campanha ligeira, os peiores cavaleiros, cujas montadas engordavam em argola e na de costa bons typos de artilheiros de campanha.

Não menos absurda é a transferencia, sem mais aquella, de um official de artilharia de montanha para um forte marítimo moderno.

Esse official so poderá ahi achar tudo errado: canhões grandes de mais, projectis (não obstante a MV²) excessivamente pesados, peças em dema-

²ria nos diferentes apparelhos, etc., etc.

O problema do profissionalismo, ja realizado em toda parte, é entre nós difficil e, ao mesmo tempo, facil.

Difficil, porque necessita de duas cousas muitíssimo raras entre nós — querer e saber esperar; facil, porque nada mais seria necessário do que estimular os que trabalham (livrando-os tambem, das garras adúncias dos especialistas do 1º grupo) e — collocar cada macaco no seu galho.

Temos ja um bom nucleo, suficiente para começar com resultados quasi immediatos.

Assim, para constituirem o quadro de tecnicos, encarregados de experiencias, estudos, aquisição e recepção de material, os officiaes que acompanharam no estrangeiro o fabrico de material de guerra e os que, attendo-se aos antecedentes e ao numero de vagas, requeressem para fazerem parte do quadro. Seria vantajoso instituir-se o curso de engenheiros — artilheiros.

Para artilharia de campanha os officiaes que serviram arregimentados nessa arma nos exercitos estrangeiros, os que a ella se têm mais particularmente dedicado no Brazil e os que, nas mesmas condições acima, o requeressem.

Na artilharia, chamada entre nós de posição, que conta, tambem, um bom numero de distinções e estudiosos officiaes, serviriam naturalmente estes, os que foram commandados junto á artilharia de costa americana e os que, nas mesmas condições acima, isso desejassem.

Seria da maior conveniencia a separação dos quadros entre a artilharia de campanha e a de montanha de um lado, e a de costa e de praça do outro. Em quanto, porem, não seja isto opportuno, conviria que o Ministerio da Guerra nenhuma transference fizesse sem attender e conformar-se com a opinião do G. E. M. unico responsável pelas consequencias de taes transferences, relativamente ao profissionalismo.

Para o profissionalismo, pois; ou para o bachelismo, isto é, para a inefficiencia.

Rio, Setembro de 1915.

Parga Rodrigues
Cap. de artilharia

Parallaxes

Le-se em o Boletim do Grande Estado Maior, de Novembro de 1914, sob o título supra, uma explicação do illustre 1º tenente Bertholdo Klinger, da rasão de

ser de um erro de seis centos millesimos na determinação de uma deriva em que a correção de parallaxe, em relação ao ponto de pontaria, era de mil millesimos. Verificou o citado official que o erro commetido tinha explicação no facto de, na prática, tomar-se o seno pelo angulo, segundo $\frac{N}{D}$. a relação $\frac{N}{D}$.

De modo que tendo obtido pela referida relação, a unidade para seno, conclue-se que o angulo era de 90 gráos ou de 1600 millesimos. Accrescenta o tenente Klinger que, todas as vezes, que pela relação $\frac{N}{D}$ tivermos uma parallaxe de 0,500 devemos forçal-a de 30; porque 0,5 é seno do angulo de 30 gráos que equivale a 533 millesimos.

Do mesmo modo, se a parallaxe encontrada fôr de 0,700, devemos forçal-a de 100; porque 0,7 é seno do angulo de 45 gráos ou 800 millesimos. Idenicamente se tivermos para parallaxe 0,850 devemos forçal-a de 200; porque 0,85 é seno approximado de 60 gráos ou 1066 millesimos.

Explicando aos alumnos da Escola de Applicação, o assumpto acima, por julgal-o de valor pratico; concluimos que a escala dos decuplos dos senos gravada no prato da luneta de bateria, nos permite a determinação da parallaxe real, desde que a parallaxe encontrada pela relação $\frac{N}{D}$ exceda a 400 millesimos. Com effeito, achada pela relação $\frac{N}{D}$ uma parallaxe que excede ao limite acima, reduz-se o seu valor a decimos, vae-se á luneta e procura-se o numero de millesimos correspondente a este numero de decimos na escala dos senos.

Exemplifiquemos:

1º Exemplo: $\frac{N}{D} = 0,700$; vamos a luneta e verificamos que o n. 7 da escala dos senos, no 1º quadrante, corresponde exactamente ao n. 8 da escala dos millesimos. Conclue-se que a parallaxe real é de 800 millesimos.

2º Exemplo: $\frac{N}{D} = 1$; procura-se no 1º quadrante o n. 10 da escala dos senos e vê-se que o traço que lhe corresponde na escala dos millesimos é o 16, logo a parallaxe real é de 1600 millesimos.



3º Exemplo: $\frac{N}{D} = 0,850$; verifica-se que o meio da distancia entre os traços 8 e 3 dos senos corresponde, mais ou menos ao meio dos traços 10 e 11 da escala dos millesimos; logo a parallaxe real é de 1050 millesimos approximadamente. Sendo a parallaxe approximada, por isso que approximados são os elementos de sua determinação, o que se procura evitar, na prática, é um erro muito sensivel. Nestas condições o processo que ousamos apresentar á consideração de nossos collegas permitirá, a quem tiver pratica da luneta de bateria, determinar com sufficiente approximação a parallaxe real.

*José da Silva Barbosa
1º tenente*

Questões á margem Das «Cartas» de Griepenkerl

(Continuação)

XVII. Profundidade de marcha

No calculo da profundidade da columna de marcha, 2ª Carta, pag. 43, não estão levadas em conta as distancias a serem observadas entre as diversas unidades, segundo estabelece o R. S. C. 352?

Diz este artigo: «Para evitar que as pequenas variações na profundidade de marcha das diferentes unidades se transmittam ás seguintes, elles devem observar certas distancias entre si, a saber:

Depois de cada companhia ou esquadrão $10 \times$; (*)

depois de cada batalhão, companhia de metralhadoras, bateria ou columna ligeira de munições $15 \times$;

depois de cada regimento, grupo de artilharia $20 \times$;

depois de cada batalhão de artilharia pesada $40 \times$;

depois de uma brigada $40 \times$;

depois de uma divisão $120 \times$.

Os officiaes montados, os musicos, os cavallos de mão, etc. não devem prejudicar estas distancias. O fim dellas é equilibrar as interrupções do movimento da columna e podem por isso ser provisoriamente perdidas».

Esta disposição final readquiriu toda a oportunidade com a recente parada de 7 de Setembro em que, mais uma vez, se viu que ella é desconhecida. Com efecto, quem não observou já em qualquer força nossa de infantaria, seja do exercito, da marinha ou da polícia, este quadro tipico? na frente uma interrupção inesperada na marcha, em consequencia os elementos posteriores da columna antes que se apercebam d'isso e párem, approximam-se exageradamente dos ele-

mentos de sua frente, isto é, perdem a distancia; a principio, marcam passo, depois pouco a pouco vão retrogradando, em passos meúdos, decimos de passo, sempre na cadencia, só e só com o fim de restabelecerem a distancia correcta! Irracional e inteiramente errado. Repitamos: ... as distancias podem ser provisoriamente perdidas».

Talvez se possa chamar a essas distancias, em razão do fim a que a sua observancia se destina «distancias technicas de marcha». Se a columna de marcha fosse continua, sem essas distancias que lhe dão elasticidade, as velocidades diversas de um elemento, resultantes por exemplo das declividades variadas da estrada, transmitir-se-iam aos elementos seguintes ou produzindo estiramientos, rompimentos da columna, ou paradas, embolamentos.

Estas distancias technicas de marcha são admittidas como já contempladas na profundidade consagrada para as diversas unidades, e assim não se precisam levar especialmente em conta no calculo da profundidade de uma columna. Nesse calculo levam-se apenas em conta as «distancias tacticas de marcha», a guardar entre os diversos elementos em que se articula a columna de marcha, e de que tratam os art. 172 e 173 do R. S. C. (grossso, vanguarda, corpo, testa e ponta)

XVIII. Ordens tacticas

Na 2ª Carta, pag. 30 § 4, fala-se em «ordem tactica» e na 1ª Carta, pag. 14 § 2º, referem-se as ordens de operações, ordens especiaes e ordens do dia.

Ordens tacticas são as ordens de operações e as ordens especiaes que as completam.

Não são ordens tacticas as ordens do dia; seu objecto está definido no final do citado § 2º da pag. 14.

XIX. Leitura das curvas de nível

Lê-se na 3ª Carta, pagina primeira, § 3º: «Pela estrada que vae de Colligny a Metz, por Colombey, deve marchar o destacamento, que terá de transpôr o valle abrupto e profundo do arroio de Vallières...»

Porque abrupto e profundo?

Isso resulta da inspecção das curvas de nível: o valle é *profundo* porque as curvas de nível de seus dois flancos são *numerosas*, e é *abrupto* porque estas curvas são *muito unidas*. Pode-se resumir da seguinte forma a leitura das curvas de nível :

1) Quanto ao intervallo das curvas :

1) Curvas de nível muito proximas — terreno muito inclinado;

2) equidistantes — inclinação uniforme, encosta plana;

3) as de nível mais baixo, mais approximadas entre si, ou em outras palavras, proximidade crescente de cima para baixo — encosta convexa;

4) inversamente, proximidade crescente de baixo para cima — encosta concava.

II Inflexões das curvas de nível :

1) Salientes arredondadas — lombas;

2) salinças agudas — pontas;

3) reentrâncias arredondadas — depressões largas ;

(*) Este signal × significa passos.

4) reintrâncias agudas — cóvias, grotas, sulcos; apresentam, em geral, sanguas, correlos, segundo a linha de maior declive, isto é, que passa pelos vértices das curvas, representando a soleira do barranco.

5) Espaço entre linhas de curvatura em sentidos opostos — garganta, passagem de uma vertente para outra, por cima da elevação.

XX. Capacidade defensiva da cavalaria

3^a Carta, pag. 51, linhas 2^a a 5^a: «...a cavallaria não pôde garantir propriamente a segurança, no sentido absoluto da palavra, da infantaria cuja marcha ella protege na frente ou nos flancos. Para tal fim a sua capacidade defensiva é muito mediocre.»

Vide Questão VII, n. 22 pag. 313.

Como já foi exposto o esquadrão pôde, para o combate a pé, apesar a metade dos seus homens ou tres quartos. Em qualquer dos casos o numero de atiradores poderá ser aumentado desde que se diminúa o dos homens que seguram os cavallos.

No 1º caso constituem-se dois pelotões de atiradores, divididos em esquadras de 4 filas. No 2º caso constituem-se quatro pelotões (como no esquadrão a cavallo) salvo ordem diferente do capitão. Encontra-se no «Guia para o ensino da Tactica»:

Para o combate a pé applicam-se os mesmos principios consagrados para a infantaria. Comtudo não é da alcada da cavallaria um combate pelo fogo com o caracter de luta renhida, proprio ao da infantaria.

Além de que para isso a dotação de munição é insuficiente, ella tambem ficaria muito enfraquecida como cavallaria, porque a cada atirador posto fóra de combate, acresce outro homem perdido — o que terá de conduzir seu cavallo.

Assim a cavallaria recorrendo ao combate a pé, procurará uma decisão rapida, vencer em tempo minimo, empêchando por isso desde o começo a maior força que pudér e em frente larga.

Conseguindo-se illudir o inimigo sobre a força numerica e a especie de arma combatente, melhor se realizará o objectivo.

... «Reflete uma vez se has de atacar a cavallo, tres vezes se has de fazel-o a pé.» (general v. Kleist)

... Apeando a metade dos cavalleiros o esquadrão dá apenas 55 atiradores, de modo que um regimento de cavallaria equivalerá a uma companhia, duas brigadas a um batalhão. Apeando tres quartos um esquadrão poderá formar no maximo 105 atiradores; um regimento, deixando um esquadrão de reserva a cavallo, formará 200 a 300 fusis; uma divisão de cavallaria, deixando um regimento como reserva a cavallo, apenas representará no combate pelo fogo, o efectivo de dois batalhões.»

XXI. Linha avançada

3^a Carta, pag. 52, linha 6^a: «Desde que se chegue a travar combate, a flanco-guarda, enquanto o grosso toma posição, se transformará em *linha avançada*, analogamente ao caso de uma posição defensi-

va. O aperfeiçoamento das armas de fogo modernas não veio senão agravar os inconvenientes dessas linhas... (R. I. 407)».

O artigo citado vem a ser o 441 do nosso R. E. I. 1915, que diz: «Em regra deve haver uma só linha de defesa, que se reforça com todos os meios possíveis.

As posições avançadas impedem facilmente o fogo da posição principal e conduzem muitas vezes a revezes parciaes...»

Diz o «Guia para o ensino da tactica»:

As posições avançadas pôdem servir para ganhar tempo ou induzir o inimigo a desenvolver-se n'uma direcção falsa. Comtudo impedem facilmente o fogo da posição principal, podem dar lugar a revezes parciaes e proporcionam abrigo ao atacante, quando abandonadas pelo defensor. Sua efficacia pôde ser aumentada com o recurso de obras simuladas, guarnecididas fracamente. Quando parecer necessário defender tenazmente uma posição avançada, então ao organisala é preciso attender a que ella possa ser apoiada por fogo flanqueante de infantaria e de artilharia da posição principal. Comtudo, em geral, dever-se-á evitar um combate renhido em tal posição.

As experiencias dos Russos na batalha do Schaho fôram de molde a confirmar a aversão ás posições avançadas.

XXII. Protecção á artilharia

3^a Carta, pag. 55, linha 3^a: «Além disso, a artilharia precisa da protecção das outras armas»...

Diz o art. 370 do R. E. A. allemão:

«Ao entrar no combate a posição da artilharia é protegida por infantaria avançada.

A artilharia em posição protege-se de frente pelo seu proprio fogo desde que possa bater o terreno ás distancias minimas. De outro modo será preciso protegel-a por infantaria. Para as longas linhas de artilharia é necessaria a protecção da frente, por pequena força de infantaria, afim de evitar que o inimigo possa inquietal-a por meio de patrulhas.

Se bem que seja dever das outras armas tomar por sua iniciativa a protecção da artilharia proxima, não fica o commandante da artilharia livre da responsabilidade pela segurança de sua tropa.

E' preciso que a propria attenção garanta contra sorpresas, attendendo-se especialmente ao flanco desprotegido.

As necessarias medidas de esclarecimento são determinadas pelos commandantes da artilharia, comtudo independente dellas toda bateria de flanco tem que cuidar do esclarecimento no flanco.»

Convém ler o art. 483 do nosso R. E. I. 483, capitulo : A infantaria e as outras armas.

(Continú.)

Escola de Aplicação para Oficiais Superiores

Entre os espiritos de escol a cuja accção intelligente e tenaz deve a França o resurgimento do Exercito, effectuado nes-

es ultimos quinze annos, destaca-se, como um dos maiores, o eminente general Percin.

General de verdade, competencia profissional inconteste e respeitada, elle atirou-se de coração e de espirito ao engrandecimento militar de sua patria. O bisturi de sua critica severa e desapaixonada teve que rasgar fundo os tumores que a rotina e a ociosidade haviam feito brotar nas axilas do organismo militar francez para entravar-lhe os movimentos necessarios ao aperfeiçoamento profissional.

Como era natural, os elementos parasitarios, que viviam a expensas do humor accumulado nesses abcessos, sahiram em campo, em defesa de sua pôdre comodidade, e inumeras pasquinadas, garabulhas e quejandas foram vomitadas contra Percin pelas columnas da imprensa barata e inconsciente.

Mas, elle era surdo ao coaxar dos batrachios do anonymato e continuava serenamente o seu caminho em busca do unico talisman capaz de garantir a integridade nacional de um povo.

De seus ensinamentos e do resultado do trabalho de seus companheiros nesse sublime sacerdocio do patriotismo, a França tem colhido, na presente guerra, larga messe de proveitos e de glorias. A sua propria inimiga, a herculea e brava Alemanha, é a primeira a lhe render as mais respeitosas homenagens.

Pois bem, é de uma idéa desse grande general francez, idéa que se torna tanto maior quanto mais se medita sobre ella, que fazemos o assumpto deste artigo: a criação de uma escola de applicação para officiaes superiores de todas as armas.

Como director de manobras, com largo campo de acção para sua elevada competencia profissional, Percin fez observações preciosas, constantes de suas detalhadas criticas, sobre o emprego tactico das diferentes armas e methodos de ligação entre elles, tendo sempre em vista o fiel cumprimento dos preceitos regulamentares.

Nessas criticas, Percin mostrou desconhecer formulas commodas e incolôres como a tradicional e muito nossa conhecida «zelo, intelligencia, lealdade e disciplina» com que no paiz da hevea e da rubiacea brindam-se indistinctamente officiaes e cousas equivalentes ás suas montadas.

Elle não commette esse crime de trai-

ção á Patria; traição, dizemos, pois não pôde merecer outro qualificativo a acção dos chefes que elogiam e batem palmas tanto aos deveres bem cumpridos como ás maiores borracheiras e dislates que possam ser imaginados.

Nas pandegas militares que entre nós tomaram o pomposo nome de *manobras*, são incalculaveis os assassinatos de regulamentos e de preceitos tacticos, ao lado de inumeros suicidios do senso comunum. Entre muitos outros crimes perpetrados nessas festas, é frequentemente citado o seguinte episodio: — Um commandante de uma unidade de artilharia apresenta-se ao chefe sob cujas ordens vae tomar parte numa acção offensiva.

O chefe volta-se para seu ordenança e commanda:

— «O' cabo, vá até aquelle morro, leve este moço, e arranje um logar para elle botar a sua artilharia».

Ouvimos isto do proprio official com quem se passou essa desgraça.

Isto não quer dizer que nessas manobras não estivessem tambem chefes dignos e competentes, mas serve para provar o que atraç asseveramos, pois se formos compulsir os documentos que dão conta dessas manobras, veremos as mesmas referencias, sempre elogiosas, applicadas indistinctamente a todos.

Não, Percin, como todos os chefes nos Exercitos que merecem este nome, não procede assim.

Nas criticas e nos relatorios de manobras, elle diz, por exemplo:

— O coronel A., commandante da vanguarda, cumprio rigorosamente a sua missão. Manteve um completo serviço de ligação; proporcionou ao commandante do destacamento amiudadas e preciosas informações sobre as disposições de sua tropa e condições do terreno, illustradas com esboços planimetricos e perspectivos e, finalmente, quando estabeleceu o contacto com o inimigo, forneceu informações tão precisas e detalhadas que o commandante do destacamento poude formar rapidamente todo o seu plano de ataque e passar imediatamente á acção com brillante sucesso.

Infelizmente, o mesmo não aconteceu com o coronel B, commandante da vanguarda da tropa que representava o inimigo. Este official fez com a sua tropa um passeio de cego; nada viu, nada informou.

Quando abrio os olhos já estava em pre-caria situação, tarde demais para ser socorrido pelo grosso que de quasi nada sabia a seu respeito e muito menos a respeito do inimigo.

O commandante do grupo X não se manteve em ligação com a infantaria cujo ataque devia proteger, continuando a bater um sector secundario, já abandonado por essa infantaria que duzentos millesimos á esquerda estava empenhada num ataque importante e decisivo.

As baterias F. e G. do grupo Y tomaram posição á matroca, sem ligar importancia ao espaço morto, tendo os seus primeiros tiros arrebatado na massa cobridora, o que demonstra impericia ou pouca pratica dos commandantes e subalternos, porque era tão facil aos capitães terem determinado posições convenientes para suas baterias como aos subalternos verificarem a impossibilidade do tiro com os elementos commandados.

E' excusado dizer que as palavras que precedem não representam uma traducção das de Percin e sim uma synthese do modo pelo qual elle cumpre um de seus deveres de soldado.

Depois de longa experencia nesses trabalhos, tendo em vista a extrema diffuldade em corrigir os erros, principalmente os de detalhes, nessas grandes massas de tropa, elle conclue pela necessidade de uma escola de applicação para officiaes superiores, sob a direcção de um chefe e auxiliares escolhidos dentre os mais competentes do Exercito, com substituição annual.

Em determinada epocha do anno, um destacamento relativamente pequeno, com elementos das diferentes armas, fica á disposição do director do curso.

Os officiaes superiores em numero determinado pelo chefe do E. M., e que não pertençam ás unidades empregadas, ficam como assistentes junto ao director do curso.

Estabelecido e estudo um thema tactico sobre a carta, com todos os detalhes dos papeis das diferentes unidades e dos serviços accessorios, passa-se á execução do mesmo thema no terreno.

Os auxiliares do curso acompanham o desenvolvimento das diferentes unidades durante toda a acção e prestam contas, ao director, de todas as occurrences. Com estes dados, com o que observou e com o conteúdo do relatorio dos diferentes com-

mandantes, o director do cursso fica habilitado a fazer uma critica detalhada e rigorosa do exercicio realizado.

Os assistentes, por sua vez, irão recebendo commandos relativos a seus postos e sendo exercitados na accão e na critica correspondente.

Eis em traços largos essa idéa que reputamos admiravel e que se é necessaria para um exercito primoroso como o francez, só poderá ser no minimo um milhão de vezes necessaria e imprescindivel para o nosso.

Em outro artigo mostraremos como, pelo menos nesta guarnição, pôde ser organizado um tal curso, sem despezas extraordinarias, e quaes as medidas necessarias para que elle tenha realidade efficiente.

Brazilio Taborda

Do Contestado

Observações colhidas nas operações da columna sul (*)

(Continuação)

Aviação — O desastre de que foi vítima o arrojado e habil piloto 1º tenente Ricardo Kirk privou a minha columna do auxilio valioso que ás suas operações prestaria o aeroplano. Se o destemido aeronauta evitando um dos trechos mais diffíceis do percurso, tivesse transportado a sua machine pela estrada de ferro até a estação do Caçador, onde tinha preparado um campo de atterrissagem, estou certo que conseguiria em poucos minutos voar sobre o reducto de Santa Maria, fazendo não só importante reconhecimento como auxiliando poderosamente o ataque com o lançamento de bombas explosivas. Além disso os obuzeiros teriam tido no aeroplano um auxiliar valioso, para observação e regulação do tiro da bateria.

Com pouco mais de esforço o aeronauta teria feito o raid Santa Maria—São Miguel—Reducto do Caçador—Paiol do Santos—Luiz de Souza—Cláudiano, hostilizando assim toda a zona infestada. Partindo do Campo de Aviação das Perdizes tão caprichosamente preparado pelo 1º tenente Kirk, o aeroplano militar em menos de 1 hora, fazia esse percurso de 50 kilometros, cuja repetição não seria difícil e muito teria concorrido para o exito final da campanha.

14 — Linhas de comunicações e de etapes

Uma das maiores difficuldades dos destacamentos destinados a operar no interior despoado do paiz contra bandos irregulares consiste precisamente em marter durante as operações determinadas linhas de comunicação e de etapes, attenta a extrema mobilidade do adversario

(*) Publicação autorizada pelo Sr. coronel Francisco Raul d'Estillac Leal.

que se dispersa em pequenos grupos, alastrando-se por toda a zona de modo a não se podem estabelecer as arterias dos serviços de retaguarda.

A medida que o adversário por uma acção convergente das forças regulares, retrae-se e concentra-se ficando tanto quanto possível isolado do resto do país, vão-se caracterizando militarmente as zonas onde é possível com relativa segurança estabelecer os pontos de apoio das operações subsequentes e ahí então vão sendo definidas as linhas de comunicação e de etapas.

Quando marchei da Freguesia do Sul para Curitybanos o inimigo campeava francamente entre os rios Canoas e Correntes e tinha aberto a seu redor todos os caminhos da região serrana ao município de Blumenau, de sorte que não podia dizer que tivesse uma linha de comunicação com aquela freguesia, único lugar que podia servir de base de abastecimento. Alcançada porém aquela villa, em consequência da acção conjunta das forças federais que garneciam Lages e Campos Novos, o inimigo até então disperso em diversos grupos, pouco a pouco concentrou-se nas margens direita do Marombas, Correntes e Taquarassú, de onde operou a sua retirada para as serras, deixando-nos inteiramente livres as estradas e caminhos do município, que foram utilizados pelas nossas forças para o seu abastecimento e comunicações.

Logo mais adiante quando em Janeiro deste anno as forças do Sul emprehenderam as suas marchas de concentração em direcção às Perdizes reduzindo mais a zona dos fanáticos, foi então possível, com o encurrallamento destes nos vales de Santa Maria, Caçador e Timbó, aumentar em segurança e numero as nossas linhas de retaguarda, na direcção do Sul e do Oeste. Devido à ocupação de Perdizes e aproximação da linha ferrea S. Paulo-Rio Grande as linhas do sul foram desprezadas, e adoptando a primeira como linha de etapas, todas as comunicações passaram a ser feitas pelos caminhos Caçador-Perdizes e Perdizes-Calmon.

Quando eventualmente se pode ter á escolha diversas estradas para os serviços de retaguarda, naturalmente convém que seja reservada para a linha de etapas aquela que pelo menos for caroável, ficando então os transportes sobre o dorso de animais para a linha de comunicação. Quando surgir o caso, que com a columna do Sul ocorreu, de dispor de duas linhas para as comunicações, das quais uma mais longa, porém menos accidentada, a experiência demonstrou que é preferível, utilizar a mais curta embora menos praticável, desde que se possa remover com auxilio da engenharia os obstáculos de maior monta.

Numa guerra irregular não se pode contar com uma segurança perfeita das linhas de retaguarda, e quando muito as cabeças de etapas e alguns pontos importantes das linhas de comunicações podem ficar ocupados por pequenos destacamentos, devido isso a natural extensão dessas linhas, e a impossibilidade de impedir que o inimigo surja inesperadamente em qualquer ponto.

Uma segurança absoluta dessas linhas obrigaría ao emprego de um efectivo superior talvez ao que é destinado a combater, de modo que para garantia das comunicações, é preferível

confiar na sorte a paralisar ou diminuir a intensidade da acção militar com risco de ficar cortada

15 — Fortificação de campanha

Para a guerra irregular, onde são raros os encontros em terrenos descobertos, não são aplicáveis as obras classicas da fortificação passageira. Ha todavia absoluta necessidade de pôr os acampamentos, principalmente á noite, ao abrigo das surpresas do inimigo, muito adextrado em se aproximar sorrateiramente sem ser descoberto, lançando para isso mão de todos os artifícios que lhes proporcionam os recursos naturaes, para se confundir com os arbustos que por serem na região muito frequentes á vista passam geralmente desapercebidos, deixando muitas vezes de atrair a atenção das sentinelas. E' aconselhável pois cercar os acampamentos de pallissadas, redes de arame, abatizes, tronqueiras, que constituem obstáculo ao assalto, dando tempo a que as tropas tomem as armas.

Duas ordens desses obstáculos, collocados a partir de 50 a 100 metros do perímetro do acampamento, têm a vantagem de alarmar a força, no momento em que a primeira seja transposta dando tempo a que aquella se prepare para repelir pelo fogo, antes que o inimigo consiga vencer o segundo obstáculo, evitando ao mesmo tempo a confusão que produz sempre um ataque inopinado corpo a corpo.

16 — Instrução

Comprehende-se bem como seria difícil dar a todo o exercito uma instrução uniforme e especial para as guerrilhas sertanejas. Nem isso seria necessário como muitos erradamente julgam, para que os nossos officiaes e soldados em poucos dias de campanha exótica, emancipando-se do formalismo dos regulamentos, se adaptassem inteiramente ás condições particulares da guerra.

Saiba cada soldado o que está contido no Regulamento de Exercícios para a Infantaria, quanto á instrução individual do atirador, que estará em condições de combater um adversário, cuja astúcia e instinto belicoso, permitti desenrolver sem nenhuma preparação pedagogica, invejaveis qualidades guerreiras. Se alguma lacuna na instrução de nosso infante foi observada na presente campanha, esta foi sem dúvida relativa exclusivamente á instrução individual do atirador, que carece ser cada vez mais apurada, como sendo o objectivo definitivo de todo o ensino do tempo de paz, da qual a gymnastica, a esgrima, e outros exercícios, constituem apenas meios preparatórios.

Quanto á instrução das outras armas, cabe aqui dizer que o serviço de exploração em regiões desta natureza reclama dos officiaes e praças da cavallaria, como já tive occasião de demonstrar, a prática do serviço de combate a pé, no qual em tempo de paz convém que esta arma seja especialmente instruída.

As guarnições das peças de artilharia que agiram na minha columna conheciam perfeitamente o material e sabiam manejá-lo com a necessaria segurança. Do conhecimento que os officiaes têm do emprego da arma e da direcção dos seus fogos, tenho a dizer que o pessoal da 2ª bateria de obuzeiros revelou-se de uma competencia technica digna de ser assinalada em homenagem á intelligencia e capacidade de trabalho do commandante e seus subalternos.

E' preciso, no entretanto, que os officiaes de artilharia não desprezem o papel que lhes cabe nos reconhecimentos ao longe que deve preceder a escolha das posições, e que dadas as difficilis condições do terreno, a dificuldade na determinação das distancias, a imprecisão dos objectivos e seu grao de desenfiamento, requerem neste genero de guerra explorações especialmente minuciosas. Nas celebres instruções que o general Gallieni publicou antes do inicio da campanha do Yen-Thé encontra-se a seguinte passagem digna de ser anotada, porque do seu valor a experiençia nos deixou provas.

«Nas regiões dobradas e de horizonte limitado, a artilharia só pode efficazmente intervir se atira a pequena distancia e contra objectivos mais ou menos determinados.

«Os officiaes de artilharia devem tanto quanto possível marchar com os reconhecimentos, acompanhados de homens munidos de ferramenta para procurar constantemente posições de onde a vista domine os terrenos circumvisinhos.»

O pessoal da companhia de engenharia, quer officiaes, quer soldados, revelou conhecimento perfeito do serviço que executou, e cujo rendimento não foi maior devido a falta de material apropriado. Não obstante a natureza do terreno que difficilmente seria mais ingrata, devemos orgulhar-nos de que a companhia de engenharia, commandada por um 2º tenente, auxiliado por outro, tenha emprehendido seus trabalhos, sem jamais pretextar dificuldades nem embarcar a accão do commando com reclamações que nas circunstancias do momento não podiam ser attendidias.

Não devo encerrar este assumpto sem insistir mais uma vez na necessidade de não ser descurada em tempo de paz a instrução especial das praças não combatentes, como sejam pessoal de saude, inferiores do serviço de intendencia, ferradores, carpinteiros, serralheiros e conductores, pois é justamente na guerra que essas funções precisam ser desempenhadas por um pessoal idoneo, que na falta de uma inspecção continua, só compativel com o regimen da caserna, possa agir com iniciativa e dispense o commando dos corpos de distrahir-se com assumptos de segunda ordem, prejudicando os attinentes ao objectivo capital das operações.

Quanto ao pessoal de trem não se pode dizer apenas que haja lacunas na sua instrução, mas dada a falta completa de organisação do serviço, que infelizmente é sempre improvisado, só o concurso de excepcional competencia, alliada à energia e boa vontade do official chamado a dirigir-o em campanha permite nas condições actuaes que elle produza algum resultado.

Disciplina

No ponto de vista da subordinação, da obediencia, do acatamento aos superiores, do respeito mutuo e da brandura com os subordinados, a nossa tropa na presente campanha demonstrou possuir um grao de educação militar bastante lisonjeiro, o que não passou desapercebido á populaçao civil da zona que atravessamos e á imprensa dos Estados.

Não posso de momento fornecer dados estatisticos relativos aos castigos infligidos nos outros corpos, mas no 58º de Cacadores com um efectivo de 542 homens, no periodo de 7 meses, apenas 100 castigos foram arbitrados, inclusive

10 reincidencias. Dentre as transgressões disciplinares committidas, apenas 3 foram por motivo de embriaguez, que não se reproduziram; as demais consistiram em faltas leves no serviço.

Como observação geral devo aqui consignar que os casos de embriaguez foram rarissimos não havendo mesmo, como tive occasião de verificar em todos os corpos que estiveram subordinados ao meu commando, nenhum alcoolista inveterado. Causa-me sempre excellente impressão a sobriedade do pessoal sendo que o exemplo partiu do corpo de officiaes que na sua quasi totalidade abstem-se hoje das bebidas alcoolicas.

Cito com satisfação que durante os dias frios e chuvosos da primeira quinzena de Março na serra das Perdizes, o pessoal não sentiu falta da ração de aguardente, dando-se por satisfeito com o uso do café, pago em quantidade superior ao normal da tabella.

Esta é sem duvida uma prova bem frisante do grao de cultura moral do Exercito e bem assim da observância de preceitos hygienicos, que concorre para aumentar a sua resistencia physica. Extinguiu-se felizmente o preconceito de que a aguardente é um estimulante para os esforços physicos, e um preservativo para as molestias peculiares á campanha. Deve-se em grande parte ao feliz desaparecimento deste elemento perturbador da ordem, da harmonia e da camaradagem militar, o elevado grao de disciplina do Exercito actual não obstante a anarchia que desgraçadamente flagela as outras classes do paiz.

Todavia é necessário insistir no sentido de eliminar no nosso soldado a falta de compostura, de asseio individual, o desleixo pelos uniformes, artigos de uso, e principalmente pelo armamento e equipamento. Para poupar aos officiaes essa fiscalisaçao continua dos costumes das praças, é necessário que os inferiores tomem a si o encargo de educar o soldado na observância dessas pequenas regras, muitas das quaes de simples economia privada. Talvez mais na guerra do que em tempo de paz o cuidado com o corpo, os uniformes e as armas, seja um factor da efficiencia da tropa.

17 — Remonta

As tropas de cavallaria que fizeram parte da minha columna não tiveram durante a campanha uma remonta regular.

O destacamento de cavallaria do tenente-coronel Paiva, 9º regimento da mesma arma entraram em campanha 1,4 cavallo por praça, o que ficou demonstrado ser insuficiente. Um mez depois do inicio das operações o 9º regimento estava quasi a pé, e impossibilitado de substituir com os recursos locaes os animaes inutilizados e perdidos. O destacamento do tenente-coronel Paiva conseguiu com os ingentes esforços do seu comandante manter aquella relação, enquanto operou no municipio de Campos Novos. Quando esta cavallaria teve de marchar em 17 de Janeiro deste anno para a concentração nas Perdizes, levou apenas um animal por praça, deixando 0,4 cavallos por praça invernado em Campos Novos. No periodo final de campanha, o destacamento ainda mantinha intacta em Campos Novos a sua reserva de animaes.

Resultado tão brilhante para o qual concorreu muito o cuidado dispensado aos animaes em serviço, foi principalmente devido á ter a cavallaria em grande parte operado a pé. Acho pois que os

regimentos de cavallaria mobilizados para as operações d'esta natureza deveriam dispor de 2 cavallos por praça no minimo, embora marchassem com 1, e adoptassem como regra manter os resstantes invernados no ponto de concentração inicial.

De forma alguma convém deixar aos regimentos de cavallaria em operações a liberdade de arrebanhar animaes, como têm praticado em todas as agitações armadas no Sul do Brazil. Taes processos incompatíveis com a dignidade das forças regulares, degeneram no assalto á propriedade, prejudicam a disciplina, e dão logar posteriormente a pedidos de indemnisação difficilis de apurar e assás onerosos para o Estado.

A remonta de muares para o serviço de transportes é nesta região um problema muito mais facil de resolver, pois embora mais caro, a diferença de preço não é tão sensivel, e é compensada pela maior resistencia do animal e facilidade de mantel-o. Seria mesmo conveniente que a cavallaria de preferencia empregasse o muar ao cavallo, sempre que tivesse de operar em regiões com as características topographicas do Contestado. Na phase final das nossas operações os officiaes montados da infantaria e a propria cavallaria tiveram de recorrer ao muar, que pela sua sobriedade, resistencia e segurança é incomparavelmente superior para a marcha atravez das mais perigosas campanhas.

(Continua)

A doutrina tactica dominante antes da guerra

Ao irromper na Europa a grande conflagração era um principio aceito em todos os exercitos e já incorporado á doutrina dos regulamentos tacticos, o da superioridade da offensiva como factor decisivo da victoria.

Só lançando mão dos incomparaveis recursos do ataque se podia dar completa expansão do ardor guerreiro da tropa e colher todo o resultado do espirito emprehedor dos officiaes.

Por toda parte se empenhavam, por isso, os commandos, em incutir na tropa essa aptidão para o ataque, trenando-a em continuados exercícios em que se combinavam o emprego do fogo com a conquista do terreno, enquanto os estados-maiores educavam os corpos de officiaes no culto da iniciativa, mostrando-lhes, com exemplos historicos os resultados colhidos pelos atacantes, ao passo que ao defensor mais não restava que rebater os golpes do inimigo, onde elle os quizesse desferir.

Em abono dessa doutrina appellava-se, com razão, para o estudo das guerras napoleonicas, como para o estudo das luctas que a elles succederam no decurso do ultimo seculo e no começo deste, e donde se encontra uma irrefutavel documentação historica.

No ponto de vista estrategico, antes de Napoleão já Frederico demonstrara a comprehensão desse espirito de offensiva, sobretudo no plano de campanha de 1757, com o qual emprehendeu a invasão da Bohemia de uma forma audaciosa, e que cobriu de louros as armas prussianas. E em Torgau, como em Rossbach o grande rei surprehendeu o adversario com a energia de sua offensiva tactica, o que lhe valeu a victoria.

A constante offensiva estrategica e a energica offensiva tactica, foram os factores basicos das brillantes victorias de Napoleão.

E' sabida a maneira rapida por que se desenrolou a guerra franco-allemana de 70, durante a qual os teutonicos foram sempre os atacantes e por isso mesmo colheram ininterruptas victorias.

Moltke, que preparara a campanha e a dirigira, não cessou de attribuir esse resultado aos golpes successivos de sua audaciosa offensiva. E como exemplo tactico, basta citar os memoráveis combates que se desenrolaram em torno de S. Privat, nos quaes a guarda prussiana vio uma sua brigada anniquilada pelos franceses, comprando caro a victoria desse dia.

Na guerra russo-japoneza, os generaes do Mikado, emprestando um brilho novo ás doutrinas modernisadas pelo velho Moltke, levaram os russos do Ya-lu a Mukden diante de sua offensiva persistente, que não deu folego ao inimigo. A resistencia dos russos fez algumas vezes retardar a derrota, mas não impediu a victoria dos nipponicos.

Do mesmo modo, ao se iniciar a grande guerra de hoje, os allemaes surprehenderam o mundo com sua audaciosa offensiva atravez da Belgica, cujos baluartes, de Liége a Namür, foram cahindo aos tiros dos grandes morteiros de campanha, deixando o caminho aberto para as batalhas travadas ao norte da França.

Sempre na offensiva, foram os allemaes até ás cercanias de Paris, quando, após um collapso de que a historia futuramente explicará as causas, os franceses tomando por sua vez a offensiva, impelliram os invasores, do Marne até ao Aisne.

Todos estamos ao par da lucta de trincheiras em que resultou a guerra na frente occidental, onde allemaes e aliados se defrontam, como os romanos e os gaulezes em Alisia, á distancia de poucas centenas de metros. Alguns espiritos precipitados e os que não se entregaram ao estudo das guerras, declararam a fallencia das doutrinas vigentes, condenando a panacea da offensiva. Esqueciam que a defensiva é propria dos que se sentem fracos perante o adversario, e não confiando mais nas proprias forças abdicam das vantagens decorrentes do ataque. E que os franceses se sentiram fracos, confessam elles, quando di-

vulgam a sua insuficiencia de material bellico, sobretudo em munições. Os allemães, por seu lado, não se podem sentir fortes para assumir a offensiva simultanea das duas frentes de batalha, porque em ambas não poderiam desenvolver o maximo de sua força. O que se dá no oriente da França, é uma situação perfeita de equilibrio, que só uma força exterior, uma contribuição poderosa de qualquer dos lados, poderá romper. E parece-nos que ambos os contendores receiam assumir essa iniciativa.

Mas, o melhor argumento que veio contribuir, mesmo no espirito dos leigos, para restabelecer a confiança na doutrina da offensiva, foi essa campanha brilhante dos allemães na Polonia, durante a qual se desdobrou em toda a sua plenitude esse admiravel apparelho de guerra que é o exercito allemão.

A doutrina da offensiva, embora decorrente do estudo das guerras, feito no ponto de vista objectivo, não deixou de ter os seus adversarios, especialmente durante o periodo da lucta no Transwaal. Esperava-se tirar da guerra dos boers ensinamentos novos para a conducta da guerra. Os franceses, sobretudo, por algum tempo se illudiam quanto ao valor da defensiva dos povos sul-africanos, e só pela analyse dos erros committidos pelos ingleses na primeira parte da campanha, se conseguiu dar a essa defensiva sua verdadeira significação.

A esse proposito, diz o barão George v. der Goltz : (*) "Quem quer bater o inimigo não pôde buscar o exito na defensiva ; com esta, no melhor dos casos, só se consegue impedir-lhe a victoria. Quando os boers chegaram a essa conclusão era já demasiado tarde para elles. Não é a protecção dos accidentes do terreno, mas o fogo, levado ao inimigo cada vez de mais perto, a arma com que se conquista a victoria."

A defensiva ficava sendo, portanto, a conducta do adversario que se sentisse fraco, que duvidasse de sua propria força, e que, sem buscar a decisao pelas armas, subordinava sua vontade á do inimigo. "Essa circunstancia é indispensavel existir, diz v. der Goltz, quando se toma a deliberação de pautar sua conducta pelas imposições do adversario."

Apezar, porém, da generalisação desses principios, ainda se discutia antes da guerra russo-japoneza a inviolabilidade das frentes de combate, dados a rapidez e alcance do armamento moderno, o que punha de certo modo em duvida o exito da offensiva frontal. A ruptura da frente russa no Dunajec, pelos autro-allemães, entre

Gorlice e Tarnow, veio ampliar, como uma operação de grande vulto, as lições dos japonezes em 1904-905.

Após a lucta do Extremo-Oriente as opiniões tornaram-se de novo unanimes quanto ás vantagens da offensiva e á necessidade do ataque para alcançar a decisao final.

Mas, se não se punha mais em duvida o valor da offensiva, as opiniões se dividiam quanto ao modo de a executar.

Na França duas doutrinas fizeram época e constituiram os estadios de uma evolução que terminou com o exito dos sãos principios hoje em vigor. Foram elles as dos generaes Negrier e Langlois.

Negrier julgava que contra um inimigo em posição se devia lançar uma serie de pequenas vanguardas independentes afim de o obrigar a se desenvolver completamente.

Desde que fosse reconhecida a parte fraca de sua posição, lançar-se-ia então o grosso da tropa contra esse ponto, para o ataque decisivo.

Criticando essa maneira preconcebida de dirigir o ataque, assim se exprime George v. der Goltz :

"Trata-se ahi apenas de um novo schema de combate, que, se pode estar certo algumas vezes, em outras falhará, e por isso é para o nosso estudo tão destituído de valor como qualquer outro schema."

As idéas do general Langlois, propugnando tambem pela offensiva, são muito mais serias, e provêm de um estudo muito mais profundo da guerra.

Cingindo-se á doutrina que conduziu ao regulamento de infantaria de 3 de Dezembro de 1904, elle divide o combate em duas partes : combate preparatorio e ataque decisivo. A segunda parte começa — desde que a tropa estivesse convencida de que a primeira já estava cumprida.

Já não se trata, portanto, da rigidez schematica dos principios de Negrier, e sim de uma doutrina plastica, adaptavel ás variadas situações tacticas que o ataque comporta, pois a primeira phase do combate começando com o desdobramento, termina quando as forças já empenhadas julgam chegado o momento para a acção decisiva. E' o julgamento da oportunidade tactica e não o schema.

Em suas investigações sobre o combate offensivo do futuro — a grande guerra de hoje — chegou Langlois á conclusão de que o combate preparatorio, desenvolvido com a maxima actividade na frente do adversario, poderia durar nas grandes batalhas muitas horas — talvez mesmo muitos dias — conduzindo ao seguinte resultado :

1º Um dos adversarios ganharia terreno e o outro se contrahiria ;

(*) Die Ausbildung der Infanterie für den Angriff.

2º Seria batida mais rapidamente a infantaria, cuja artilharia tivesse perdido em primeiro lugar sua potencia de fogo, isto é, não pudesse mais agir em estreita ligação com a infantaria;

3º O combate preparatorio indicaria ao comando o logar da frente inimiga contra o qual se deveria dirigir o ataque.

Demais, elle põe em evidencia os velhos e eternos fundamentos do exito na guerra: emprego no ponto decisivo de massas com superioridade numerica sobre o adversario; conveniente escalonamento em profundidade e emprego de reservas o mais forte possivel; cooperação perfeita de todas as armas; e antes de tudo, alto valor moral dos chefes e da tropa, vontade resoluta de vencer, decisão para avançar, apesar das inevitaveis perdas, — mas em correctas formações táticas e após alcançar a superioridade de fogo.

Nenhum schema, nenhum ataque normal.

A doutrina tactica compendiada no ultimo regulamento da infantaria francesa (20 de Abril de 1914) não differe em essencia do prescripto no de 3 de Dezembro de 1904, em que tão fundamentalmente influiram os principios de Langlois.

As modificações recahiram, sobretudo, na maneira de instruir a tropa e na execução do ataque no ambito das pequenas unidades; mas o espirito de offensiva tem ahi sua consagração definitiva.

Já no penultimo regulamento se encontram essas prescrições frisantes (art. 252): «Só a marcha para a frente é decisiva e irresistivel; a offensiva, onde ella encontra seu pleno desenvolvimento, se impõe, por isso na generalidade dos casos.

A defensiva pode ser tomada voluntariamente, em um momento dado e sobre um determinado ponto do campo de batalha, para economizar suas forças, retardar e immobilizar o inimigo com menor effectivo, obrigar-l-o a combater em uma direcção propicia — mas unicamente para permitir ao grosso das tropas agir offensivamente em melhores condições.

O regulamento que preside ás acções táticas da infantaria francesa na guerra actual, insistindo sobre essa disposição, acrescenta que ao movimento para a frente, decisivo e irresistivel — é preciso geralmente que o fogo, efficaz, intenso, lhe abra o caminho (300).

Mais adiante veremos como o ataque da infantaria, qualquer que seja a feição que lhe empreste o regulamento — schematico ou não — está subordinado á lei da superioridade do fogo.

As idéas táticas dominantes do outro lado do Rheno, antes da guerra, nunca sofreram vaillações ou sobresaltos, nem se deixaram influen-

ciar pelos successos de guerras coloniaes alcançados em campos restrictos, contra um inimigo desorganizado e mal servido pelos recursos que caracterisam os theatros de operações europeus. Decorrente do estudo critico das guerras anteriores, a doutrina defendida no exercito allemão pelo Grande Estado Maior visou sempre os campos de operações provaveis de suas tropas. A evolução dos principios fez-se com o progresso da technica, de que procuravam os allemães tirar todo o partido, mas conservando em suas linhas geraes o fundamento racional de sua doutrina. De forma que, se a idéa da offensiva como factor da victoria, foi a directriz em 70; nos annos de paz que se lhe seguiram até 1914, só fez ganhar terreno, desenvolvendo-se com a technica, nos estudos praticos das manobras annuaes. O traçado das vias ferreas, o apparelhamento das estradas de rodagem, o armazenamento dos stocks de guerra, a preparação da tropa, a educação dos officiaes, tudo visava como objectivo, a forma offensiva da guerra, assumida energicamente desde o começo da luta, levada dessa maneira ao territorio inimigo.

Essa doutrina acha-se compendiada na rica bibliographia militar allemã, nas obras tanto de carácter official como particular, mas é nos regulamentos, sobretudo no de infantaria, que ella se encontra em forma synthetica e precisa.

Em seu art. 265, tratando da educação a ministrar á tropa, diz o regulamento da infantaria allemã: «A infantaria precisa cultivar sua tendência natural para a offensiva; sua ação deve inspirar-se num só pensamento: para a frente, sobre o inimigo, custe o que custar.

Isto exige da tropa um grande valor moral. Creal-o e desenvolvê-lo é o principal objectivo da instrução em tempo de paz. Uma infantaria energica, bem instruída e bem commandada, tem probabilidades de exito, mesmo em circunstâncias difíceis e contra um inimigo superior em numero.» (*)

Consignada a orientação a imprimir á tropa nesse sentido accentuadamente offensivo, o artigo 392 define assim o processo julgado mais efficaz para a obtenção da victoria: «A combinação do ataque de frente com o ataque envolvente constitue o processo mais seguro de exito no combate. E' condição preliminar para o envolvimento — fixar o inimigo sobre sua frente. Para isso o mais efficaz é atacal-o energicamente.

E' preciso, porém, não esquecer que o ataque frontal pode fracassar, se o envolvimento não for executado a tempo. Quando as forças de que se dispõe não são suficientes para fazer um vigoroso ataque de frente, ou quando, por qual-

(*) Vide art. 231 do R. E. I. brasileiro.

quer outro motivo, é preciso renunciar a esse ataque, um chefe habil poderá, ainda assim, tornar posível a efficacia do movimento envolvente, por meio de um *combate para ganhar tempo* ou mesmo pela simples ameaça de um ataque de frente. (*)

Apreciando essas disposições e restricta obrigação, dellas decorrente, para todo commandante, de instruir sua tropa cuidadosa e methodicamente para o combate offensivo, constatava G. v. der Goltz, em 1904, que o maior numero de exercícios, em todos os campos de instrucção da Allemanha, visavam a conducta da tropa para o ataque. A veracidade dessa asserção tivemos o ensejo de verificar sete annos depois.

Querendo salientar a inquestionavel necessida pratica do combate offensivo nos exercícios, assim se exprimiu o autor citado :

«A uma tropa que não for instruida para o combate de hoje, pode-se dar as melhores directivas, nada a auxiliará. Os melhores discursos não substituem a pratica methodica da instrucção. Pelo caminho theorico, até hoje ninguem aprendeu a atirar ou a nadar; por isso, o aproveitamento do terreno, como meio de abater uma linha de atiradores inimiga, jamais conduzirá a um prepero efficaz sem o auxilio do ensino pratico. Toda conducta no ataque depende, em primeiro lugar, do terreno.»

Apreciamos agora o conceito dominante na Allemanha quanto á execução do combate offensivo, limitando-nos á infantaria. Isso não será de todo sem interesse, porque, havendo os nossos regulamentos tacticos adoptado a doutrina allemã de guerra, traçaremos ao mesmo tempo o quadro representativo de nossa acção no combate.

Deixando de lado o *augmento de frente*, nem sempre necessário, e o *desdobramento* (**) que precede a entrada em combate; e não considerando o apoio do fogo da artilharia, para só encarar a acção da infantaria, o ataque se nos apresenta com as tres phases seguintes :

1^a phase — As linhas de atiradores desenvolvem-se e, para abrir o fogo, approximam-se tão perto da posição inimiga quanto o permitta o terreno;

2^a phase — Procurando abater o inimigo pelo fogo as linhas de atiradores tratam de se approximar delle o maximo possível;

3^a phase — Uma vez alcançada a superioridade de fogo, segue-se a rapida execução do ataque, encerrado pelo assalto á bayoneta.

Só obtendo a superioridade de fogo sobre o adversario, é possivel á linha de atiradores approximar-se da posição inimiga sem ser anniquilada, e emprehender o assalto á bayoneta, uma vez attingida uma distancia minima, de onde, em poucos lances, quiçá em um unico, se lance sobre a trincheira adversaria.

Essa superioridade de fogo se reconhece pela frouxitão do tiro inimigo, incerteza de sua pontaria, tiros muitos altos, etc., o que facilita os lances para a frente, sem grandes perdas.

«Essa divisão do combate em tres phases se adapta a qualquer acção, tanto ao ataque, como á defesa de uma posição, não estando na dependencia das distancias, mas sim do valor moral da tropa e do grao de sua instrucção.

O estabelecimento de uma linha de atiradores efficiente, durante o ataque, é, sem duvida, um problema difficulte e acarreta muitas perdas; em compensação, na defesa, torna-se facil e de nenhum perigo.

Dessas tres phases de combate naturalmente decorrem os tres themes de instrucção seguintes, que exercitados independentemente uns dos outros — após o necessario ensino preparatorio — constituem o objectivo final da preparação dos chefes e da tropa :

Para a 1^a phase — Estabelecimento de uma linha de atiradores forte, superior á do inimigo por sua potencia de fogo, como condição fundamental de exito ;

Para a 2^a phase — Combate pelo fogo, sob acção immediata de commando, de uma linha de atiradores bem instruida tanto no tiro como no aproveitamento do terreno e na disciplina de fogo, condições que permitem a possibilidade de levar o ataque ás proximidades da posição inimiga.

Para a 3^a phase — Avanço de uma linha de atiradores agindo pelo fogo independentemente de commando, o que permite pelo proseguimento da marcha, alcançar o dominio do fogo sobre o inimigo e que conduz á victoria.

O combate em que o fogo está sob immediaita acção do commando é o mesmo, tanto na offensiva, como na defensiva; para o atacante é preciso, porém, levar em conta as exigencias dos movimentos, por lances, para a frente.

A terceira phase do combate, em que os atiradores dirigem o fogo por si mesmo, é caracterizada, no atacante, por esse movimento para a frente. (*)

E. Leitão de Carvalho.

1º Tenente

(*) Vide art. 426 do R. E. I. brasileiro.

(**) R. E. I. brasileiro 343.

(*) Idéas de v. der Goltz, expressas na obra citada

ARMA DE ENGENHARIA

VIII

• TRINCHEIRA-ABRIGO

Sem dúvida, não é agora occasião propicia, para tratarmos de assuntos relativos á fortificação, visto que a guerra actual se tem distinguido principalmente por um emprego extremado dos entrincheiramentos.

De tal forma ambos os contendores se têm abrigado no sólo, um uso tão importante tem sido feito da arma de engenharia, que alguém numa expressão feliz cognominou o actual conflito de *guerra da engenharia*.

Comprehende-se pois que esta campanha será para o futuro um manancial inexgotável de ensinamentos para a arte de fortificar e, sendo assim, será prematuro e talvez improfícuo o tratar-se agora deste assunto.

Como, porém, algumas considerações de ordem technica parecem não ter sido attingidas e, como ora se espalha pela nossa tropa uma attenção mais cuidada para a fortificação de campanha, fructo reflexo do que se passa na Europa, e por não termos ainda regulamentada esta questão, pareceu-nos de bom aviso dizermos algumas palavras sobre ella, como uma experiença e um subsidio á instrucção.

Sendo assim, procuremos determinar de accôrdo com a sancção da experiença obtida na guerra, implicitamente contida nos regulamentos estrangeiros referentes a este assunto, as condições a que devem satisfazer os perfis de trincheira abrigo.

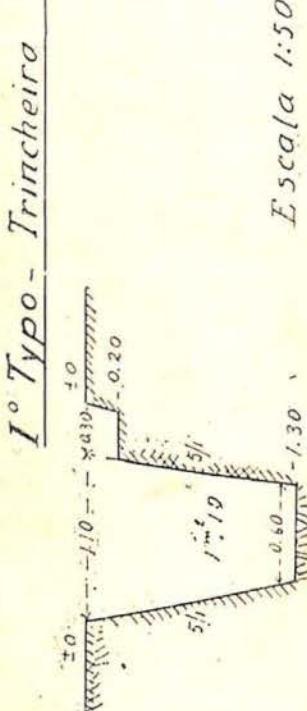
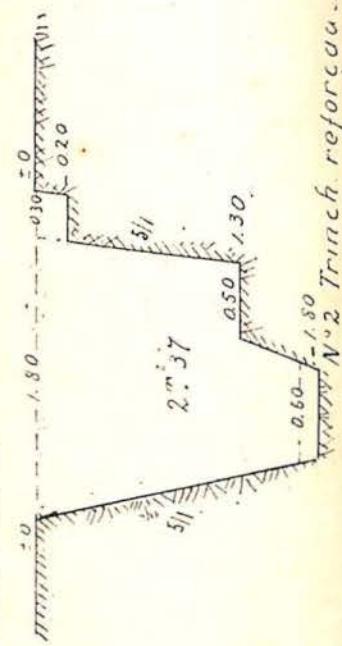
Devemos attender que, destinando-se esta especie de fortificação, a dar um abrigo immediato á tropa, pouco antes ou mesmo durante o combate, deve-se ter logo em vista a escassez do tempo e a necessidade de se economisar a energia physica dos homens, d'onde a exigencia de simplificar-se o perfil tanto quanto possível fôr.

Então tomemos um typo classico de perfil e estudemol-o á luz dessas e das modernas condições impostas pelo armamento, examinando de per si cada um dos seus tres elementos componentes: fosso, parapeito e terrapleno.

O fosso destinado ao duplo fim de: 1º fornecer ferra ao parapeito e 2º constituir um ultimo obstáculo ao atacante, acha-

se completamente proscripto dos regulamentos modernos de fortificação de campanha.

21—Trincheiras para alirador de pé.



N.º 1 Trincheira simples

Assim se dá, por isto que, para preencher a primeira condição elle é desnecessario, visto ser o pequeno relevo dos

parapeitos modernos satisfeito com a terra proveniente da excavação para terrapleno; quanto á segunda está hoje mais que verificado que, em obras ligeiras de campanha, quando o atacante chegar ao fosso já o defensor estará completamente desmoralizado, tornando-se portanto infrutífera ou mesmo insubsistente a pretensa lucta sobre o parapeito, por isto que, não havendo o defensor com o auxilio do abrigo conseguido a victoria, não seria agora, em equivalencia de condições, que a obteria.

O *obstaculo* á marcha é hoje constituido pelas defezas accessoriais e tanto é assim que, aquelle nome reservado antes especialmente para o fosso, é hoje frequentemente dado áquellas defezas, conforme o faz o regulamento argentino.

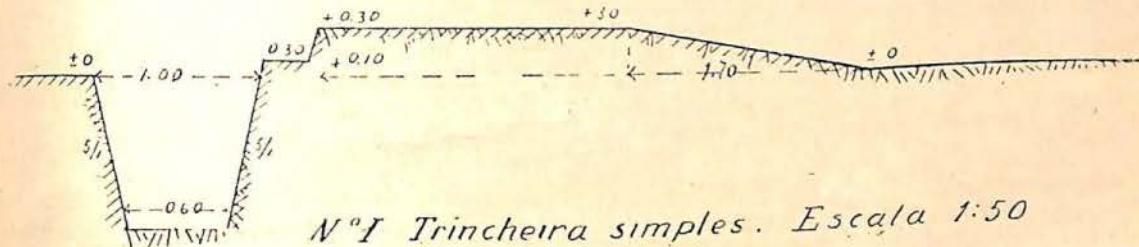
Passemos a estudar o parapeito, con-

E' que hoje o parapeito tem mais por fim subtrahir o defensor ás vistas do inimigo, diminuir-lhe a vulnerabilidade e dar-lhe uma maior segurança contra o fogo da artilharia, sendo portanto um coefficiente para sua elevação moral, contribuindo assim para dar-lhe maior rendimento no tiro.

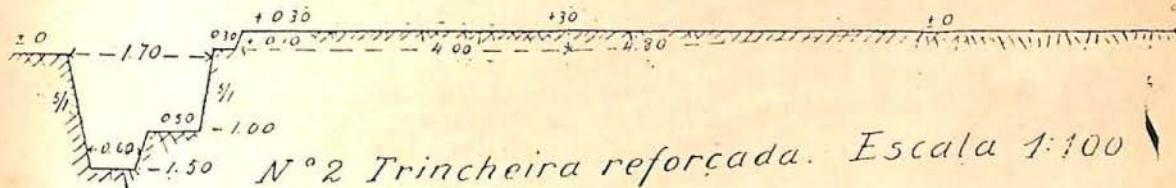
Por isto os regulamentos allemão, japonês, russo e argentino preconizam o emprego das trincheiras enterradas, sempre que o terreno permittir vistas sobre a campanha e houver tempo e logar para se espalhar ou transportar a terra proveniente da excavação.

Como consequencia encontramos nos modernos perfis, que comportam parapeitos, alturas de 0^m,20 (japonez), 0^m,30 (argentino e allemão), 53^m,25 (russo) e 0^m,60 (francez) nos perfis normaes para atirador de pé.

2º Typo - Trincheira normal



Nº I Trincheira simples. Escala 1:50



Nº 2 Trincheira reforçada. Escala 1:100

siderando-o em seus elementos: altura, espessura, plano de fogo, taludes exterior e interior.

Até o apparecimento das modernas armas no scenario da guerra, o parapeito destinava-se especialmente a proteger o atirador contra os projectis inimigos; por isto se lhe dava regular altura e espessura conveniente.

A campanha russo-japoneza fez ver que elle já não satisfazia a esta condição, tanto assim que, mesmo durante as operações, russos e japonezes, que usavam parapeitos com alturas respectivas de 0m.70 e 0m.50, passaram a supprimil-os por completo (trincheras enterradas) ou a usal-los com alturas de Cm.30 e 0m.20.

Nos casos, porem, de ser accidentado o campo de tiro, exigindo portanto maior elevação do atirador para dominar o com as vistas, ou quando o terreno sob a capa de terra vegetal for pedregoso, impedindo a excavação, ou ainda quando se quiser fazer uma defesa prolongada, não havendo razão para se occultar os parapeitos ás vistas do inimigo, devido a circumstancias especiaes, preconizam os regulamentos alemão, argentino e japonez alturas de crista de 0m.50, 0m.90 e até 1m.00, notando-se porem que só se as deverá empregar para estes casos especiaes.

Estudemos agora as condições a que deve satisfazer a espessura do parapeito.

Temos a consideral-a sob a dupla hy-

pothese de resistir ao fogo da infantaria ou da artilharia.

No primeiro caso são accordes os regulamentos que uma espessura de 0m.80 a 1m.00 em terrenos normaes é sufficiente; entretanto trazem tabellas com as espessuras a empregar em cada caso especial marcando 0m.75 para a areia, 2m.00 para a lama, etc. Comprehende-se que um tal parapeito resistirá tambem ao tiro das metralhadoras.

Tratando-se do segundo caso temos a considerar tiros de tempo e de percussão.

Quanto aos primeiros quer se trate de shrapnell ou de granada, e ainda de canhões ou obuzes de campanha é bastante a espessura de 1 m. em terras communs.

Quanto aos tiros de percussão bastará 1m. a 2m. contra os projectis dos canhões

gido pelos impactos proximos á crista de fogo manda tornar o plano do mesmo nome horizontal 0m.80 a 1m.00 a partir da crista.

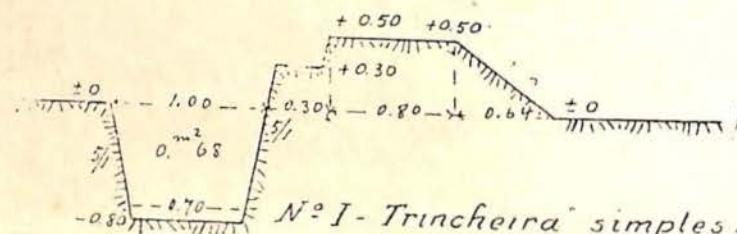
Esta judicosa consideração foi adoptada pelos regulamentos já citados; seus perfis comportam um plano de fogo horizontal com a extensão de 0m.80 a 1m.00, seguido por um talude de inclinação tanto quanto possível visinha de $\frac{1}{6}$ para favorecer o ricochete.

Com o fim ainda de diminuir a visibilidade, evitam-se cuidadosamente as superficies exteriores bem acamadas, as arestas vivas e bem delineadas, sendo até conveniente dar ao talude exterior uma forma ligeiramente convexa conforme manda o regulamento japonez.

Quanto á inclinação a dar ao talude interior ha que subordinal-a á natureza

II — Trincheiras para alirador de pé

3º Typo - Trincheiras elevadas



Nº I - Trincheira simples. Escala 1:50

de campanha; 3 m. a 4 m. contra os dos obuzes tambem de campanha (calibre até 10cm.5); 5 m. a 6 m. contra os dos obuzes pesados de campanha (calibre até 16cm.0).

Vejamos agora a inclinação a dar ao plano de fogo e ao talude exterior.

Será de toda a conveniencia dar-lhes uma inclinação tal que favoreça o ricochete dos projectis percutentes da artilharia.

Por outro lado um inconveniente se apresenta em dar-lhes inclinações desiguais: a diferença de luz reflectida por estas superficies tornará mais facil o reconhecimento das trincheiras pelo inimigo; com o fim de obviar este inconveniente o coronel Clergerie, do exercito francez, lembra a vantagem de se dar ao perfil do parapeito a forma triangular, para o que dar-se-ha ao plano de fogo e ao talude exterior a mesma inclinação, ficando elles constituindo então uma mesma superficie, e para que não possa o defensor ser attin-

das terras e ás condições a que deve preencher o terrapleno.

Devendo este ser o mais estreito possível para melhor abrigar o defensor contra os tiros de tempo, pois comprehende-se que, quanto mais proximos forem as linhas AC e BD menor numero de estilhaços ou balins tocal-o-hão, dever-se-ha dar ao talude interior o declive mais forte que as terras supportarem ou mesmo tornal-o vertical, embora se empreguem revestimentos.

Preoccupam-se igualmente os regulamentos em estabelecer no talude interior, a partir da crista de fogo, um entalhe para servir de apoio aos cotovellos do atirador quando nesta posição; a este entalhe os allemães e argentinos affectam 0m.30 de largura por 0m.30 de altura; os japonezes 0m.30 de largura por 0m.20 de altura; os franceses estabelecem que cada atirador é quem deve cavar seu entalhe, dando-lhe então dimensões apropriadas.

Consideremos agora o terceiro elemento constitutivo do perfil: o terrapleno.

Como bem sabemos é elle nos perfis completos composto de duas partes bem distintas: aquella em que se combate, chamada terrapleno de combate e aquella em que se está ao abrigo das vistas e impactos directos do inimigo, podendo ahi descansar-se e circular á vontade, chamada terrapleno de descanso, de circulação ou ainda trincheira interior.

A primeira parte é constituída por: banqueta, talude da banqueta e berma; a segunda por talude interior, fundo da trincheira e talude exterior.

De um modo geral, em perfis de trincheira abrigo, confundem-se numa só estas duas partes, desapparecendo assim a banqueta, talude respectivo e berma.

O talude interior da trincheira fica no prolongamento do de igual nome do parapeito e o defensor, quando atira, fica de pé sobre o fundo da trincheira, devendo então, para descanso ou abrigo, sentar-se sobre o mesmo fundo, com o dôrso encostado contra o talude interior.

Em perfis de typo reforçado nota-se porem a presença dos 2 terraplenos.

Como, porem, este typo ultimo nada mais é que uma ampliação do primeiro, basta-nos examinar somente os seguintes elementos; profundidade, largura, taludes interior e exterior.

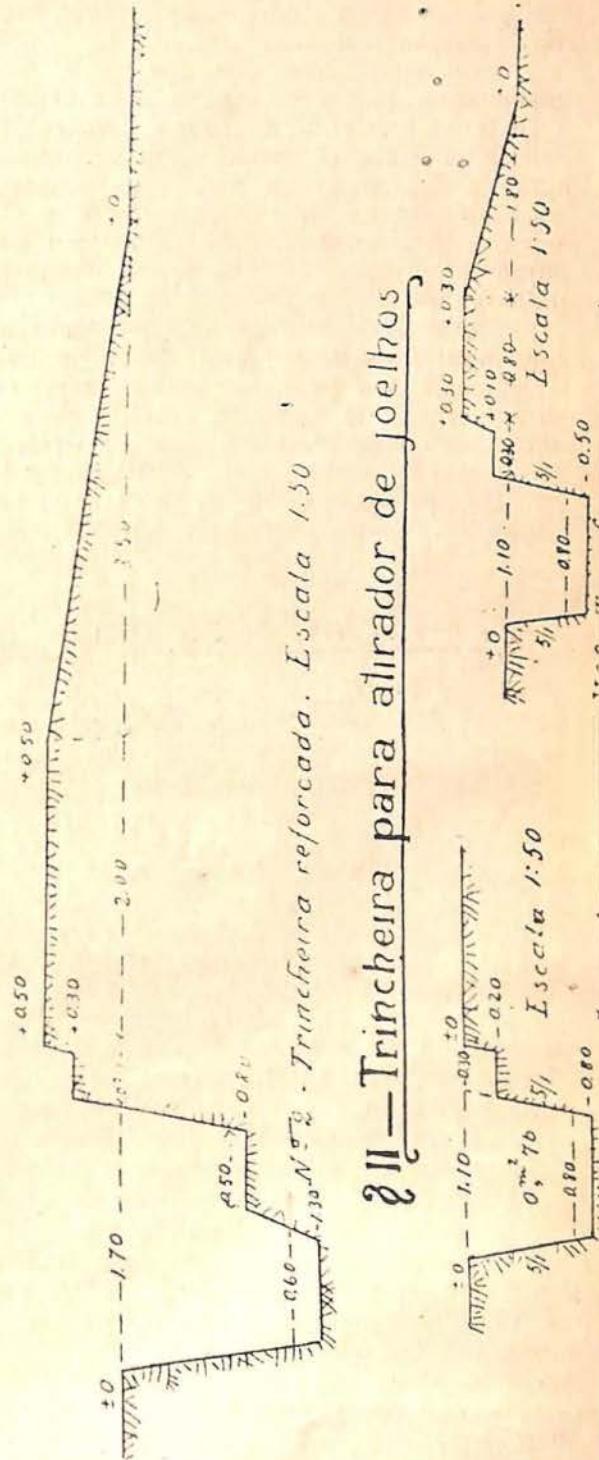
A profundidade da trincheira, considerando o atirador de pé ou de joelhos sobre ella, é marcada pela altura que sobre seu fundo tem a arma na posição de atirar e é portanto uma função da altura média do atirador.

Por isto os regulamentos frances, alemão e argentino dão-lhe tal profundidade que a crista de fogo, que é o apoio da arma, fica elevada 1m.40 sobre o fundo da trincheira; o regulamento russo estabelece 1m.42 e o japonez 1m.30.

Esta ultima dimensão corresponde á estatura de 1m.54; 1m.40 á de 1m.64.

As alturas para atirador de joelhos são: 1m.00, regulamento frances, 0,90 alemão e argentino; 0,885 russo e 0,80 japonez.

Quanto á profundidade do terrapleno de circulação é marcada pela possibilidade do defensor poder circular a coberto das vistas do inimigo e é tambem por consequente uma função da altura do homem; a diferença de cota entre a crista de fogo



Q.II — Trincheira para atirador de joelhos

e esse terrapleno é de 1m.80 nos regulamentos alemão e frances; 1m.90 no argentino e 1m.70 no japonez.

Vejamos agora a largura a dar á trincheira.

De antemão já sabemos que ha toda a conveniencia em dar-lhe a menor largura possivel, já para diminuir o serviço já para melhor abrigar o defensor contra balins e estilhaços de granada; baseados nestes reparos, allemães e argentinos atribuiram-lhe 0m.60 de largura; franceses e japonezes 0m.80 e russos 0m.71.

Si por um lado uma largura um pouco maior, 1m.00 por exemplo, seria mais vantajosa sob o ponto de vista de poderem os padioleiros circular na trincheira para colher mortos e feridos, por outro argumentam que com a de 0m.60 a 0m.80 juntamente com grande copia de travezes que devem existir, se torna desnecessaria tal intervenção pelo pequeno numero de baixas que forçosamente haverá.

Quanto ao talude interior já dissemos é um prolongamento do de igual nome do parapeito, e portanto o mais ingreme possível.

O mesmo dir-se-ha quanto ao talude exterior.

Estudadas assim detalhadamente as partes componentes do perfil, estudemos os typos a adoptar de accordo com as posições regulamentares do atirador.

Considera o regulamento francez quatro posições para o atirador: deitado, sentado, ajoelhado e de pé e apresenta então quatro typos normaes de trincheira abrigo.

Os outros regulamentos attendendo sem duvida que não é commoda a posição de atirar sentado baniram-n'a estabelecendo mais ainda que o typo normal é o para atirador de pé, ao qual se deverá logo passar quando a escassez de tempo ou de pessoal houver obrigado a construir-se trincheiras para atirador de joelhos, que só naquelles casos deverão ser construidas.

Quanto á trincheira para atirador deitado ou abrigo individual, consistindo num monticulo de terra com o relevo de 0m.30 só é aconselhada durante o combate, não tendo havido tempo para se construir os outros typos ou tratando-se de fixar-se, mesmo sob o fogo inimigo num terreno, então conquistado. Dos dous camaradas de combate um cava a terra enquanto o outro atira.

Dever-se-ha logo que houver tempo unir os abrigos isolados, formando-se assim uma trincheira continua que se passará ao typo de joelhos e depois ao de pé.

Resumindo chegamos á conclusão que todos os regulamentos consultados giram

em torno dos mesmos principios, que de um modo geral se resumem em exigir pequeno relevo para o parapeito, pequena largura e grande profundidade da trincheira.

Sendo incontestavelmente os allemães os mestres na guerra, parece-nos boa medida adoptarmos os seus perfis, com as modificações que a pequenez de estatura média dos nossos homens exigir.

Assim daremos para diferença de cota entre a crista de fogo e: o terrapleno de combate 1m.30; o terrapleno de circulação 1m.80 nas trincheiras para atirador de pé; entre a mesma crista e o terrapleno de combate 0m.80 nos typos para atirador de joelhos; entre a mesma crista e o apoio para cotovellos 0m.20 em todos os typos.

Todas estas dimensões, com excepção da que se refere ao terrapleno de circulação, foram tomadas ao regulamento japonêz e se referem á estatura media de 1m.54 que é o nosso caso.

Para o caso exceptuado preferimos conservar 1m.80 dos regulamentos francez e allemão, por dar esta dimensão incontestavelmente maior segurança que a de 1m.70 adoptada pelos nippôes.

Assim no desejo de contribuir para a grande obra da remodelação da instrucção no nosso exercito, que ora se opera, ou-samos apresentar aos nossos camaradas alguns typos de perfil para trincheiras-abrigos.

Parecem-nos aproveitaveis e desde já declaramos aceitar de boa vontade os reparos que outros, mais esclarecidos que nós, julgarem conveniente fazer.

*Arthur J. Pamphiro
2º Tenente de Eng.*

Canções de guerra

Nós somos talvez o unico povo civilizado do mundo que não canta as suas alegrias, os seus entusiasmos e as suas glórias. E a propósito disto ocorre-me um episódio que presenciei ha uns bons vinte e um annos, a bordo do cruzador *Nictheroy*, navio capitaneado da esquadra improvisada de dezoito navios, com que Floriano Peixoto enfrentou e dominou a revolta da Armada de 1893.

O *Nictheroy*, que tinha sido armado

nos Estados Unidos, trazia uma numerosa guarnição americana. Em Pernambuco recebeu mais a Escola Militar do Ceará, e um certo numero de officiaes de marinha e marinheiros brasileiros. Ao todo uns seis centos homens.

A bordo uma grande sympathy se estabeleceu logo entre a guarnição americana e os alumnos da Escola Militar.

Os officiaes de marinha e os marinheiros, meio deslocados entre uma guarnição estrangeira e uma guarnição de forças de terra, que se obstinava em chamar *cabo de corda, praça d'armas de rancho, e vigia de janella* — retrahia-se e calava-se. Mas a camaradagem entre os americanos e os alumnos militares era perfeita.

Uma noite — ó noites azues e brancas de Pernambuco, ao luar! — nós tínhamos ido, como de costume, dormir a vinte milhas da costa, e bojávamos, sobre machinas, na vastidão faiscante do mar, por um plenilunio tropical radioso e esplendido...

O luar é um grande evocador de nostalgias... Era pois natural que naquelle momento de paz e de silencio o nosso espirito se voltasse para as recordações e os scenarios da vespera, as brancas praias cearenses que vinhamos de deixar; as noivas, as namoradas, a familia e os amigos, que lá tinham ficado; os *sambas* do Outeiro com o *aloá* espumando no pote de barro; as excursões da meia ncite; e tantas outras cousas gratas aos corações de vinte annos!... E nisto, muito naturalmente, uma flauta surgiu, aos pedaços, do fundo de um bahú...

A flauta reuniu-se um violão. Já ninguém conversava mais. Os grupos se aconchegaram e a flauta saudosa soluçou comovedoramente a languida melodia, então em voga, da valsa *Sobre as ondas...* E quando ella se calou uma vigorosa salva de palmas estalou por tráz de nós: era a guarnição americana que tinha vindo juntar-se á serenata, attrahida pela dolencia triste e nostalгica da melodia brasileira.

All right! Go on! Go on! gritavam elles de todos os lados. E a flauta chorou ainda por longo tempo, carpindo as suas maguas que eram muitas...

Mas lá para as tantas, resolvemos terminar. O flautista então levantou-se e executou o hymno nacional brasileiro. Todos se puizeram de pé e ouviram-no recolhidamente. No fim, as palmas estrugiram

de novo; mas, quando elles se abateram, uma commoção inteiramente imprevista para nós nos abalou profundamente.

A guarnição americana, de pé, e unanime, entoava o hymno nacional *America*:

*My country it is of thee
Sweet land of liberty
Of thee I sing...*

Eram tresentas vozes masculas, dramaticas e profundas que, em meio daquelle scenario wagneriano, a milhares de milhas da patria longinqua, enviam lhe através do espaço, uma fervorosa saudação, repassada de saudade...

My country, it is of thee...

Mas quando nos dispersámos, cada um em procura da sua maca, nós brasileiros iamos um pouco humilhados. E d'ahi a pouco, no profundo silencio da nave de guerra adormecida, interrompido apenas, de espaços a espaços, pelo ruido monotono da cordoalha batendo ao longo das vergas e mastros, á mercê da pesada ondulação do mar alto — cada um de nós perguntava a si proprio: — mas seremos nós o unico povo do mundo que não sabe cantar um hymno?

Lafcadio Hearn, no seu lindo livro *The light comes from the East*, nos transmite tambem a impressão profunda que lhe causaram os canticos de guerra no Japão.

Foi no tempo da campanha russojaponeza e Lafcadio nessa occasião habitava uma pequena cidade nas proximidades da fortaleza de Kimamoto.

Fortes contingentes de tropas, vindos do interior do paiz estacionavam nessa fortaleza dois ou tres dias, antes de seguir para a Mandchuria. E Lafcadio, no seu inglez, que uma longa permanencia no Japão tornou mysterioso e mystico, descreve a profunda emoção que lhe causou ouvir uma noite, á hora do recolher, dez mil homens entoando em unisono, uma canção de guerra.

Um salto para a frente, no espaço e no tempo, e eis os regimentos ingleses desfilando através das ruas de Londres, entoando o *Tipperary*, a caminho da Flandres:

*It is a long way to Tipperary,
It is a long way to go...*

Ao mesmo tempo que os seus companheiros d'armas franceses, vasculham á bayoneta as moitas das Argonne e os vinhedos de Champagne;

*Pan, Pan, l'arbi
Les châcals sont par ici...*

E do outro lado:....

*Es braust ein Ruf wie Donnerhall
Wie Schwertgeklirr und Wogenprall:
Zugt Rhein, zum Rhein.....*

— E nós outros?

Nós cantamos o *Manêro páu*.

— Que diabo é *Manêro páu*?

Ninguem sabe o que é. Sabe-se apenas que é uma cousa que os nossos soldados cantam á noite, em roda, nos acampamentos, á volta das marchas e dos exercícios. Tem o andamento dos *sambas* africanos e como estes, compõe-se de uma melopéa elementarissima, repetida indefinidamente.

Psychologicamente o *Manêro páu* é isto: a manifestação da necessidade que o nosso soldado sente de cantar para encher as horas de repouso, esquecer as fadigas do dia, dar expansão ao sentimento artístico e, mais particularmente, musical, que dormita na alma de todos os povos, mesmo os mais rudes, e quiçá, também, para dar uma forma não tangivel, mas audivel, desse princípio de solidariedade humana, que existe no fundo do coração, constitue a *alma collectiva das corporações*.

D'um outro ponto de vista o *Manêro páu* é uma censurinha indirecta aos officiaes dos corpos e á administração do Exercito em geral, por terem sempre descuidado de attender ás solicitações artisticas da alma dos nossos soldados, esquecendo assim que a evocação musical dos sentimentos é uma profunda fonte de inspiração e um poderoso factor das sugestões individuaes e collectivas, de que todos os povos tiram partido nos seus grandes momentos de heroismo, de alegria, de entusiasmo e de depressão.

E de depressão. A evocação musical dos sentimentos é um agente psychologico de um poder tal que pôde ser empregado (como já o tem sido) para sustar as forças e manter a coragem resignada mesmo nos momentos em que toda a esperança está perdida e em que nada mais resta senão a morte inevitável.

E' de outro dia a catastrophe do *Titanic* e estão ainda na memoria de todos as scenas que ahi se passaram.

Desembarcadas as mulheres e as crianças e esgotado o numero de embarcações existentes, o navio submergia rapidamente e para mil e tantos homens que se acha-

vam a bordo não restava senão esta certeza:— a Morte.

Quando a ultima embarcação desatracou, todos comprehenderam a magestade d'aquelle momento.

Então o velho commandante, do alto do passadiço, fallou para os que ficavam:

Now, be British. (Agora, mostrai que sois ingleses.)

A orchestra do navio, reunida no convéz, começou então a executar a oração musical dos agonisantes:

Nearer my God to Thee, nearer to thee...

Todos os presentes uniram as suas vozes á orchestra, e entoando o hymno sagrado, mil e tantos homens encontraram forças para mergulhar resignadamente nas sombras da morte...

* *

Agora um grupo de jovens camaradas nossos, desses que conservam ainda na alma algumas doces illusões sobre o futuro do Exercito e os destinos deste paiz, promoveu por intermedio dos dois semanarios desta Capital, *Fon-Fon* e *Selecta*, um concurso de canções de guerra, para serem ensinadas aos nossos soldados, e substituir o nosso tão conhecido *manêro páu*.

E fazem um appello á poesia nacional para a composição dessas canções.

A iniciativa é, sem duvida alguma, louvavel e encerra uma idéa nobre, artística e patriotica.

Elles appellaram para os poetas e os musicos do paiz e me pediram que eu me reunisse a elles nesse appello.

Eu o faço com a maior bôa vontade, mas o meu appello é outro. Eu peço aos musicos nacionaes que nos seus versos e na sua musica, não percam nunca de vista a psychologia simples, rustica, elementar dos nossos soldados, se quizerem ser aceitos com um sincero entusiasmo.

E' preciso não perder de vista a natureza especial da arte rudimentar dos elementos ethnicos inferiores que entraram na formação do nosso povo, sobretudo nas baixas camadas. E' preciso não esquecer que nelles predomina um profundo sentimento do pathetico, o que conduz naturalmente as suas preferencias musicáes para os *tons menores*. Aqui, ha tempos, na imprensa do Rio, fez-se uma campanha contra os dobrados militares em *tom menor*. Acompanhei os artigos e cheguei á conclusão de que os seus autores estavam theo-

«Contei que em uma companhia da guarda imperial alemã, dentro de 92 homens promptos no dia da sondagem, apenas 37 souberam dizer quem era Bismarck, opinando alguns ter sido um notável tradutor da Biblia, outros um grande fabricante de cervejas, um armador de Hamburgo, um poeta, etc.; que na França, exame idêntico, fez com que surgissem respostas de-te jaez: Victor Hugo tinha sido o inventor da vacina; Napoleão o rei do mundo durante cem dias; Joanna d'Arc, uma mulher celebre que fazia milagres. Referi que em Portugal, interrogados os soldados de uma companhia do 23º de infantaria sobre Nuno Alvares, nenhum soube responder; perguntados sobre quem governava o então reino, além de muitos outros disparates, esta resposta foi dada: o Papa.

E, porque o capitão demonstrasse espanto, o soldado argumentou: «Pois não é Sr. Capitão, o Papa manda o Sr. Cardeal, o Sr. Cardeal manda o Sr. Arcebispo, este manda o Sr. Bispo, o Sr. Bispo manda o Sr. Vigario, e o Vigario não nos manda a nós, e até para o inferno?»

«Consultados sobre Camões, apenas tres soldados deram signaes de saber quem havia sido o grande epico. E como o capitão extranhasse a um soldado natural do Porto, a sua ignorancia e lhe perguntasse se não havia visto o centenario de Camões, teve esta resposta: fallasse me V. S. no "Centenario de Camões", disse-me o nome por inteiro, este eu o conheci, foi um grande cidadão que prestou valiosos serviços à Patria.»

«Esta narrativa provocou hilaridade e este commentario, revelador da nossa comprovada presumpção: «Si fizermos um interrogatorio desta ordem não teremos respostas tão disparatadas.»

«Eu tambem já tinha feito a minha sondagem, mas calei-me; convidei um dos camaradas e comecei a percorrer o quartel.

«No parque encontramos um soldado lavando as rodas das viaturas, perguntando-lhe quando tinham ficado enlameadas as viaturas, respondeu-nos que «tinha sido na ultima formatura de grande gala quando o regimento fora passar em frente á casa do Imperador da Republica».

«Mais adiante, mostrando o retrato de Deodoro a um grupo de soldados e perguntando quem era, disse-nos um delles «que era o retrato do imperador».

«Pedro I ou Pedro II, indagamos? Não, senhor capitão, o nome não é Pedro, é Tiadoro ou Liadoro.

«Um outro, arguido sobre Floriano, disse-nos «era um aprendiz marinheiro muito valente que morreu em combate».

«Um clarim da minha bateria afirmou que Manáos não pertencia ao Brazil, tanto que quando tinha ido para a guerra do Acre fôra para aquella cidade e de lá não sahira.

«Para compensar, uns outros soldados diziam que o Paraguay pertencia ao Brazil, porque nós o tínhamos vencido e, quando um povo vence o outro, toma-lhe as terras.

«Não quero eu tomar o vosso tempo continuando a referir a serie de disparates ouvidos.

«Em certa altura, o meu companheiro de sondagem, o nosso dedicado consocio 1º tenente Freire de Vasconcellos, exclamou: «É preciso acabar com isso» e eu propus: «Vamos fazer um raid contra o analfabetismo. Com o concurso dos então capitães Eduardo José Barboza, do 1º de cavalaria e Izidro de Figueiredo do 22º de infantaria, lançamos a ideia.

«Mas, apesar de ter sido prestigiada pelas autoridades militares superiores e de ter sido aprovada pelo Presidente Affonso Penna, que declarou que o governo dariá o premio que propôs — o busto em bronze do Duque de Caxias — apesar de tudo isso, a derrota foi completa, e a não ser as nossas, nenhuma outra unidade se inscreveu. O esforço não pôde ser tentado, o raid não se realizou.

«A patrulha recolheu-se batida pelo descaso. Foi infeliz a sortida.

«Historiada essa derrota, mostremos que o dever nos assiste de encarar de frente o problema e de resolvê-lo, que é uma questão de brio patriótico, é uma questão de consciência profissional.

«Para provar o é suficiente lembrar que o artigo 25 do actual regulamento para instrução e serviço interno dos corpos arregimentados diz: «o oficial, em todos os ramos de instrução, é simultaneamente instructor e educador»; que o artigo 72 desse regulamento, na discriminação que faz dos assumptos de educação moral a ensinar aos recrutas, já na 3ª semana de praça, exige que se dê aos recrutas «noções rudimentares de geographia e historia patria e, na parte de instrução militar theorica, manda ensinar «noções de balística elementar»; e na 12ª semana, «noções sobre a administração da companhia e sua escrituração».

Demais: o § 2º do artigo 14 exige que a disciplina «seja intelligente, paterna e digna»; e o § 4º afirma «a disciplina só é real e proveitosa quando se traduz em actos voluntários do subordinado, dictados pelo desejo de cooperar livremente para a espinhosa missão da corporação a que pertence, isto é pelo sentimento do dever collectivo e não pelo medo que porventura possam inspirar-lhe os castigos previstos na lei.

Todo o empenho do superior deve consistir em inspirar aos seus commandados tão fecundas disposições moraes.»

Pergunto, meus camaradas, será paterno, intelligente e digno, para nós officiaes brasileiros, restituir á nação, depois de alguns annos de ser viço, ainda analphabetos os soldados trazidos ás fileiras pelo processo anachronico e contraprodutivo do voluntariado?

Além disso, o serviço em todas as armas cada vez se torna mais difícil, hoje que a vulnerabilidade das formações compactas impõe a adopção de formações menos densas; que a exploração estratégica e tactica exigem argucia e perspicacias cada vez maiores, tanto dos officiaes e sargentos que commandam as patrulhas, como dos soldados que compõem essas antennae vivas lançadas no desconhecido em busca do inimigo.

Demais, as baixas causadas pelo fogo fazem desaparecer rapidamente os quadros, por isso a instrução do soldado deve ser tão apurada como a dos cabos de esquadra. Ora hoje ninguém mais admite um cabo de esquadra analphabeto: é indispensável, por conseguinte, que o soldado não o seja; mesmo, porque, quanto mais aperfeiçoada é uma determinada machina, mais instruído deve ser o machinista, e os canhões e metralhadoras modernas são, presentemente, quasi instrumentos de precisão e requerem habeis machinistas, de onde a necessidade de homens de inteligencia atilada e vivaz, capazes de bem utilizar as suas armas. Além d'isso o soldado de hoje não é mais uma machina humana, porém

uma intelligencia que sabe ver e decidir, uma vontade que sabe querer e actuar, um coração que sabe amar e sacrificar-se.

«E, por essa razão, o artigo 293 do regulamento de infantaria exige que o oficial «fortifique a sua alma no tempo de paz para poder cumprir na guerra a sua elevada missão.»

«Ora, um dos meios mais efficentes para fortalecer a alma humana é a pratica de actos de abnegação; por esse motivo si o simples dever profissional não nos obrigara a combater o analphabetismo, deveríamos ensinar a lér os nossos soldados, porque assim cumpriríamos abnegadamente um dever fraternal e patriótico.

«Varios outros artigos, alem dos citados, existem nos regulamentos das armas, á vista dos quais bem patente se torna a necessidade de não existirem analphabetos nas fileiras do exercito.

E um desses artigos é tão formal e explicito que bastaria tel-o citado para me dispensar de fazer qualquer outra referencia.

«É o artigo 118 do «Regulamento para instrução e serviço interno», cujos termos estão redigidos de forma tal, que si tivessemos o hábito de cumprir os nossos regulamentos, sómente existiriam agora analphabetos no Exercito, dentro da classe dos recrutas.

«Eis os termos tão taxativos d'esse artigo: «Os capitães fiscalizároam com solicitude o ensino ministrado a seus commandados. Considerarão questão capital não haver analphabetos na companhia de seu comando, por occasião da respectiva revista de inspecção.

Para obterem tal resultado poderão, si fôr necessário, escalar praças habilitadas para auxiliarem o adjunto (da escola regimental). O tenente coronel e o major do corpo velarão para que não haja irregularidade e pouca dedicação no ensino».

«O artigo diz questão capital. Isto é: questão de honra, questão de dignidade. Infelizmente, segundo nos parece, por algum motivo sem dúvida de valor, nas revistas de inspecção das companhias, baterias, e esquadrões, não se tem encarado com o devido rigor este aspecto importantíssimo da instrução profissional, talvez porque as attenções se tenham concentrado sobre outros pontos do preparo da tropa.

«Penso ter demonstrado que é indispensavel combater o analphabetismo no Exercito, que é um dever de honra para nós.

«Para mostrar que é possivel extinguir o analphabetismo nas fileiras do Exercito, recordarei que, em 1858, um dedicado apostolo da causa da instrução no Brasil, o benemerito professor Francisco Alves da Silva Castilho, que acaba de falecer na idade de 96 annos, conseguiu em tres meses e tres dias, de 24 de Setembro a 27 de Dezembro do citado anno, preparar uma turma de soldados do 1º batalhão de infantaria escolhidos, segundo o attestado do capitão Innocencio J. C. de Albuquerque, dentre os analphabetos mais estúpidos do batalhão, turma que ao professor Castilho fôra confiada para demonstração do seu excellente methodo.

«O que se obteve em 1858 não se poderá obter 57 annos depois?

«Temos em nossas fileiras pessoas com capacidade bastante para obtenção de tão brilhantes resultados, affirmo isto sem medo de errar. Para provar-o pedirei a vossa attenção para os resultados admiraveis que têm sido apresentados

nos exames de recrutas, em todas as armas, resultados que honram a nossa joven officialidade, porque constituem provas irrecusaveis de sua capacidade e dedicação; lembrar-vos-ei que nas 12 semanas do ensino de recruta, os instructores ensinam coisas muito mais dificeis do que o conhecimento das letras e das suas combinações, logo poderão e deverão tambem ensinar a ler nesse periodo.

«Claro é, porém, que se o ensino dos analphabetos continuar contiado ao professor da escola regimental, principalmente si as aulas continuarem a funcionar de dia, será muito mais dificil eliminar o analphabetismo dentro do periodo do ensino de recruta, mas se as aulas para os analphabetos passarem a ser dadas nas companhias, essa eliminação se fará dentro desse prazo, com relativa facilidade e muita honra para os capitães das companhias e para seus auxiliares.

«Si, dos regulamentos militares, passarmos á lei mater da Republica, encontraremos no art. 14 da Constituição, mais uma razão eloquente para afirmarmos que é um dever de honra para o official brasileiro, combater o analphabetismo.

«Com efeito esse artigo preceitua:

«As forças de terra e mar são instituições permanentes destinadas à defesa da pátria no exterior e à manutenção das leis no interior.»

«A força armada é essencialmente obediente dentro dos limites da lei aos seus superiores hierachicos e obrigada a sustentar as instituições constitucionaes.»

«E preciso, portanto, que o soldado conheça a lei, não só para que conscientemente saiba mantê-la no interior, como tambem para poder discernir os limites dentro dos quais deve obedecer, para fazel-o com criterio e acerto.

«E não se pense que esses dictames digam sómente respeito aos que exercem comando, porque a obediencia passiva, nos exercitos das nações republicanas, só é admissivel sob o ponto de vista estrictamente tactico ou estrategico.

«O art. 14 da Constituição definindo o objectivo cívico da força armada implicitamente exige que o official combatá o analphabetismo, pois, para que o soldado seja capaz de defender a Patria, com a abnegação que essa função sagrada requer, é indispensável que elle saiba amal-a devotadamente; e para poder amal-a assim, indispensável é que a conheça; e conhecê-la não pode, quem não tiver, ao menos noções geraes do seu corpo physico, pelo estudo da geographia, que ensina como a pátria se prolonga no planeta e do seu corpo physico pelo estudo da historia, que nos revela o seu retrato moral, atravez dos tempos, desde o momento em que destas plagas, Pero Vaz Caminha mandou para Portugal a sua comunicação: «a terra tão gracia é e tão gentil, que querendo-a aproveitar dár-nella tudo quanto ha.»

«Camaradas de mar e terra! mostremo-nos dignos da herança grandiosa com que a Natureza nos honrou, dando-nos como Patria à formosa terra brasileira, e lembremo-nos, sempre que a grandeza das nações se avalia não pela extensão do seu territorio e pelas suas riquezas naturaes, porém pela instrucção do seu povo e pela justiça de suas leis.

«Combatamos o analphabetismo! Extirpem o das nossas fileiras. Procedendo assim, cumprimos com honra o nosso dever de soldados e de cidadãos.»

Que as paginas da *Defesa Nacional* levem a todas as unidades do Exercito e da Marinha estas palavras, que os meus camaradas meditem sobre elles e lhes prestem o seu apoio valioso e indispensavel. Si eliminarnos o analphabetismo das nossas fileiras, prestaremos á Pátria um serviço tão importante, como o de garantirmos de armas em punho, a sua integridade.

Rio, 7 de Setembro de 1915

Major R. Seid.

Preparação pessoal do oficial

O Boletim do Ministerio da Guerra e da Marinha do Perú publica em seu numero de 30-4-15 sob o titulo «Curso de Tactica», uma conferencia feita pelo capitão F. Melgár, na Escola Militar.

Por nos parecer interessante trasladamos para aqui o seguinte trecho dessa conferencia.

**

Expôr os principios simples e pouco numerosos da luta pelas armas; procurar esclarecê-los; tratar em seguida de applicá-los: tal é o objecto do curso de tactica.

Para estabelecer sua forma geral basta folhejar um documento bastante conhecido e que deve ser a obra de consulta, inseparável do oficial — tanto quanto o Regulamento do Serviço em Campanha.

Este documento é o nosso Regulamento de Manobras, cujo art. 270 diz: «A reflexão e o estudo dos feitos de guerra mais recentes preparará os chefes para cumprir a tarefa que lhes incumbe no campo de batalha.» E acrescenta: «Nenhuma regulamentação precisa pôde substituir esta preparação inteiramente pessoal que é indispensável aos officiaes.»

Estas linhas traçam as grandes directivas do nosso curso.

Durante o curso expôremos principios e processos que seriam estéreis si fossem puramente theoricos, e que será por conseguinte necessário vivificar com o exemplo historico e materializar pela applicação.

Tomaremos então exemplos das campanhas do ultimo seculo, que os alumnos se verão obrigados a consultar na historia militar; afim de collocar cada facto em seu scenario real e completo.

Quanto á applicação dos principios a certo numero de circumstâncias particulares, será esboçada em diversos casos concretos.

Semelhante gymnastica intelectual — o estudo do caso concreto — constitue no mais alto grau e debaixo de sua melhor forma, a «preparação pessoal» preconizada com tanto acerto pelo Regulamento; e não tem absolutamente por objecto investigar formulas, schemas, nem panaceias inaplicáveis, porque na guerra tudo é caso particular, porém adquirir o habito, a mentalidade, o metodo, graças aos quaes toda situação de guerra se esclarece quasi instantaneamente, embora de modo incompleto, mas suficiente.

Nada poderia pois substituir-a para formar o senso tactico do chefe, desenvolver nello o espírito de ordem e de decisão, e pô-lo em estado

de em qualquer circunstância, pelo simples jogo de seus reflexos cerebraes tomar uma resolução rápida e justificada.

Porque este é o ideal que se deve attingir: posto em presença de uma situação tactica determinada, todo oficial deve poder, tanto no silencio do gabinete como em pleno campo, quer se trate de uma fieção de estudo ou de uma realidade de campanha, resolvê-la logicamente em tempo mui curto, isto é, apresentar uma solução aceitável e traduzi-la em ordens claras.

Assim se explica a parte tão ampla deixada hoje aos exercícios tacticos de applicação sobre a carta e sobre o terreno, com tropa e sem tropa.

Este genero de preparação para a guerra deve cultival-a o chefe em todos os instantes; iniciando a desde o começo de sua carreira, tem a obrigação estricta de continual-a e aperfeiçoá-la durante toda a sua vida militar.

El servicio militar obligatorio

O jornal montevideano «El Telegrafo» publicou em seu numero de 31 de Agosto ultimo, sob o titulo supra, o artigo que, a seguir, transcrevemos.

Reconocer la realidad de las cosas e ponerse dentro de ella, eis o que falta áquelles que se deixam encantos na defensiva puramente passiva, adoptando o edenico «laisser aller, laisser passer» diante de circumstancias hostis que justamente deveriam ser aproveitadas como mais um motivo para a accion energica.

O actual momento economico brasileiro é mais uma rasão, quiçá a mais ponderosa, para ser levado o ataque envolvente ao nosso problema militar: **a solução más económica, a unica solución económica é o servicio militar obligatorio.**

«En oposición a la propaganda iniciada hace algún tiempo en pro de la defensa nacional y del servicio militar obligatorio, se ha manifestado un movimiento de opinión tendiente a resistir aquellos propósitos, considerándolos perjudiciales del doble punto de vista patriótico y humanitario.

Las razones que se invocan para justificar esa resistencia tienen un indudable fondo de verdad, que puede contribuir a prestigiar el movimiento a que nos referimos, si no se precisan convenientemente los términos, demonstrando que lo que aquellas razones encierran de valedero e oportuno no es inconciliable con la aceptación del servicio obligatorio y de una prudente preparación de la defensa nacional.

La aspiración de la paz, como ideal de organización interna y de armonía internacional, no puede ser discutida: se identifica con el natural desenvolvimiento de la vida de civilización. Todo lo que pueda concurrir a demorar la realización de ese ideal, fomentando propensiones guerreras, estimulando gra-

tuitamente sueños de gloria militar y enconzando odios y recejos de pueblo a pueblo, debe considerarse fundamentalmente nocivo y reaccionario. El espectáculo que en estos momentos ofrece la parte más civilizada y culta de la humanidad, como resultado lógico de la "paz armada" de medio siglo, es una demostración sobrado elocuente del fin en que forzosamente rematan semejantes tendencias.

Pero lo que se pide por los que desean la implantación del servicio obligatorio y da adopción de ciertas medidas de previsión y de defensa nacional ¿es la militarización del país; es la orientación del espíritu público en el sentido de ideales guerreros y de enconos internacionales?

A nuestro entender, hay en los que así interpretan aquella propaganda, lamentable equivocación.

Toda la energía con que se profese el ideal de la paz, no puede llevar al desconocimiento de una verdad tan evidente como la de que la paz es, y será por mucho tiempo todavía, un bien precario en el mundo: un bien que impone, por lo tanto, el deber de habilitar-se para defenderlo por medios más positivos y eficaces que la **posesión inerme del derecho**.

Reconocer la realidad de las cosas, y ponerse dentro de ella — sin apartar por eso la mirada del ideal lejano y generoso — es la única maneira práctica, la única sensata, de trabajar por este mismo ideal. Mientras la paz no esté suficientemente garantida por el progreso de las ideas y de los sentimientos colectivos, el deber de conservación exigirá de cada pueblo, **no la preparación para agredir, pero sí la capacidad de defenderte**.

Mientras se contengam dentro de los límites determinados por esa capacidad, los esfuerzos por aumentar los medios de acción de la República estarán al abrigo de toda crítica aceptable.

En cuanto al servicio militar obligatorio, tiene un significado de educación cívica y una transcendencia de organización nacional, que debieran pre-valcer, en la mente de sus impugnadores, sobre los reparos de que se le hace objeto. Nadie puede desconocer que la actual forma de reclutamiento militar constituye un sistema esencialmente inconciliable con el espíritu de una democracia, puesto que establece vallas infranqueables entre el ciudadano y el soldado, poniendo la fuerza pública en manos de elementos permanentemente sustraídos a las actividades de la vida cívica y sin verdadero contacto con el público.

Propender a que la fuerza pública esté en las manos del pueblo, siendo el soldado y el ciudadano dos faces de una misma personalidad, es, sinduda, un ideal de civismo, cuya realización, no puede ser obra de un día — ni tal se pretende, — pero que importa preparar desde ahora.

Vencimentos em atraso Ainda ha dois meses apenas no nosso n. 23, pag. 364, numa notícia sob o título «Da Província» tratamos deste mal militar para o qual ainda não apareceu esperança de remedio.

Poucos dias depois, os diários desta capital noticiavam que se estava a providenciar sobre o pagamento de uma das companhias de infantaria do Acre cujo atraso chegava a quasi dois annos! Agora nos chegam informações officiaes do Rio Grande do Sul das quaes consta que por occasião da recente remodelação daquella região militar muitos corpos estavam com os vencimentos em atraso de 4 a 7 mezes.

Do Boletim de 1-9-1915 da 7^a R. e 5^a D. em que o inspector interino ao entregar o cargo a seu substituto efectivo rememora as providências tomadas para dar cumprimento á remodelação, consta o seguinte:

«... Pelo moralisador aviso n. 328 de 27-2-15 as unidades extintas e sem efectivo deveriam saldar todos os seus compromissos pecuniários com os saldos dos conselhos administrativos, recorlhendo o excedente aos cofres da Delegacia Fiscal.

Tal medida que aplaudi sem restrições, trazia porém em seu bojo o retardamento da organização da nova região, dada a precária situação dos cofres publicos.

Todas as unidades se achavam com seus vencimentos atrasados de ha muitos mezes: o 7º regimento de cavalaria desde setembro, o 4º batalhão de engenharia desde dezembro, quer dizer de 7 a 4 mezes, importando tudo isto em centenares de contos de réis.

Era no entretanto necessário pagar todos os vencimentos atrasados para que os conselhos administrativos das unidades pudessem solver seus compromissos.

Fiz então meticulozo estudo da situação desses corpos quanto a pagamentos e appellei para o Sr. Luiz Vossio Brígido, um funcionario que faz honra ao quadro da fazenda federal, encontrando nesta alta autoridade o mais franco apoio e todo o esforço para remover as dificuldades quasi insuperaveis que se apresentavam...»

LIVROS RECEBIDOS

Guia para trabalhos de campanha, pelos tenentes do Exercito Anatolio Breckel e E. Lucio Esteves, 2^a edição, adoptado na Brigada Militar do Rio Grande do Sul.

O cavalleiro em campanha pelo 1º tenente Nilo Val; 1º volume de uma série.

O factor marítimo da conflagração europeia, pelo cdte. A. C. Souza e Silva.

* * *

O Guia para trabalhos de Campanha. — Da Brigada Militar do E. do Rio Grande do Sul, é uma traducção e compilacão feita por dois dedicados profissionaes em comissão naquella Brigada.

Trabalho de incontestavel cunho pratico e que pôde ser vantajosamente consultado pelos camaradas, enquanto o Exercito aguarda o regulamento desses assumptos;

Considerações sobre o fim e o emprego da fortificação de campo de batalha — utilização dos cobertos e obstáculos do solo — construção de máscaras individuais e de trincheiras — perfis e traçados — construção das trincheiras — organização dos pontos de apoio — métodos de ensino pratico — granadas de mão — passagens de cursos d'água — utensílios — etc.

Muito agradecidos.

EXPEDIENTE

A Defesa Nacional deixa aos seus colaboradores a inteira responsabilidade das opiniões que emitirem em seus artigos.

Balanço da Thesouraria no 2º anno

Importâncias recebidas de 21 de Setembro de 1914 até 20 de Setembro de 1915

	Rs.		Rs.		Rs.
M. G.	130\$000	Transporte	2.969\$000	Transporte	5:317\$000
Gr. E. M.	305\$000	3º R. I.	165\$000	3º R. Art.	45\$000
D. G.	53\$000	52º Cac.	157\$000	3º B. Art.	45\$000
G. 2.	85\$000	56º Cac.	70\$000	4º B. Art.	30\$000
G. 4.	45\$000	1º C. Metr.	95\$000	6º B. Art.	10\$000
D. A.	65\$000	1º R. Cav.	83\$000	7º B. Art.	35\$000
IX e V Região	112\$000	13º R. Cav.	312\$000	8º B. Art.	30\$000
VIII e IV Região	68\$000	1º E. Trem	49\$000	9º B. Art.	70\$000
1º Br. E.	28\$000	1º Pel. Est.	33\$000	16º G. Art.	40\$000
Br. Mixta	53\$000	1º R. Art.	353\$000	18º G. Art.	95\$000
Br. Pol.	133\$000	3º G. Ob.	98\$000	C. Barbacena	110\$000
Arsenal	73\$000	20º Gr. Mont.	20\$000	Coll. P. Alegre	145\$000
F. Realengo	60\$000	1º B. Art.	150\$000	S. Gabriel	185\$000
Escola Realengo	87\$000	2º B. Art.	123\$000	Curytyba	165\$000
Alumnos Realengo	354\$000	1º B. Eng.	254\$000	Piquete	113\$000
Escola E. M.	398\$000	50º B. Cac.	63\$000	XII e VII R.	218\$000
Coll. Mil.	115\$000	53º B. Cac.	60\$000	Carta Geral	80\$000
Com. Fort.	60\$000	8º R. I.	60\$000	Fort. Santos	45\$000
Imbuhy	85\$000	5º R. Cav.	30\$000	Avulsos	2.041\$000
Copacabana	123\$000	11º R. Cav.	75\$000	Fascículos	166\$400
1º R. I.	364\$000	12º R. Cav.	68\$000	Juros	24\$500
2º R. I.	173\$000	15º R. Cav.	30\$000		
A transportar	2.969\$000	A transportar	5.317\$000	Total	8.999\$900

Despezas com a Revista

12 numeros de 32 paginas, a 1000 exemplares	4.800\$000
50 exemplares a mais, n. 24	12\$000
12 paginas a mais, ns. 13 e 19	150\$000
Capas	540\$000
Indice annexo ao n. 24	50\$000
Outros annexos (ns. 13, 14 e 22)	63\$000
Clichés e tabellas	95\$000
Faces internas da capa do n. 13	20\$000
Excesso de corpo 8 (mais de 1/4) 43 a 2\$500	107\$500
Diversas despezas de papelaria	322\$900
Sellos, registro e telegrammas (um de 23\$800)	388\$200
Carregadores e portadores	212\$900
Auxiliar de escripta	82\$000
Auxiliar de expedição	120\$000
Despezas extraordinarias	91\$500
Aluguel da caixa postal 1602	40\$000
Somma	7.095\$000
SALDO BRUTO	1.904\$900

Despezas com o Griepenkerl

Doze resmas de papel Boufiant	264\$000
Dostrar e grampear os fascículos	45\$000
Carregador	18\$000
Saldo líquido do 2º anno	327\$000
Saldo líquido do 1º anno	1.577\$900
SALDO TOTAL	2.200\$900

Representantes da "A Defeza Nacional"

«O grupo mantenedor da *A Defeza Nacional* reconhece em seus representantes junto aos corpos de tropa, repartições e estabelecimentos militares, merito equivalente ao de seus collaboradores litterarios e o caracter de verdadeiros propagandistas da causa deste orgão, synthetisada em seu titulo.» (Art. 1 da Circular n. 6, de 24-5-915.)

No Rio de Janeiro

M. G. — 1.º Tte E. Leitão de Carvalho.
Gr. E. M. — 1.º Tte Arnaldo D. Vieira.
D. G. — Cap. J. A. Coelho Ramalho.
G. 2 — Cap. M. H. da Costa Santos.
G. 4 — 1.º Tte A. C. Pitta.
D. A. — Coronel Príncipe.
3º D. — 2.º Tte Columbano Pereira.
IV R. — 1.º Tte A. G. de Souza Mendes.
4º Br. C. — 1.º Tte O. Villa Bella e Silva.
6º Br. I. — Cap. Barros Barretto.
Br. Pol. — 1.º Tte M. Castro Ayres.
1º R. I. — 1.º Tte J. F. Juca.
2º R. I. — 1º Tte Octaviano Gonçalves.
3º R. I. — Cap. Dr. Alves Cerqueira.
52º Caç. — 2.º Tte Maciel da Costa.
56º Caç. — 1.º Tte Corbiniano Cardoso.
1ª Cia. Metr. — 2º Tte A. Cesar da Cruz.
Arsenal — Major Heitor C. Borges.

1º R. Cav. — Aspirante Oswaldo Rocha.
13º R. Cav. — 2º Tte Sylvestre Mello.
5º Br. I. — 1.º Tte Jucá.
1º E. Trem — 2.º Tte Cedar Marques da Silva.
1º R. A. — 1.º Tte Manoel de B. Lins.
20º G. Art. — Aspirante Mario Teixeira Netto.
3º G. Ob. — 2.º Tte Fiuza de Castro.
1º Bat. Art. — Cap. F. Escobar de Araujo.
2º Bat. Art. — 1º Tte Octaviano Leão.
Imbuhy — Cap. Dr. Guimaraes.
Copacabana — 1.º Tte F. J. Pinto.
1º Bat. Eng. — Tte Procopio de Souza Pinto.
Comm. Fortificação — 1.º Tte J. Francisco Duarte.
E. M. — Realengo, Sr. Agenor Carlos Brandão
Alumno Thimotheo F. Machado.
E. E. M. — P. Verm., 1.º Tte Eloy de S. Medeiros.
Coll. M. — 2.º Tte Q. de Castro e Silva.
2.º Tte Maximiliano Fonseca (interino)
Fabr. Realengo — 1.º Tte Freire de Vasconcellos

Fóra do Rio de Janeiro

47º Caç. — Belém, Aspirante Tristão Araripe.
50º Caç. — Bahia, 2.º Tte Leal de Menezes.
53º Caç. — Lorena, 1.º Tte Mauricio J. Cardoso.
5º R. Cav. — S. Luiz, Tte Cel Leovigildo Paiva.
11º R. Cav. — Bagé, 1º Tte L. Almada Rodrigues.
12º R. Cav. —
15º R. Cav. — Aspirante Manoel Brilhante.
II Br. Cav. — Alegrete, 1.º Tte J. Avelino da Cunha.
Coll. Barbacena — 1º Tte Eduardo C. de A. Sá.
Coll. P. Alegre — 1.º Tte Vicente da Fonseca.
S. Gabriel — 1.º Tte Glyerio Gerpe.

VI Reg. — Capitão O. G. de Senna Braga.
VII Reg. — 1.º Tte Amaro Villa Nova.
3º R. Art. — Cruz Alta, 1.º Tte G. P. Fontoura.
43º B. Caç. — Ipanema, Capitão Evandro E. S. Lima.
6º B. Art. — Bahia, Tte Cel Pimenta.
9º B. Art. — Rio Grande, Tte Eliezer Jobim.
16º Grupo — Major Ramiro Souto.
18º Grupo — Bagé, 1º Tte Salvador Obino.
Fabr. de Piquete — 1.º Tte Antonio R. de Rezende.
Fabr. Estrella — 2º Tte Maciel da Costa.

O PAGAMENTO das assignaturas é adiantado e deve ser effectuado ao mais tardar no seu segundo mez. Os recibos são expedidos adiantadamente com o ultimo numero da assignatura. Pagamentos a qualquer representante ou a qualquer dos mantenedores ou á Papelaria Macedo, Rua da Quitanda, 74. Semestre, 5\$000; Anno, 10\$000.